

Dicionário Kardec



SUIRATTIGASECINEREBAMOCHA
UMSCEPHEUSDLAARONIMSINACS
NOIROOIRGOEANMESUPULCIRAC
INXSVSASROIRCETUSG5IRLIEU
HOYAKUENCRATERTNAUCROSNLL
PCPUSPFFCOIMSRALIHAAUSNAUP
LETKSETOOBSUNROCIRPACASMT
ERESILARTSUAANOROCELOTEUO
DOBXNYLOAALMUVRIASGIFXCTR
RSAAMRONULDUESECEBAAIESUO
AEEIRAAARBILANTPERSEUSICJ
CLQEBRSBUEAUTELRAPUSMGPSA
OUUPEONOSUNGYCARIIESIPPUPM
LCUOUJERIDANUSSRONIMOEELEA
URLICAMELOPARDALISUIPROCS
MEESHMWANTLIAAZNDENSEOBER
BHUSASGLACERTARDYHAIEGNHU
AYSAMINIMEGTAPHOENIXURCTR
NDNCANESVENATICIDHATTIGAS
ARAGEAQUARIUSHURSRABIYZUA
CUTALCORVUSURGOMULUCITERM
USCTELES COP IUMRSDROT CIPUI
THOROLOG IUMUEFORNAXHAILSN
TRIANGULUMODARODISUCUIHPO
AGIRUAQUILALUCEPLUVOLANSR



Carlos Alberto Mourão Jr.
Ely Edison Matos
Ricardo Baesso de Oliveira

Dicionário Kardec

Verbetes baseados nas obras de Allan Kardec

Carlos Alberto Mourão Jr.
Ely Edison Matos
Ricardo Baesso de Oliveira

Dicionário Kardec

Verbetes baseados nas obras de Allan Kardec

Carlos Alberto Mourão Jr.

Ely Edison Matos

Ricardo Baesso de Oliveira

1ª edição

Data da publicação: 20/12/2023

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Londrina, Paraná

www.oconsolador.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

M89d

Mourão Jr., Carlos Alberto

Dicionário Kardec / Carlos Alberto Mourão Jr., Ely Edison Matos, Ricardo Baesso de Oliveira ; revisão e capa: Ely Edison Matos. - Londrina, PR : EVOC, 2023.

276 p.

1. Espiritismo – Estudo e ensino. 2. Espiritismo - Dicionários. I. Matos, Ely Edison. II. Oliveira, Ricardo Baesso de. III. Título.

CDD 133.903 19.ed.

Bibliotecária responsável: Maria Luiza Perez CRB9/703

Apresentação

Um livro é, antes de mais nada, uma construção humana. Por conseguinte, qualquer doutrina baseada em livros, também é uma construção humana. Dentro dessa linha de raciocínio, o Espiritismo — escrito e codificado por um homem chamado Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec) — é uma obra humana.

Allan Kardec, um ser humano como todos nós, era regido pela razão e pela emoção; o mesmo ocorria com os médiuns que possibilitaram o seu trabalho. A razão humana, agindo dentro de seus limites, visa seguir os postulados da lógica; já a emoção tinge nossos pensamentos e nossas ideias, fazendo com que, todas as nossas construções teóricas sejam — ora mais, ora menos — parciais e enviesadas.

É impossível separar a emoção da razão. Assim, tudo que Kardec escreveu, bem como tudo que escrevemos na elaboração deste Dicionário, foi feito com uma perspectiva, com um ponto de vista, em um espaço-tempo, e dentro dos limites do possível e do humano.

Nosso intuito nesta obra é apresentar, além dos verbetes escolhidos a partir de *O livro dos Espíritos*, também um pouco de nossa perspectiva, de nossa interpretação, de nossa visão. Como somos três autores, nem sempre houve consenso em nossas posições; então, prevaleceu a decisão da maioria, já que um número ímpar de autores descarta a possibilidade de empates inconciliáveis (ainda bem).

Com efeito, a tarefa de escrever algo sobre o Espiritismo não é tarefa fácil; não deve ter sido para Kardec, nem foi para nós, os autores. Ocorre que há dois aspectos bastante distintos na doutrina: um é o aspecto empírico, associado às experiências com a mediunidade, a partir da qual foram apresentados vários pontos doutrinários. A mediunidade, com as limitações a que está sujeita, e da forma como a compreendemos hoje, é um fenômeno humano. Outro aspecto da doutrina é o filosófico, que está no campo da razão, compreendida pelas ideias, pelas deduções, pela lógica, pelo raciocínio. Neste aspecto, que geralmente não pode ser experimentado, estão também alguns pontos considerados doutrinários. As dificuldades surgem quando esses dois aspectos se misturam muito. Por exemplo, a vida em outros planetas é uma questão essencialmente filosófica: os argumentos (contra ou a favor) são basicamente racionais e dedutivos, uma vez que a ciência experimental ainda não pode se posicionar nessa questão de uma forma clara. Quando associamos esta questão filosófica com a questão experimental (a manifestação mediúnicidade de seres extraterrestres), a questão se torna ainda mais indefinida e sujeita

a avaliações baseadas em crenças pessoais. Afinal, não há mecanismos — pelo menos ainda — que permitam sua comprovação (nem da fidedignidade do fenômeno mediúnico, nem da realidade daquele ser espiritual específico).

Na impossibilidade de se chegar a conclusões definitivas em impasses como esses, onde tanto o racionalismo quanto o empirismo apresentam lacunas, só nos restou colocarmos no texto nossa opinião, em que pesem todas as limitações e tendenciosidades às quais as opiniões estão sujeitas.

Assim, embora a proposta de um “Dicionário de Kardec” seja, tecnicamente, apenas clarificar as ideias kardequianas, entendemos que deveríamos oferecer nossa contribuição a essas ideias, colocando-as no contexto atual. Esta opção tem duas razões: primeiro, porque de meados do século XIX para o início do século XXI houve uma grande evolução no campo do conhecimento — basta imaginarmos o que Kardec teria escrito em sua obra, se tivesse os conhecimentos e o acesso à informação que temos hoje; segundo, porque supomos que talvez pudesse ser interessante compartilhar com o leitor as reflexões, as dúvidas e as indagações de três almas — nós, os autores — cada uma com mais de meio século de vida terrena e algumas décadas de estudo e prática do Espiritismo.

Por tudo isso, sempre que nosso “coração” pediu a inclusão de nossos comentários, nós o fizemos; se ainda não fosse, este Dicionário seria somente mais uma compilação de conceitos, e não uma genuína obra humana.

Os autores
Juiz de Fora, primavera de 2023

Sumário

Esclarecimento Inicial.....	1
Aborto.....	6
Adão.....	10
Adolescência.....	12
Adoração.....	13
Alma.....	14
Almas Gêmeas (Metades Eternas).....	16
Animal.....	18
Assassínio.....	21
Autoconhecimento.....	22
Bem e Mal.....	28
Caridade.....	30
Castigo.....	35
Ciência e Espiritismo.....	36
Clarividência.....	38
Conservação.....	39
Contradições na Comunicação dos Espíritos.....	40
Contraditores da Doutrina Espírita.....	43
Convulsionários.....	46
Cursos de Espiritismo.....	48
Destrução.....	50
Deus.....	52
Dupla Vista.....	59

Egoísmo	61
Emancipação da Alma	66
Encarnação dos Espíritos.....	67
Erraticidade.....	73
Escala Espírita	74
Escolha das Provas.....	75
Esferas	77
Esmola.....	78
Espírita	82
Espíritos Protetores.....	84
Espiritualismo.....	86
Esquecimento do Passado.....	87
Eutanásia	88
Evolução	90
Expição.....	93
Êxtase	94
Falhas Ortográficas.....	95
Fatalidade	97
Felicidade	99
Flagelos Destruidores.....	102
Fluido.....	105
Formação dos Mundos	107
Formação dos Seres.....	109
Geração Espontânea	112
Guerras.....	114
Hereditariedade.....	115

Ideias Inatas	117
Identificação dos Espíritos	118
Idiotismo	120
Igualdade	122
Infância.....	124
Influência do Organismo.....	125
Influências do Médium e do Meio	129
Instinto	131
Justiça.....	135
Lei Natural	141
Letargia	143
Liberdade	144
Ligação do Espírito ao Corpo.....	146
Livre-arbítrio.....	148
Loucura	150
Magnetismo	155
Matéria.....	157
Materialismo	159
Médium	160
Mediunidade	162
Mesas Girantes.....	168
Metempsicose.....	170
Misoneísmo.....	171
Missão.....	172
Moral.....	174
Morte	175

Mundo Espiritual.....	177
Necessário e Supérfluo.....	179
Obsessão	181
Paixões.....	185
Panteísmo.....	188
Pena de Morte.....	190
Penas e Recompensas.....	191
Percepções e Sensações dos Espíritos.....	196
Perispírito.....	199
Perturbação Espiritual.....	201
Plantas	203
Possessão.....	205
Prece.....	207
Pressentimentos	209
Princípio Vital.....	211
Privações Voluntárias.....	216
Progresso.....	218
Progressão dos Espíritos	221
Progresso Social	224
Prova.....	227
Psicologia	228
Raça Adâmica	229
Raças.....	232
Reencarnação.....	233
Reprodução.....	237
Sacrifício.....	239

Sexos nos Espíritos.....	240
Simpatias e Antipatias	243
Sociedade	245
Sonambulismo.....	246
Sono e Sonhos.....	247
Sufrimento	250
Suicídio	254
Tiptologia.....	257
Trabalho	258
Vocação.....	261
Vontade.....	262
Bibliografia.....	264
Autores	266

ESCLARECIMENTO INICIAL

Dispor-se a comentar um conjunto de obras escritas há cerca de 160 anos mostra, por si mesmo, o valor dessas obras. *O livro dos Espíritos*, em particular, e as demais obras de Kardec, em sua generalidade, são preciosidades da literatura filosófica.

A genialidade de Allan Kardec sobrepôs-se a inúmeros empecos decorrentes do cenário cultural de sua época, produzindo uma obra inigualável, que deve ser lida, relida e estudada sempre.

O que nos move nessa empreitada é revisitar os livros de Kardec, em especial *O livro dos Espíritos*, destacando alguns pontos que nos parecem relevantes e contextualizando alguns dizeres que hoje podem causar estranheza. Optamos por fazer isso através de verbetes, como um dicionário, à semelhança de outros disponíveis na literatura filosófica, onde o pensamento de grandes pensadores é examinado.

Algumas considerações iniciais nos parecem necessárias, a fim de que nossa iniciativa seja devidamente compreendida.

O pensamento construído por muitos de nós de que *O livro dos Espíritos* tem como estrutura fundamental perguntas formuladas por Kardec e respostas dadas por Espíritos superiores já não mais se sustenta para parcela significativa do movimento espírita, embora esse pensamento não seja geral.

É possível que isso tenha se verificado na primeira edição, de abril de 1857, com 501 itens. Mas, a partir da segunda edição e das edições seguintes, a estrutura de *O livro dos Espíritos* assumiu outro caráter, em que a lucidez e a inteligência de Allan Kardec se sobressaem de forma notável. A disposição do livro com perguntas e respostas parece ser muito mais pedagógica do que real. Muitas respostas não foram dadas pelos Espíritos e sim construídas por Kardec, obviamente, apresentando ideias que haviam sido colocadas pelos Espíritos, mas não necessariamente da forma como se lê na obra.

Kardec se valeu igualmente desse recurso didático na obra *O que é o Espiritismo*, em que o primeiro e o terceiro capítulos são estruturados com perguntas e respostas, todas elas redigidas por Kardec, e não diretamente pelos Espíritos. Sobre esse livro, justificando a estrutura

didática com perguntas e respostas, Kardec comentou: *a forma de diálogo nos pareceu mais conveniente, porque não tem a aridez do dogmatismo puro.*¹

Como exemplo, podemos nos reportar ao item número um de *O livro dos Espíritos*, em que se coloca como sendo dos Espíritos a seguinte resposta: *Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.* Quando examinamos a primeira edição (1857, com 501 itens), verificamos que esses dizeres não foram ditados pelos Espíritos, mas redigidos por Kardec, em nota proposta por ele. A partir da segunda edição (1860, com 1019 itens), Kardec achou por bem colocar essas palavras como sendo uma resposta dada pelos Espíritos. Um texto apresentado sobre a forma de perguntas e respostas trata-se de um recurso didático, utilizado anteriormente na literatura filosófica. Platão se valeu desse recurso em seus livros.

Devemos ressaltar que, mesmo que Kardec tenha parafraseado o ensino dos Espíritos, como parece ter acontecido, não acreditamos que ele tenha proposto princípios fundamentais sem anuência dos Espíritos. Pelo menos, é o que ele afirma:

A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram [...] Não produziu este livro outro resultado além do de mostrar o lado sério da questão e de provocar estudos neste sentido e rejubilaríamos por haver sido eleito para executar uma obra em que, aliás, nenhum mérito pessoal pretendemos ter, pois que os princípios nela exarados não são de criação nossa.²

Canuto Abreu faz estas observações ao redigir as notas iniciais à tradução da primeira edição: *O primeiro livro dos Espíritos de Allan Kardec, 1857.* Referindo-se à edição de 1857 (com 501 questões), ele acredita que, na primeira edição, o papel dos Espíritos foi de amplitude e importância quase absolutas. As respostas são textualmente as que foram dadas pelos Espíritos. Na segunda edição (1860, com 1019 questões), o caso é bem diferente. O papel do Homem sobreleva ao dos Espíritos. Os Instrutores ficam em segundo plano. Múltiplas são as fontes de ensinamento. Não houve, mais, para a parte acrescida, direta e ostensiva revisão e corrigenda dos Guias.

¹ KARDEC, A. Revista Espírita. Julho de 1859.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução. Item 17.

Prossegue Canuto, colocando que o discípulo se torna Mestre. Nivela-se o Aprendiz com os Instrutores. Julga. Critica. Distingue. Selecciona.

E, finalmente, conclui, mostrando que, na primeira edição, está a Doutrina Espírita segundo os Espíritos, liderados pelo Espírito Verdade. Na reimpressão de 1860, acha-se a Filosofia espírita segundo Allan Kardec, baseada, em parte, na Doutrina Espírita da primeira edição, e, em parte, no ensinamento de outros Espíritos, através de vários médiuns.

Na edição primitiva, temos o ensinamento espírita direto, imediato, genuíno, espontâneo, puro de origem. Na edição definitiva, vê-se o ensinamento espírita indireto, mediato, assimilado, meditado, depurado e cristalizado, estudado, retocado e coordenado pelo Homem.

Em virtude do exposto, alguns espíritas têm sugerido a supressão do qualificativo *codificador* a Kardec. Segundo eles, o trabalho de Kardec é muito mais autoral do que o de um mero codificador. Nem todos, no entanto, pensam assim, e muitos continuam referindo-se a Allan Kardec como o codificador da Doutrina Espírita e, às suas obras, como a Codificação Espírita. Cumpre ressaltar que o próprio Kardec, quando a segunda edição veio a lume (1860), elaborou apenas uma pequena nota explicativa, mas não redigiu um prefácio declarando claramente o quanto daquela obra era oriunda de respostas diretas vindas dos Espíritos. Não obstante, na Gênese (publicada em 1868), Kardec deixa mais claro o método que adotou para elaborar suas obras.

Outro ponto a ser considerado é o de que as colocações registradas por Kardec e referenciadas aos Espíritos nem sempre tiveram origem em Espíritos superiores. A leitura atenta da *Revista espírita* mostra que muitas das ideias formuladas em *O livro dos Espíritos* foram propostas por Espíritos de condição evolutiva mediana e, algumas vezes, por entidades recentemente desencarnadas e sem erudição de valor real. Para ilustrar, podemos nos reportar ao diálogo de Kardec com o Espírito conhecido como Dr. Xavier.³

Kardec reporta-se a ele como um médico de grande talento, falecido há alguns meses. Não se dizia espírita, embora houve se ocupado muito de magnetismo e lido *O livro dos Espíritos*. O diálogo de Kardec com a entidade desencarnada deixa evidente não se tratar de um Espírito superior. Ele confessa que sofre em decorrência do mal que fez. Apesar de tudo isso, Kardec faz a Xavier várias indagações e se vale de algumas

³ KARDEC, A. *Revista Espírita*. Março de 1868.

de suas respostas na segunda edição e edições seguintes de *O livro dos Espíritos*.

Algumas das colocações de Xavier são suspeitosas, como, por exemplo, quando afirma que a vida intrauterina pode ser comparada a da planta que vegeta. Igualmente suspeitosa é a ideia de que a união entre a alma e corpo na criança se dá *quando a criança respira, como se ela recebesse a alma com o ar exterior*.

Em nota, Kardec refuta essa informação de Xavier: *a teoria dada por este Espírito sobre o instante da união da alma ao corpo não é bem exata. A união começa desde a concepção, isto é, desde o momento em que o Espírito, sem estar encarnado, liga-se ao corpo por um laço fluídico que se vai reforçando cada vez mais, até o nascimento*.

Finalmente, precisamos considerar, ao estudarmos os textos kardequianos, as dificuldades com as quais se deparou o codificador.

Primeiro, o cenário científico da época. Vale ressaltar que *O livro dos Espíritos* foi redigido em um contexto no qual inexisteriam a Sociologia, a Genética, a Psicologia e a Antropologia. Prevalciam conceitos, hoje superados, como a geração espontânea tal qual era entendida àquela época e a crença em raças inferiores. O átomo era considerado como uma partícula indivisível e a teoria da evolução dava, lentamente, os seus primeiros passos.

As informações fornecidas a Allan Kardec pelo conhecimento da época, se comparadas com o atual estágio das diferentes disciplinas em nosso mundo, foram realmente um fator limitante com que ele teve de lidar. Certamente, por isso é que o codificador escreveu:

Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.⁴

Nossa proposta, por isso, é registrar o que, à luz dos conhecimentos atuais, seja correto, mas lembrando que, dada a evolução das ciências, a verdade de hoje poderá não ser verdade no futuro.

Um segundo ponto a ser destacado é o pouquíssimo tempo que dispôs Kardec. Lembramos que Kardec teve voltado seu interesse para os fenômenos mediúnicos em 1855 e desencarnou em 1869. Foram,

⁴ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 1. Item 55.

portanto, menos de quinze anos para produzir uma obra que abrange diferentes áreas do conhecimento humano.

E, finalmente, há que se considerar a natureza dos médiuns que Kardec possuía às mãos. Constituíam-se de pessoas de boa vontade, cujo mérito deve ser ressaltado, mas, absolutamente desconhecedoras dos princípios espíritas que estavam sendo construídos. Esses médiuns eram, em grande parte, pessoas identificadas com o pensamento religioso da época, geralmente católicos. Como toda comunicação mediúnica sofre influência do medianeiro, podemos avaliar os embaraços que os Espíritos sofreram para passar ideias novas, através de mentes fortemente arraigadas a conceitos antigos. Além do mais, os Espíritos que se comunicavam, ou, pelo menos, muitos deles, haviam militado nas hostes da religião cristã tradicional, com os seus vícios de pensamento. O viés católico pode ser identificado em muitos momentos da obra, como destacaremos oportunamente.

Naturalmente, não desejamos colocar ponto final em qualquer conceito trabalhado por Allan Kardec. Somos motivados nessa empreitada unicamente a provocar reflexões. Por meio dessas reflexões, desenvolvemos nossos recursos cognitivos e colaboramos, ainda que palidamente, na ampliação das discussões saudáveis do movimento espírita.

Pensamos que Allan Kardec, com a sua envergadura intelectual-moral, ficaria feliz em verificar que conceitos que não foram suficientemente desenvolvidos estão sendo, nos dias de hoje, ampliados e apresentados em consonância com o progresso científico e social de nossa época.

ABORTO

Para Kardec, o aborto provocado é crime, em qualquer período da gestação. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, pois isso impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.¹

Kardec admitiu uma única exceção: dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, então não haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda.² A exceção reconhecida por Kardec vem sendo nomeada como aborto terapêutico. Grande parte dos espíritas reconhece que tal exceção cabe em uma situação recentemente divulgada pela imprensa nacional. O caso de uma menina de 11 anos, que engravidou em decorrência da violência sexual de um tio. A retirada do bebê, em casos assim, é a única medida possível, em decorrência dos graves riscos inerentes a uma gravidez em idade tão precoce.

Em nossos dias, porém, muitos debates têm ocorrido quanto à legalização do aborto, e em que condições.

Com relação ao Direito, as leis referentes ao aborto (dados do ano de 2023) variam significativamente em todo o mundo. Em alguns países, o aborto é legal e acessível, permitido mediante solicitação da mulher, em determinados prazos ou sob certas condições. Alguns exemplos incluem Canadá, Alemanha, Austrália, África do Sul e Uruguai.

Em muitos países, o aborto é permitido apenas em circunstâncias específicas, como risco para a vida ou saúde da mulher, má-formação fetal grave ou gravidez resultante de estupro, ou incesto. Exemplos incluem Reino Unido, França, Suécia, Espanha, México (em alguns estados) e Brasil (em casos de estupro, risco à vida da mulher ou anencefalia fetal).

Já outros países têm leis muito restritivas em relação ao aborto. Nessas nações, o aborto é proibido ou permitido apenas em circunstâncias muito limitadas, como para salvar a vida da mulher. A Irlanda (antes de 2018), Polônia, Malta, El Salvador e Chile (antes de 2017) são exemplos de países com leis restritivas. Finalmente, em certos países, o aborto é estritamente proibido, sem exceções. Nesses lugares, o aborto é

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 358.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 359.

considerado ilegal em todas as circunstâncias, inclusive quando a vida da mulher está em perigo. Exemplos de países com proibição total incluem Nicarágua, Honduras, República Dominicana, Malta (antes de 2019) e alguns estados nos Estados Unidos que implementaram restrições extremas.

Situações novas envolvendo o aborto, não identificadas à época de Kardec, têm promovido discussões entre os espíritas. Listamos aqui algumas destas situações:

- Aborto eugênico: a interrupção da gravidez quanto a criança possui fundadas probabilidades de apresentar graves e irreversíveis anomalias físicas e/ou mentais.
- Aborto decorrente de uma gravidez resultado do estupro.
- Aborto do feto anencéfalo.

Grande parte do movimento espírita tem assumido postura contrária ao aborto nas três situações relacionadas, além de ratificar o pensamento de Kardec que considera o aborto como crime, apenas admitindo a exceção proposta por ele. Quais são os argumentos apresentados?

Primeiro, a argumentação dos que defendem o aborto é considerada frágil. Quase sempre se fundamentam na ideia de que a mulher é dona de seu corpo, e deve ter o direito de dispor dele como lhe aprouver. Na verdade, o corpo não nos pertence, é um empréstimo. Se fôssemos donos reais de nosso corpo, não estaríamos sujeitos às enfermidades e à morte. Além disso, o indivíduo que cresce no ventre materno não é parte do corpo da mulher: é outro ser, com um conjunto particular de genes. Apenas 50% de seus genes são oriundos da mãe. Além disso, e talvez o mais relevante: não se trata simplesmente de uma organização biológica incompleta em desenvolvimento. Trata-se de um ser espiritual, com história, sentimentos, sonhos e expectativas, com íntima e profunda conexão com aquela que hoje lhe fornece os meios de religar-se a matéria física.

As relações “mãe/filho” e “filho/mãe” são as mais profundas que se conhecem. É quase impossível que um Espírito se ligue a organização genésica de uma mulher através da gravidez, sem que exista, entre ambos, conexões relacionadas ao passado reencarnatório. Assim, a interrupção voluntária da gestação configura, do ponto de vista espiritual, em uma quebra de compromisso e confiança entre duas almas afins, que se reencontram com objetivos evolutivos comuns.

Isso se verifica até mesmo na gravidez que decorre da violência sexual. A atitude brutal e injustificável do agressor nenhuma relação possui com o vínculo espiritual previamente estabelecido entre a vítima da agressão e o Espírito que se ligou a ela. A ligação do Espírito desencarnado, que se dá no instante em que os gametas se encontram na tuba uterina, não é fruto do acaso. Se não se verificasse nesta oportunidade, provavelmente, se daria depois. O agressor, em geral, não possui vínculos espirituais com as almas envolvidas no acontecimento cruel e lamentável. O vínculo é da mulher com o bebê. E depois, dois erros não produzem um acerto.

A interrupção da gravidez quanto a criança possui fundadas probabilidades de apresentar graves e irreversíveis anomalias físicas e/ou mentais — denominado aborto eugênico — parece, para grande parte dos espíritas, a mais absurda de todas. Ao pactuarmos com essa prática, nos outorgamos o direito de dizer quem pode e quem não pode nascer, baseados unicamente em possíveis problemas a serem apresentados no futuro. Trata-se de lamentável exclusão, que se dá antes mesmo do nascimento.

O argumento acima tem sido aplicado na gravidez de um feto anencéfalo. A anencefalia nunca é total e um Espírito encontra-se ligado àquele corpo em vias de formação. Assim sendo, há nisso um propósito divino.

No entanto, nem todos os espíritas concordam com esses argumentos. Listamos, a seguir, as principais questões levantadas por aqueles que discordam.

Kardec admite, de maneira contraditória, que a vida plena só começa quando a criança nasce. Segundo Kardec:

A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ele se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.³

Portanto, a partir de qual momento o aborto seria crime permanece uma questão em aberto.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 344.

A ciência atual (em 2023) considera que o evento que marca o fim da vida é a cessação de ondas cerebrais. Ora, se assim for, só faz sentido se falar em início da vida quando o cérebro já estivesse formado na vida fetal. Portanto, para não ser contraditória, a ciência tem que admitir que, nos estágios iniciais da vida embrionária, ainda não há vida. Isso permitiria o descarte de células-ovo em casos de reprodução assistida e a pesquisa em células-tronco embrionárias. Infelizmente, essa questão tão complexa, ainda tem sido legislada com base em valores religiosos, em detrimento do conhecimento científico. Se esta questão é problemática hoje, imaginemos à época de Kardec, quando a ciência da Embriologia ainda estava em seus primeiros passos.

Em relação à gravidez decorrente do estupro, alguns espíritas têm considerado atitude de grave insensibilidade pressionar a jovem violentada a manter a gravidez. Além do trauma da violência sexual, seria pactuar com um segundo trauma, o de manter no ventre o filho de um indivíduo de tão lamentável perversidade.

De maneira semelhante, há espíritas para os quais não se justifica a manutenção de uma gravidez de um feto anencéfalo, sem nenhuma possibilidade de sobrevivência, causando desgostos e angústias nas pessoas envolvidas.

Assim, o tema é de grande complexidade, estando aberto a novos estudos e reflexões, que devem ser feitas de forma pacífica e amorosa, evitando posições extremadas e passionais.

ADÃO

As referências ao personagem bíblico Adão, encontradas em *O livro dos Espíritos*, retratam fortemente o pensamento católico ainda prevalente no contexto em que viveu Kardec. Talvez isso se deva, conforme aludimos no esclarecimento inicial do nosso dicionário, a possíveis influências de médiuns e Espíritos mentalmente vinculados às religiões cristãs tradicionais.

Apesar disso, Kardec, procurando afastar-se dessa corrente de ideias, coloca que

As Leis da Natureza se opõem a que os progressos da Humanidade, comprovados muito tempo antes do Cristo, se tenham realizado em alguns séculos, como houvera sucedido se o homem não existisse na Terra senão a partir da época indicada para a existência de Adão. Muitos, com mais razão, consideram Adão um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo.¹

Assim, Kardec propôs uma visão diferente em relação ao mito de Adão e Eva presente na tradição cristã. Ele argumentou que as leis da natureza são contrárias à ideia de que o progresso da humanidade ocorreu apenas em alguns séculos, a partir da época atribuída à existência de Adão. Kardec enfatizou a ideia de progresso contínuo e gradual da humanidade ao longo do tempo, em vez de uma origem repentina da humanidade em Adão.

Tal abordagem se encontra em acordo com a crença espírita de que a alma é imortal e passa por múltiplas encarnações, evoluindo e aprendendo ao longo de diversas experiências. Segundo o Espiritismo, a existência de Adão e Eva como um casal primordial não é necessariamente uma interpretação literal dos eventos, mas sim uma representação simbólica do início da jornada da alma humana na Terra.

Assim, Kardec afastou-se da interpretação literal do mito de Adão e Eva e propôs uma visão mais simbólica, em consonância com os princípios do espiritismo e uma compreensão mais ampla da evolução humana. Em seu livro *A gênese*, Kardec se vale da expressão *raça adâmica*,

¹ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 51.

para caracterizar uma grande falange de Espíritos vindos de outro orbe para a Terra (ver Raça Adâmica).

ADOLESCÊNCIA

Examinando a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência, Kardec explica que isso se dá porque o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era. Segundo Kardec as crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhe possam imputar excessiva severidade, dá-lhes Ele todos os aspectos da inocência. Mesmo ao se tratar de uma criança de maus pendores, cobrem-se-lhe as más ações com a capa da inconsciência. É importante entender que essa inocência não constitui superioridade real, em relação ao que eram antes da reencarnação.

Kardec escreve:

Não foi, todavia, por elas somente que Deus lhes deu esse - aspecto de inocência; foi também e sobretudo por seus pais, de cujo amor necessita a fraqueza que as caracteriza. Ora, esse amor se enfraqueceria grandemente à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados. Desde que, porém, os filhos não mais precisam da proteção e assistência que lhes foram dispensadas durante 15 ou 20 anos, surge-lhes o caráter real e individual em toda a nudez. Conservam-se bons, se eram fundamentalmente bons, mas sempre irisados de matizes que a primeira infância manteve ocultos.¹

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 385.

ADORAÇÃO

Adoração, segundo Kardec, consiste na elevação do pensamento a Deus. Pela adoração o homem aproxima dele a sua alma.¹ A adoração está na Lei Natural por resultar de um sentimento inato no homem. Por essa razão ela existe entre todos os povos, ainda que de formas diferentes.²

Para Kardec a adoração dispensa aparatos exteriores. A verdadeira adoração é a do coração, aquela que parte do homem e se dirige a Deus no recanto de sua consciência, sem cerimônias e rituais religiosos.³

Como consequência do ato de adoração, muitos homens se afastam do mundo, vivendo isolados em vida contemplativa. Nenhum mérito traz a vida contemplativa porque, se é certo que não fazem o mal, também é certo que não fazem o bem e são inúteis. Ademais, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que o homem pense nele, mas não quer que só nele pensem, pois que lhe impõe deveres a cumprir na Terra. Quem passa todo o tempo na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque vive uma vida toda pessoal e inútil à Humanidade.⁴

Lembra Kardec que o melhor meio de honrar a Deus

(...) consiste em minorar os sofrimentos dos pobres e dos aflitos.⁵

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 649.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 659.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 653.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 657.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 673.

ALMA

Kardec se valeu do vocábulo *alma* para designar *um ser moral, distinto, independente da matéria, que conserva sua individualidade após a morte*.¹ Esse conceito se mantém por toda a obra kardequiana, com alguns detalhes, que precisam ser conhecidos. Embora isso não acarrete problemas, Kardec aplica três sentidos diferentes ao termo:

- Alma como Espírito encarnado.

A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório.²

Que é a alma?
Um Espírito encarnado.³

Que era a alma antes de se unir ao corpo?
Espírito.⁴

- Alma como o princípio inteligente (espírito com *e* minúsculo), sem o perispírito.

Alma + perispírito = Espírito

Seria mais exato reservar a palavra alma para designar o princípio inteligente, e o termo Espírito para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico, mas como não se pode conceber o princípio inteligente isolado da matéria, nem o perispírito sem ser animado pelo princípio inteligente, as palavras alma e Espírito são, no uso, indiferentemente empregadas uma pela outra; é a figura que consiste em tomar a parte pelo todo, do mesmo modo por que se diz que uma cidade é povoada de tantas almas, uma vila composta de tantas famílias; filosoficamente, porém, é essencial fazer-se a diferença.⁵

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução, item 2.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução, item 6.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 134.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 134a.

⁵ KARDEC, A. O que é o Espiritismo? Capítulo 2, item 14.

- Não há diferença entre *alma* e *Espírito*

A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal.⁶

Os que pensam que, pela morte, a alma reingressa no todo universal, estão em erro, se supõem que, semelhante à gota d'água que cai no Oceano, ela perde ali a sua individualidade. Estão certos, se por *todo universal* entendem o conjunto dos seres incorpóreos, conjunto de que cada alma ou Espírito é um elemento. Se as almas se confundissem num amálgama só teriam as qualidades do conjunto, nada as distinguiria umas das outras.⁷

Frequentemente, os pais transmitem aos filhos a aparência física. Transmitirão também alguma aparência moral? Não, que diferentes são as almas ou Espíritos de uns e outros. O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade.⁸

Há, pois, no homem três elementos essenciais:

1. A alma ou Espírito, princípio inteligente em que residem o pensamento, a vontade e o senso moral;
2. O corpo, invólucro material que põe o Espírito em relação com o mundo exterior;
3. O perispírito, invólucro fluídico, leve, imponderável, servindo de laço e de intermediário entre o Espírito e o corpo.⁹

Há no homem um princípio inteligente a que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria, e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar.¹⁰

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução, item 6.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 152.

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 207.

⁹ KARDEC, A. O que é o Espiritismo. Capítulo 2, item 10.

¹⁰ KARDEC, A. Obras póstumas. Profissão de fé raciocinada.

ALMAS GÊMEAS (METADES ETERNAS)

O mito da *alma gêmea* foi, supostamente, criado por Platão em seu livro *O Banquete*, através do personagem Aristófanes, e pode ser resumido assim:

No início dos tempos os homens eram seres completos, de duas cabeças, quatro pernas, quatro braços, o que permitia a eles um movimento circular muito rápido para se deslocarem. Porém, considerando-se seres tão bem desenvolvidos, os homens resolveram subir aos céus e lutar contra os deuses, destronando-os e ocupando seus lugares. Todavia, os deuses venceram a batalha e Zeus resolveu castigar os homens por sua rebeldia. Tomou uma espada na mão e cindiu todos os homens, dividindo-os ao meio. Zeus ainda pediu ao deus Apolo que cicatrizasse o ferimento (o umbigo) e virasse a face dos homens para o lado da fenda para que observassem o poder de Zeus.

Dessa forma, os homens caíram na terra novamente e, desesperados, cada um saiu à procura da sua outra metade, sem a qual não viveriam. Tendo assumido a forma que temos hoje, os homens procuram sua outra metade, pois a saudade nada mais é do que o sentimento de que algo nos falta, algo que era nosso antes. Por isso, os homens vivem em sociedade e desenvolvem o trabalho para buscar, nessa relação amorosa, manter a sua sobrevivência. Dessa forma, o ser que antes era completo homem-homem gerou o casal homossexual masculino; o ser mulher-mulher, o casal homossexual feminino. E o andrógino (parte homem, parte mulher) gerou o casal heterossexual.

Sobre o tema, Kardec fez os seguintes comentários:

- Além da simpatia geral, oriunda da semelhança que entre eles exista, votam-se os Espíritos recíprocas afeições particulares, do mesmo modo que os homens. Essa afeição tende a ser mais forte que nos homens, porque o laço que liga os Espíritos uns aos outros, quando livres de corpo material, não se acha exposto às vicissitudes das paixões.¹
- Não há união particular e fatal, de duas almas, como algumas pessoas acreditam. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, ou

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 291

seja, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.²

- As expressões metades eternas e almas gêmeas são inexatas. Se um Espírito fosse a metade de outro, separados os dois, estariam ambos incompletos.³
- A simpatia que atrai um Espírito para outro, resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade.⁴
- A teoria das metades eternas encerra uma simples figura de linguagem, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que não deve ser tomada literalmente. Os Espíritos que a empregaram certamente não pertencem a uma ordem elevada. Necessariamente, limitado sendo o campo de suas ideias, exprimiram seus pensamentos com os termos de que se teriam utilizado na vida corporal. Não se deve, pois, aceitar a ideia de que, criados um para o outro, dois Espíritos tenham, fatalmente, que se reunir um dia na eternidade, após haverem estado separados por tempo mais ou menos longo.⁵

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 298.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 299.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 300.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 303a.

ANIMAL

Kardec admite a existência de um princípio inteligente nos animais ¹ e reconhece que esse princípio inteligente se elabora paulatinamente nas experiências em corpos animais, segundo se deduz das questões de *O livro dos Espíritos*, apresentadas a seguir.

Dissestes que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento?

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais humanidade.”²

Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?

“Já não dissemos que tudo na Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos”.³

A existência de animais na dimensão espiritual não era admitida por Kardec. Ele acreditava que o princípio inteligente dos animais reencarnaria quase imediatamente após a morte.⁴ Segundo Kardec,

depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia se acha em estado latente e é logo utilizado, por certos Espíritos incumbidos disso, para animar novos seres, em os quais continua ele a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos

¹ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 597.

² KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 607.

³ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 607a.

⁴ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 600.

Espíritos, não há, errantes, Espíritos de animais, porém unicamente Espíritos humanos.⁵

Kardec admite, todavia, que alguns Espíritos possam se apresentar sob a forma de animais. Segundo ele,

isso pode dar-se; mas somente Espíritos muito inferiores tomam essas aparências. Em caso algum, porém, será mais do que uma aparência momentânea. Fora absurdo acreditar-se que um qualquer animal verdadeiro pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada mais do que isto.⁶

Quanto ao sofrimento dos animais, Kardec acreditava não haver expiações para eles⁷, pois não tendo conhecimento do bem e do mal, não podem responder, perante a consciência, por suas ações.

Questões relacionadas a este tema foram amplamente examinadas nas obras mediúnicas recebidas por Chico Xavier. Apresentamos algumas delas a seguir:

- O princípio inteligente se elabora em experiências nos minerais, vegetais e animais antes de conquistar a razão e tornar-se Espírito humano.
- Existem animais e plantas no mundo dos Espíritos. A esse respeito escreve o Espírito André Luiz:

(...) plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelas quais auxiliam a flora e a fauna habituais à Terra, com os benefícios das chamadas mutações espontâneas. As plantas, pela configuração celular mais simples, atendem, no plano extrafísico, à reprodução limitada, aí deixando descendentes que, mais tarde, voltam também à leira do homem comum, favorecendo, porém, de maneira espontânea, a solução de diferentes problemas que lhes

⁵ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 283.

⁶ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 100.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 602.

dizem respeito, sem exigir maior sacrifício dos habitantes em sua conservação.⁸

- Os animais são seres sencientes, suas dores e limitações são reais, sendo que muitos nascem mutilados, cegos etc. O sofrimento dos animais é classificado como *dor-evolução*, cuja finalidade seria impulsionar o progresso do princípio inteligente que vem vivenciando experiências nesses seres. A dor e as dificuldades colocam o princípio inteligente diante de condições que funcionam como estímulos ao desenvolvimento de sua consciência rudimentar.⁹Cumprir ressaltar que o termo senciente é altamente impreciso. Senciente significa *aquela que sente*, mas a percepção envolve sentir e ter consciência daquilo que se sente. Por exemplo, em estado de sono profundo ou de coma, somos sencientes, mas não estamos conscientes. Esse é um ponto difícil e complexo tanto para a Filosofia quanto para a Ciência.

Observações relevantes também foram realizadas por Chico Xavier em uma série de entrevistas publicadas pela *Folha Espírita*, de São Paulo. Segundo ele, as plantas e os animais passam por esses traumas dolorosos para poderem, supostamente, adquirir memória e sensibilidade.

Entretanto, do ponto de vista científico e filosófico, em que pesem as pretensas tentativas de se explicar o sofrimento animal, essa questão permanece totalmente misteriosa e sem resposta. Se, como dizia Kardec, animais não têm consciência ou memória, o que nos autorizaria supor que o sofrimento poderia trazer qualquer tipo de evolução? Até porque não há evidências de que sofrimento seja, necessariamente, algo que dê bons frutos. Sofrimento é algo negativo, embora seja tão romantizado pelas religiões ocidentais (ver Sofrimento).

⁸ LUIZ, A.; XAVIER, F. C. Evolução em dois mundos. Parte I, capítulo 13.

⁹ LUIZ, A.; XAVIER, F. C. Ação e reação. Capítulo 19.

ASSASSÍNIO

Kardec condenou o assassinio, considerando-o grande crime, pois que aquele que tira a vida ao seu semelhante corta o fio de uma existência de expiação ou de missão. Nisto reside o mal.¹ Ele lembra, todavia, que o grau de culpabilidade não é sempre o mesmo em todos os casos de assassinio. Deus é justo, julga mais pela intenção do que pelo fato.² Em caso de legítima defesa, só a necessidade o pode escusar; mas se o agredido pode preservar sua vida, sem atentar contra a de seu agressor, deve fazê-lo.³

O homem não é culpado dos assassinios que pratica durante a guerra, caso tenha sido constringido pela força; mas é culpado das crueldades que cometa, sendo também considerado o sentimento de humanidade com que proceda.⁴

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 746.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 747.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 748.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 749.

AUTOCONHECIMENTO

Em *O livro dos Espíritos*, quando Kardec buscava se aprofundar no entendimento da natureza de Deus, os Espíritos lhe mostraram a impossibilidade de tal coisa, dizendo:

Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos libertardes delas, o que será mais útil do que pretenderdes penetrar no que é impenetrável.¹

Mas como podemos estudar as nossas imperfeições?

Estudiosos da Psicologia Social propõe alguns mecanismos práticos para o conhecimento pessoal, ou seja, algumas fontes de informação sobre nós mesmos. Apresentamos algumas delas a seguir.

Percepção de nosso comportamento

Este mecanismo se refere à reflexão que fazemos sobre nossas experiências, nossos atos e nossas palavras. Ele foi proposto pelo espírito Santo Agostinho, conforme se encontra em *O livro dos Espíritos*:

Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquirisse de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo de guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuraríeis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda mais: ‘Se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?’.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 14.

Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual.²

A maneira pela qual nos comportamos constitui uma importante fonte de informação sobre como somos. Se nos irritamos quando alguém faz um comentário menos elogioso a nosso respeito, podemos estar certos da presença da vaidade. Quando tentamos diminuir o valor de alguém que acaba de conseguir uma grande vitória, devemos registrar a inveja em nossa manifestação. Se nos incomoda darmos uma pequena quantia de dinheiro para uma instituição beneficente que nos pede ajuda, reconhecemos a presença da avareza e da mesquinhez. Se diante de uma repentina mudança de planos, ficamos excessivamente chateados, se magoamos os outros com atitudes e falas impensadas, ou fechamos a cara com a caixa do supermercado por nos parecer muito lenta, estamos diante do orgulho. Quando percebemos que nunca conseguimos satisfazer o impulso de ter sempre mais, e que tendo realizado um desejo, já começamos a querer outra coisa, admitamos uma ambição exagerada.

Processos de comparação social.

Este mecanismo sugere que podemos nos conhecer melhor a partir da comparação com nossos semelhantes. Em *O livro dos Espíritos* podemos ler:

Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não na podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 919a.

vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo.³

Dirigir o olhar para fora pode nos ajudar a compreender quem somos por dentro. O conhecimento próprio deriva, muitas vezes, do conhecimento dos outros e daquilo que os outros dizem a nosso respeito. Um comentário que nos desagrada pode ser profundamente revelador de quem somos e daquilo que ainda precisamos vencer. Observar a reação dos outros, verificarmos o que nos desaprova, identificarmos neles aquilo que não consideramos correto, e indagarmos a nós mesmos se não fazemos o mesmo, é uma forma de autoconhecimento. Quando solicitaram ao filósofo grego Tales de Mileto uma regra de bem agir, ele disse: *nunca faça aquilo que lhe desagrada na ação dos outros*.

Conhecimento de nossas emoções e sensações.

Nossas emoções costumam servir de guia quando, em diversas situações, visamos conhecer nossos estados íntimos. A observação de como reagimos intimamente em cada situação pode nos auxiliar a melhor nos conhecer.

Se diante de alguém que conseguiu uma grande vitória surge em nós certa aflição ou insatisfação, registramos o sentimento da inveja. Se a raiva aparece quando somos levados a aguardar um tempo maior do que esperávamos, registramos a impaciência. Se certa inquietação íntima surge quando nosso parceiro ou nossa parceira interage amigavelmente com outra pessoa, registramos a emoção do ciúme.

A sensação da dor, o sofrimento físico ou moral, pode igualmente contribuir no entendimento de nosso mundo íntimo. Examinando com coragem e humildade a origem dos nossos infortúnios, podemos identificar os fatos que os geraram e as imperfeições relacionadas a eles.

Segundo Kardec,

os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, de futuro, evitar o que lhe

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 919a.

originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se emendasse.⁴

O autoconhecimento é uma ferramenta necessária e extraordinária no processo da transformação moral. Os três mecanismos apresentados são de grande utilidade, mas lembremos que o processo está acompanhado de dificuldades que devem ser conhecidas.

O processo em si exige do sujeito envolvido um relativo discernimento, que só será visto em personalidades dotadas de certo amadurecimento pessoal. Isso porque lhe será necessário avaliar adequadamente cada ação pessoal, analisando se se trata de uma atitude correta ou não. A pessoa precisa também de uma boa dose de humildade, para admitir que possui esta ou aquela imperfeição. Grande parte dos avarentos se considera apenas prevenido, e parte significativa das personalidades arrogantes dirá que não se trata de orgulho e sim de dignidade humana.

Lembra Kardec que

(...) o orgulho leva o homem a disfarçar para si os seus próprios defeitos, tanto morais como físico.⁵

É necessário considerar também questões relacionadas aos mecanismos psicológicos de defesa de nossa personalidade. Tendemos a manter fora de nossa consciência tudo aquilo que nos provoca ansiedade e nos ameaça. Por isso, não é possível para muitos de nós atingirmos certas características de nosso eu, porque nosso próprio inconsciente se recusa a admitir nossas fraquezas, para se proteger de sentimentos de vergonha ou culpa.

Agimos sempre tentando proteger nossa autoestima. A autoestima é a avaliação que fazemos de nós mesmos. Quando essa avaliação é positiva, dizemos que a pessoa tem elevada autoestima, e quando essa avaliação é negativa, dizemos que a autoestima é baixa. Temos a tendência de manter uma imagem positiva de nós mesmos. Nosso inconsciente funciona como um ditador que censura tudo aquilo que é indesejável acerca de nós. Mantemos ilusões positivas, para nos sentirmos bem e continuarmos tendo uma autoimagem positiva.

⁴ KARDEC, A. O Evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 5, item 5.

⁵ KARDEC, A. O Evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 10, item 10.

Essa tendência é tão arraigada que frequentemente nos recusamos a reconhecer nossos erros, recorrendo a desculpas, negando o fato e usando outros mecanismos de defesa, para justificar nossos erros e manter intacta nossa autoestima.

O autoconhecimento, em realidade, vai além da identificação de nossas más inclinações. Ele se refere igualmente à compreensão de todos os traços de nossa personalidade, incluindo nossas boas qualidades, nossas habilidades úteis, além do reconhecimento de nossas potencialidades e limitações mentais, revelando a cada um até aonde pode ir, e como chegar lá. Enfim, o autoconhecimento se identifica com o desenvolvimento pleno de nossa humanidade e se relaciona com diferentes formas de conhecimento.

Por isso, consideramos que estudar anatomia é autoconhecimento, pois estamos usando um corpo que nos influencia tremendamente; estudar genética é autoconhecimento, pois este corpo é organizado por minúsculas estruturas, denominados genes; estudar psicologia é autoconhecimento, pois somos seres que temos uma estrutura psíquica complexa; estudar sociologia é autoconhecimento, pois somos seres vivendo em diversas estruturas sociais, influenciando-as e sendo por elas influenciados; estudar antropologia é autoconhecimento, pois desde que começamos a nos expressar mais conscientemente estamos em uma cultura; estudar física e química é autoconhecimento, pois usamos uma estrutura energética e atuamos no mundo via energias; estudar filosofia é autoconhecimento, pois somos seres que pensam; estudar linguística é autoconhecimento, pois a forma de nos expressar linguisticamente fala muito do que somos; estudar os sistemas religiosos é autoconhecimento, pois somos criatura de Deus; estudar as práticas meditativas é autoconhecimento, pois experimentamos o contato com as nossas estruturas fundamentais; estudar educação é autoconhecimento, pois somos seres morais; estudar história é autoconhecimento, pois vivemos aquelas experiências e podemos aprender com elas; estudar Espiritismo é autoconhecimento, pois somos Espíritos. Mesmo porque a frase “conhece-te a ti mesmo”, de autoria incerta e inscrita na porta de entrada do Templo de Delfos, na Grécia, em sua versão completa diz assim: *conhece-te a ti mesmo e assim conhecerás os deuses e o universo*. O processo de autoconhecimento muda a maneira de uma pessoa interagir com o mundo e com as outras pessoas, abrindo a possibilidade para conhecer e aprender novas coisas.

Allan Kardec perguntou aos Espíritos se devemos nos esforçar por adquirir conhecimentos que só digam respeito às coisas e às necessidades materiais. Afinal somos seres espirituais! Não deveríamos estudar apenas as coisas que interessam ao Espírito? Eles responderam que nenhum conhecimento é inútil; todos mais ou menos contribuem para o progresso, porque o Espírito, para ser perfeito, tem que saber tudo. Todas as ideias adquiridas ajudam o desenvolvimento do Espírito. Além disso, os conhecimentos nos colocam em melhores condições de auxiliar as outras pessoas.⁶

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 898.

BEM E MAL

Do ponto de vista moral, existem três tipos de ações humanas. Primeiro, as ações moralmente neutras. São aquelas ações que não interferem no bem-estar de outras pessoas. Elas não geram consequências felizes ou infelizes. Segundo, as ações moralmente reprováveis. São aquelas que interferem negativamente no bem-estar de outras pessoas, causando algum tipo de prejuízo, aumentando a sua dor ou diminuindo a sua alegria. E, terceiro, as ações moralmente recomendáveis. São aquelas, ao contrário da anterior, que interferem positivamente no bem-estar de outras pessoas, aliviando suas dores, aumentando a sua alegria ou respeitando os seus direitos. Em resumo, sendo útil de alguma forma.

Fica evidente, então, que a diferença entre o certo e o errado é o resultado da nossa ação. Por certo, entendemos toda ação que produz uma coisa boa, que gera alegria, que beneficia o próximo. Por errado, entendemos toda ação que prejudica o outro, seja materialmente (tomando o que lhe pertence, por exemplo) ou psicologicamente (diminuindo o seu valor, humilhando-o publicamente, por exemplo).

Em *O livro dos Espíritos*, pode-se ler o seguinte:

O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos [...]¹

Portanto, o que decide se a ação é boa ou má é a consequência dessa ação em outras pessoas. Sob esse aspecto, muitas coisas consideradas erradas, em verdade, não são: retratam a ignorância, ou são decorrência de preconceitos. Por exemplo: o fato de duas pessoas do mesmo sexo viverem juntas, em uma relação amorosa e leal, prejudica alguém? A resposta é não, portanto, não pode ser considerada uma coisa errada. Outro exemplo: algumas pessoas gostam de tatuagem, *piercing*, usam roupas ou enfeitam o cabelo de forma que muitos consideram esquisitos. Elas prejudicam alguém com isso? Não! Essas atitudes, portanto, não podem ser consideradas atitudes erradas.

Para avaliar qualidade de uma ação, se boa ou má, Kardec valorizou a regra da reciprocidade. Ele ressalta que Jesus se referiu a ela,

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 629.

assim como outros sábios da antiguidade antes dele. Kardec considerava essa regra como muito importante na diferenciação do certo e do errado.²

Essa regra é apresentada em duas formas, uma forma negativa e outra positiva. A forma negativa diz assim: *jamais faça aos outros aquilo que você não gostaria que lhe fizessem*. A forma positiva diz: *faça aos outros aquilo que você gostaria que eles lhe fizessem*. Segundo Kardec, se aplicássemos a regra de reciprocidade em nossa vida, acertaríamos quase sempre.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 632.

CARIDADE

Para Allan Kardec, a caridade vai muito além do socorro às necessidades materiais, como doação de roupas, comida, remédios ou a esmola propriamente dita, embora tudo isso também seja uma forma de caridade. Kardec entende que a caridade é a fonte de todas as virtudes humanas.¹ Um indivíduo caridoso é aquele que pratica todas as virtudes, ou seja, ele é justo, generoso, modesto, manso, misericordioso, tolerante, sensível às necessidades dos mais frágeis, e muitas outras coisas boas. Mas o que podemos entender como virtude?

Considerando o bem como aquilo que fazemos para aumentar o bem-estar das outras pessoas, podemos chamar de virtude todo esforço para fazer o bem.² Em uma ação virtuosa estão presentes, além da ação propriamente dita, outros elementos: o desejo de fazê-lo, o absoluto desinteresse diante da ação e um sentimento elevado.³ Se fazemos algo útil, mas estamos incomodados por fazer, não há virtude. Se fazemos o bem porque outra pessoa nos obrigou, também não há virtude e, finalmente, não existe virtude se fazemos o bem motivados por um interesse pessoal.

Assim, devemos fazer uma diferença entre fazer o bem e sermos virtuosos.

Um vereador recentemente eleito que monta uma clínica de fisioterapia no bairro para atendimento gratuito está fazendo o bem (as pessoas que recebem estão sendo beneficiadas), mas ele não está sendo virtuoso, pois está contando com o voto dos beneficiados na próxima eleição. Um adolescente que visita velhinhos em um asilo porque os pais estão mandando, está fazendo uma coisa boa, mas não está sendo virtuoso, pois não faz de forma voluntária. Repetimos: ser virtuoso consiste em fazer o bem conscientemente (a pessoa sabe que está fazendo o bem), voluntária (a pessoa segue a sua própria vontade), desinteressada (a pessoa não se beneficia com a ação) e com o cultivo de sentimentos elevados.

A respeito desse sentimento elevado que está presente no próprio conceito de virtude, Kardec empregou, várias vezes, a expressão *sentimento de caridade*. Segundo Kardec,

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 971.

² COMTE-SPONVILLE, A. Pequeno tratado das grandes virtudes

³ VÁSQUEZ, A.S. Ética.

A civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade, que leva os homens a se prestarem mútuo apoio.⁴

Ao descrever as qualidades do verdadeiro homem de bem, ele escreve:

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça.⁵

O que podemos entender pela expressão *sentimento de caridade*? Kardec talvez se refira à vivência íntima do comportamento de ajuda, a interiorização da ação exterior que dá significado profundo ao ato. Muitos de nós automatizamos a ação caritativa, fazendo-a mecanicamente, por atacado, sem enriquecê-la de um sentimento do belo, do nobre, do generoso. Sabemos que toda ação que beneficia alguém, desprovida de interesse próprio, é meritória, porque reduz o sofrimento alheio. Todavia, entendemos que só o comportamento de ajuda que se acompanha do sentimento de caridade representa crescimento espiritual real, ou seja, que ilumina de dentro para fora aquele que o pratica.

Sob esse aspecto, o *sentimento de caridade* pode ser entendido como a boa vontade permanente, o desejo incessante de ser útil, um estado íntimo de encantamento diante da possibilidade de praticar a ajuda, o estado de graça ante a experiência do bom e do útil.

Kardec faz referência às condições necessárias para a verdadeira virtude, lembrando que *o mérito do bem está na dificuldade em praticá-lo*, e que pouco mérito existe quando damos sem esforço e quando nada custa,⁶ porque não implica no verdadeiro sacrifício do interesse pessoal.⁷

Comenta, igualmente, que a grandeza da virtude se relaciona com o bem sem segundas intenções, sem ostentação, ocultando a ação generosa sempre que possível, para sermos coerentes com a lição evangélica que exorta que a mão esquerda nunca saiba o que dá a mão direita.⁸

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 717.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 918.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 646.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 893.

⁸ KARDEC, A. O Evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 13, item 3.

Kardec apresenta a caridade como um continuum, ou seja, uma espécie de régua.⁹ Em um extremo da régua, ele coloca a simples esmola, de menor merecimento, pois geralmente damos apenas o que nos sobra, sem grande esforço. No outro extremo da régua, ele coloca o amor aos inimigos, considerado como o suprassumo da caridade, porque exige de nós uma grande dose de renúncia pessoal.

Afinal, o que leva uma pessoa a ajudar o seu semelhante? Qual a intenção do comportamento de ajuda? Apresentamos, a seguir, cinco motivos que consideramos relevantes:

- O comportamento de ajuda é interesseiro porque visa ao bem próprio. Dou alguma coisa, contando receber de volta depois, levar algum tipo de vantagem material, ou ser reconhecida como uma pessoa especial, bondosa. É agradável ouvirmos comentários elogiosos a nosso respeito: *“Como ela é uma pessoa boa!”*, *“Se todos fossem como ela, seria uma maravilha viver!”* Se examinássemos seriamente algumas de nossas ações boas, muitas vezes teríamos vergonha delas.
- O ato de dar visa obter vantagens espirituais: a conquista do reino dos céus, uma acolhida feliz depois da morte, um carma positivo para o futuro. Ainda se caracteriza por interesse pessoal. Kardec argumenta que não merece aprovação aquele que faz o bem, esperando que lhe seja considerado na outra vida, e que lá seja melhor a sua situação. O bem deve ser feito caritativamente, isto é, com desinteresse. Aquele que faz o bem, sem ideia preconcebida, pelo só prazer de ser agradável a Deus e ao seu próximo que sofre, já se acha num certo grau de progresso. Este progresso lhe permitirá alcançar a felicidade muito mais depressa do que seu irmão que faz o bem por cálculo e não impelido pelo ardor natural do seu coração.¹⁰
- A prática do bem é movida pela compaixão. A pessoa sente piedade daquele que sofre e coloca-se no lugar dele, buscando socorrê-lo movido por esse sentimento nobre. Trata-se de um belo sentimento, que devemos desenvolver em nós, mas não traduz ainda o máximo de virtude, por depender da infelicidade alheia. A ação no bem se manifesta diante de pessoas que estão sofrendo, e não naturalmente, por todos os seres,

⁹ KARDEC, A. Revista Espírita. Setembro de 1862.

¹⁰ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questões 897 e 897a.

independentemente de eles necessitarem ou não de nosso cuidado.

- A ação solidária por dever. Difere do sentimento de compaixão, pois não depende do sofrimento alheio. A prática do bem se dá pela consciência do dever, porque a pessoa acredita que é o certo a ser feito, porque a consciência o exige. Aquele que age pelo dever demonstra boa vontade, amadurecimento e desejo sincero de se tornar uma pessoa melhor, mas, ainda assim, tem que avançar espiritualmente para se identificar com o máximo da virtude: o serviço espontâneo do amor.
- Servir por amor. O amor se instala quando não é mais necessário o dever. Para o homem verdadeiramente virtuoso, a prática do bem deixará de ser uma obrigação, que a própria consciência impõe, ou seja, um dever. O dever é uma coerção, um jugo, enquanto o amor é sempre espontâneo, natural. O que fazemos por dever, não fazemos por amor. Isso se inverte: o que fazemos por amor, não fazemos por dever. Quando o amor existe, já não se precisa mais do dever.

A esse respeito, Kardec escreveu:

Há pessoas que fazem o bem espontaneamente, sem que precisem vencer quaisquer sentimentos que lhes sejam opostos. Terão tanto mérito, quanto as que se veem na contingência de lutar contra a natureza que lhes é própria e a vencem? “Só não têm que lutar aqueles em quem já há progresso realizado. Esses lutaram outrora e triunfaram. Por isso é que os bons sentimentos nenhum esforço lhes custa e suas ações lhes parecem simplíssimas. O bem se lhes tornou um hábito.[...]”¹¹

É claro que para atingirmos a condição de fazermos o bem pelo ardor natural do coração, ou seja, por amor, passamos pelas várias fases que descrevemos anteriormente. São como exercícios preparatórios para se chegar a verdadeira virtude. Precisamos entender que os bons sentimentos são construídos gradativamente; eles não chegam à alma de uma só vez. Muitas pessoas que desenvolvem trabalho voluntário comentam que, de início, foram motivadas por puro interesse, ou mesmo,

¹¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 894.

por uma espécie de cobrança íntima, imposta por elas mesmas. Com o decorrer dos anos, aquela atividade se torna um hábito, um costume saudável, que elas vão com alegria, até mesmo porque se afeiçoam a outras pessoas vinculadas ao grupo. E, prosseguindo, com o passar do tempo, verificam que já não estão mais motivadas pelo interesse, nem pelo senso do dever, nem tampouco pelas amizades. Fazem motivadas pelo mais puro e sincero amor.

CASTIGO

Muitos médiuns que trabalharam com Kardec eram pessoas identificadas com o pensamento religioso da época, geralmente católicos. Vale destacar também que dentre os Espíritos comunicantes, alguns haviam desencarnado recentemente, tendo igualmente militado nas hostes do cristianismo tradicional.

Kardec, como não podia deixar de ser, era um homem de seu tempo, impregnado, assim como os médiuns e alguns Espíritos, de forte colorido católico. No Catolicismo prevalecem certos termos e expressões que encontramos ao longo das obras de Kardec: *pecado, castigo, punição, perdão de Deus, vontade de Deus, “Deus lhe dirá”, morada dos eleitos*, entre muitas outras.

Não observamos na literatura mediúnica contemporânea o uso de termos como esses. Acreditamos que se tornaram inadequados em relação à proposta doutrinária do Espiritismo, e que apenas retratam expressões e conceitos de personalidades impregnadas do espírito religioso do século XIX.

Naturalmente, não há mérito (ou demérito) algum no fato de alguém ser (ou não ser) religioso. Ser religioso não é um problema nem uma vantagem. Há pessoas virtuosas e não virtuosas igualmente entre ateus e religiosos. Neste item nos referimos apenas à linguagem empregada nos textos kardequianos, que tende a não ser a mesma empregada nos textos espíritas atuais.

CIÊNCIA E ESPIRITISMO

Em *O livro dos Espíritos*, Kardec vai considerar a ciência como incompetente para posicionar-se perante os princípios espíritas.¹ O argumento de Kardec é que a ciência não tem elementos para ratificar ou desconsiderar a realidade dos fenômenos ditos espíritas, com base no chamado *método científico* (considerando o que é validado como método científico). À ciência caberia apenas observar e descrever os fenômenos. Isso porque o método científico pressupõe controlar as variáveis, e os fenômenos espíritas fogem desse controle, pois se reportam a seres com autonomia própria — os Espíritos — que nem sempre se submetem aos desejos e regras dos experimentadores humanos. Por muitas vezes, cientistas eminentes, pesquisando a fenomenologia mediúmica, se frustraram pela absoluta ausência dos fenômenos. Os Espíritos, simplesmente, se recusaram a participar.

Por outro lado, a concepção de *ciência* em meados do século XIX é um pouco diferente da concepção de *ciência* geralmente aceita hoje, início do século XXI. Em especial, boa parte das chamadas “ciências humanas” ainda não haviam sido desenvolvidas, e quando Kardec fala em “ciência”, geralmente está se referindo às “ciências duras” (ou exatas, ou formais), algumas vezes incluindo as “ciências naturais”, mas nem sempre. Por outro lado, Kardec afirma que procedeu no estudo do fenômeno espírita da mesma forma que as “ciências”,² talvez se referindo ao jogo dos métodos indutivo/dedutivo que ele geralmente adota. O método aplicado em relação aos fatos mediúnicos seria mais corretamente chamado de “experimental”, embora o aspecto filosófico seja mais dedutivo.

Atualmente a ideia de “ciência” é bem mais ampla e mais complexa. Não sabemos se hoje esta afirmação (o Espiritismo *não ser da alçada da ciência*) poderia ser feita de forma tão enfática.

De maneira geral, o estudo científico do Espiritismo começou (ainda que timidamente) somente após a desencarnação de Kardec, inicialmente com William Crookes, seguido por vários outros pesquisadores. Neste contexto, o pensamento inicial de Kardec poderia soar como um desestímulo à pesquisa científica. Acreditamos que ele não houvesse visualizado uma forma de se estudar os fenômenos espíritas nas

¹ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Introdução, item 7.

² KARDEC, A. *A gênese*. Capítulo 1.

bancadas científicas, por falta de uma metodologia adequada e de recursos técnicos cabíveis. Na verdade, uma metodologia aceita consensualmente ainda não foi desenvolvida até hoje, apesar de muitas propostas dos pesquisadores interessados no tema.

CLARIVIDÊNCIA

A clarividência é um tipo de percepção extrassensorial. Ela consiste na faculdade de ver sem o auxílio dos órgãos da visão. É uma faculdade inerente à própria natureza da alma ou do Espírito, que reside em todo o seu ser; eis por que em todos os casos em que há emancipação da alma, o homem tem percepções independentes dos sentidos.

No estado corporal normal, a faculdade de ver é limitada pelos órgãos materiais; desprendida desse obstáculo, esta faculdade não é mais circunscrita e estende-se por toda parte onde a alma exerce sua ação. Esta é a causa da visão à distância, de que gozam certos indivíduos em estado de desdobramento. Eles se veem no próprio local que observam e podem descrevê-lo, ainda que este se situe a uma distância muito grande. Ainda que o corpo não se encontre naquele local, é como se alma lá estivesse. Pode-se, pois, dizer que o Espírito desdobrado vê pelos *olhos da alma*, e sua lucidez varia conforme a emancipação da alma é mais ou menos completa.¹

¹ KARDEC, A. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.

CONSERVAÇÃO

Desde suas primeiras manifestações no plano físico, o Espírito vem automatizando reações aos impulsos exteriores, por meio de experiências sucessivas em organismos cada vez mais complexos. Estas reações reflexas incorporaram-se ao patrimônio espiritual dos seres e se manifestam no vegetal, no animal e no homem, por meio de atos involuntários e espontâneos. A estes atos inconscientes e reflexos denominamos *instintos*.

Um dos mais perfeitos atos instintivos é o de viver. Assim, o instinto de conservação, ou seja, a busca pela sobrevivência, é uma lei da Natureza. Todos os seres vivos o possuem, independentemente do grau de sua inteligência. O despertar da necessidade de viver tem por finalidade a manutenção da vida orgânica, necessária ao desenvolvimento físico e moral das criaturas. O instinto de conservação é, portanto, um dos instrumentos naturais que cooperam na evolução dos seres.¹

Deus fornece aos homens os meios necessários para a sua sobrevivência, por meio de tudo que a Terra pode produzir. Quando falta ao homem o mínimo para a sua subsistência é devido ao egoísmo, à imprevidência ou à displicência da sociedade. A Natureza não pode ser responsabilizada pela má organização social e pelas consequências que advêm da ambição e do amor-próprio de muitos. A insuficiência da produção e a má distribuição de alimentos, no entanto, têm sido atenuadas pelos progressos da ciência e pela fraternidade crescente entre os homens.² Não obstante, atualmente, mais de 150 anos após Kardec, ainda vivemos em uma sociedade extremamente desigual, que não fornece a todos a oportunidade de trabalhar e se desenvolver. Só se cresce pelo mérito, mas, só faz sentido falar em mérito quando as condições iniciais são semelhantes.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 702.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 707

CONTRADIÇÕES NA COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Sobre a linguagem dos Espíritos, Kardec teceu comentários minuciosos em *O livro dos médiuns*, ao examinar a natureza das comunicações mediúnicas,¹ a identidade dos Espíritos² e as contradições³. Na Introdução de *O livro dos Espíritos*, Kardec apresenta algumas explicações para possíveis contradições verificadas entre os Espíritos comunicantes.

Aventamos as seguintes possibilidades:

- As contradições são aparentes.

Os Espíritos, na verdade, dizem o mesmo, de forma diferente. Coloca Kardec:

Pueril, portanto, seria apontar contradição onde frequentemente só há diferença de palavras. Os Espíritos superiores absolutamente não se preocupam com a forma. Para eles, o fundo do pensamento é tudo.⁴

- Os Espíritos se expressam segundo o que sabem, considerando a sua condição intelecto-moral.

Segundo Kardec,

Diferindo estes muito uns dos outros, do ponto de vista dos conhecimentos e da moralidade, é evidente que uma questão pode ser por eles resolvida em sentidos opostos, conforme a categoria que ocupem, exatamente como sucederia, entre os homens, se a propusessem ora a um cientista, ora a um ignorante, ora a um gracejador de mau gosto. O ponto essencial, temo-lo dito, é sabermos a quem nos dirigimos.⁵

Examinando mais profundamente o tema, Kardec esclarece:

¹ KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. Parte 2, capítulo 10.

² KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. Parte 2, capítulo 24.

³ KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. Parte 2, capítulo 27.

⁴ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Introdução, item 13.

⁵ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Introdução, item 13.

À primeira vista, parecerá talvez estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira, mas isso não pode surpreender a quem quer que se haja compenetrado de que infinitos são os degraus que eles têm de percorrer antes de chegarem ao alto da escada. Supor-lhes igual apreciação das coisas fora imaginá-los todos no mesmo nível; pensar que todos devam ver com justeza fora admitir que todos já chegaram à perfeição, o que não é exato e não o pode ser, desde que se considere que eles não são mais do que a humanidade despida do envoltório corporal.⁶

- Os Espíritos se referem a estados distintos, ou coisas diferentes, estando todos certos, em relação ao que dizem.

Lembra Kardec que *a forma da resposta depende muitas vezes da forma da questão*.⁷

Algumas aparentes contradições entre a obra de Kardec e a literatura mediúnica contemporânea podem ser vistas sob esta perspectiva. Quando a obra de Kardec coloca, por exemplo, que os Espíritos não dormem, ela se reporta a Espíritos superiores, distantes da crosta terrestre, cujo modo de vida nos é desconhecido. Por outro lado, ao mostrar Espíritos desencarnados em sono profundo, a literatura mediúnica contemporânea se baseia em entidades desencarnadas em condição de perturbação, estabelecidas em regiões espirituais muito próximas da Terra.

- O mesmo Espírito pode fazer colocações aparentemente discordantes, em locais diferentes, em consonância com as características dos grupos ou com capacidade de compreensão das pessoas.

Sobre isso, Kardec, diz:

Os Espíritos realmente superiores jamais se contradizem e a linguagem de que usam é sempre a mesma, com as mesmas pessoas. Pode, entretanto, diferir, conforme as pessoas e os lugares. Cumpre, porém, se atenda a que a contradição, às vezes, é apenas aparente; está mais nas palavras do que nas ideias; porquanto, quem reflita verificará que a ideia fundamental é a

⁶ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 299.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução, item 13.

mesma. Acresce que o mesmo Espírito pode responder diversamente sobre a mesma questão, segundo o grau de adiantamento dos que o evocam, pois nem sempre convém que todos recebam a mesma resposta, por não estarem todos igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta. Decerto, responderíeis a uma e a outro de modo que te compreendessem e ficassem satisfeitos. As respostas, nesse caso, embora diferentes, seriam fundamentalmente idênticas.⁸

- As contradições aparentes podem ser resultado da interferência inconsciente do médium ou de elementos do meio.

As influências do meio e do médium são estudadas por Kardec em *O livro dos médiuns*.⁹ Ele resume suas ideias sobre o tema, da seguinte forma:

Das causas seguintes podem derivar as contradições que se notam nas comunicações espíritas: da ignorância de certos Espíritos; do embuste dos Espíritos inferiores que, por malícia ou maldade, dizem o contrário do que disse algures o Espírito cujo nome eles usurpam; da vontade do próprio Espírito, que fala segundo os tempos, os lugares e as pessoas, e que pode julgar conveniente não dizer tudo a toda gente; da insuficiência da linguagem humana, para exprimir as coisas do mundo incorpóreo; da insuficiência dos meios de comunicação, que nem sempre permitem ao Espírito expressar todo o seu pensamento; enfim, da interpretação que cada um pode dar a uma palavra ou a uma explicação, segundo suas ideias, seus preconceitos, ou o ponto de vista donde considere o assunto. Só o estudo, a observação, a experiência e a isenção de todo sentimento de amor-próprio podem ensinar a distinguir estes diversos matizes.¹⁰

⁸ KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. Item 301.

⁹ KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. Parte 2, capítulos 19, 20 e 21.

¹⁰ KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. Item 302

CONTRADITORES DA DOCTRINA ESPÍRITA

Kardec reconhece duas condições relacionadas à negação da Doutrina espírita: a oposição por interesse e o conhecimento incompleto dos fatos.¹ Refletindo em torno da segunda condição, verificamos que grande parte dos detratores do Espiritismo, ao afirmarem que conhecem a doutrina, se enganam a esse respeito. Pensam que o fato de terem lido apressadamente *O livro dos Espíritos*, ou outra obra espírita, lhes dá os recursos necessários para a devida compreensão da doutrina. Sabemos que não é tão simples assim. Para Kardec,

os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento. Porque, só dentro desta condição se pode observar um número infinito de fatos e particularidades que passam despercebidos ao observador superficial, e firmar opinião. [...]²

Para opinar, com autoridade, sobre qualquer assunto, necessário dispor-se de tempo e motivação para conhecer o assunto. Do contrário, serão pareceres levianos ou preconceituosos.

Examinando a primeira condição, a oposição por interesse, quais interesses poderiam estar implicados na negação da Doutrina Espírita? Relacionamos, as seguir, alguns que julgamos relevantes:

- Interesses materiais, de natureza econômica: muitos indivíduos ou grupos religiosos auferem ganhos e lucros financeiros em virtude do comércio das coisas religiosas, por meio de dízimos, doações, vendas de produtos diversos etc. A Doutrina espírita propõe uma espiritualidade sem intermediários humanos, desfocada de qualquer ligação com bens materiais, incomodando profundamente àqueles que vivem do comércio das coisas religiosas.
- Interesses vinculados à manutenção do prestígio pessoal: algumas pessoas construíram uma imagem de autoridade e importância, que lhes dá prestígio e valor social a partir de

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução, item 17.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução, item 17.

concepções religiosas e filosóficas. Ao oferecer um novo modo de pensar alicerçado na imortalidade da alma e nas vidas sucessivas, o Espiritismo se contrapõe a elas, desafiando-as a apresentar recursos mentais mais racionais e mais bem elaborados.

- Interesses mantenedores de um status científico: a aceitação dos princípios espíritas como leis naturais, levaria a ciência oficial a revisões de alcance dificilmente concebível. Grandes nomes da ciência acadêmica se veriam obrigados a rever grande parte de seus conceitos. Nem todos estão dispostos a isso.

Reportando-se à condição daqueles que dão por encerrada a questão espírita, como se a conhecessem a fundo, Kardec evoca a problemática do bom senso. O bom senso é habitualmente definido como o discernimento, a sensatez, a qualidade que permite ao indivíduo separar o certo do errado, usando a razão. Quando se diz que um indivíduo age com bom senso, significa que utiliza de argumentações e atitudes racionais para poder fazer julgamentos e escolhas assertivas, segundo os padrões morais de uma sociedade.

Como quase todo o mundo se acha detentor de bom senso, é complicado, muitas vezes, dizer do que se trata, na verdade. Modernamente, se propõe que o bom senso se traduziria pelo consenso da maioria das pessoas pensantes, ou seja, a posição hegemônica em dada cultura. É preciso considerar, todavia, que a maioria nem sempre pensou acertadamente: a história registra casos de tiranos perversos e sanguinários, que foram vistos com bons olhos pela maioria da população.

No texto, Kardec coloca que *o primeiro indicio da falta de bom senso está em crer alguém infalível o seu juízo.*³ Assim, o bom senso seria uma faculdade humana relacionada a humildade, considerando a humildade como o reconhecimento de nossa pequenez diante do Universo, a consciência das próprias limitações, que nos dá o sentimento exato das nossas fraquezas. Distanciam-nos do bom senso a arrogância, a autossuficiência, o conceito excessivamente elevado que alguém faz de si e de sua capacidade de análise. Aproxima-nos do bom senso a atitude saudável de mostrar abertura diante do novo, ou de tudo aquilo que expressa posições discordantes, ou diferentes da nossa, admitindo-se, pelo menos como hipótese, que se pode estar equivocado.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução, item 17.

Kardec conclui a Introdução de *O livro dos Espíritos* propondo um desafio cognitivo: de que seja ocupado o vácuo preenchido pelos Espíritos, ou seja, que deem explicações melhores para os diferentes fenômenos que decorrem da sua existência e manifestação.⁴ As religiões tradicionais e a ciência oficial estão bem distantes disso.

Rupert Sheldrake, bioquímico inglês, ex-membro pesquisador da Royal Society, em Londres, afirma que a ciência está sendo refreada por pressuposições seculares que se enrijeceram em dogmas.⁵ Essas convicções são muito fortes, não porque os cientistas reflitam sobre elas, mas justamente porque eles não fazem isso. Acrescenta que o sistema de crenças que rege o pensamento científico convencional é um ato de fé, baseado numa ideologia do século XIX. E a maior de todas as ilusões científicas é que a ciência já sabe as respostas. Sheldrake propõe dez principais crenças da maioria dos cientistas, que deveriam estar sendo examinadas por paradigmas que transcendem o materialismo:

- Tudo é essencialmente mecânico; as pessoas são máquinas, cujo cérebro é um computador programado geneticamente.
- Toda matéria é inconsciente; até mesmo a consciência humana é uma ilusão produzida pelas atividades físicas do cérebro.
- A quantidade total de matéria e energia é sempre a mesma.
- As leis da natureza são fixas.
- A natureza não tem propósito e a evolução não tem objetivo nem direção.
- Toda herança biológica é material, contida no material genético, o DNA, e em outras estruturas materiais.
- A mente está dentro da cabeça e nada mais é do que atividade cerebral.
- As memórias são armazenadas como traços materiais no cérebro e desaparecem com a morte.
- Fenômenos inexplicados como a telepatia são ilusórios.
- A medicina mecanicista é a única que realmente funciona.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução, item 17.

⁵ SHELDRAKE, R. Ciência sem dogmas

CONVULSIONÁRIOS

Convulsionários é a expressão pela qual eram conhecidas, no passado, as pessoas que se entregavam a certos tipos de práticas, por efeito do magnetismo, da exaltação religiosa ou do pensamento. Os convulsionários davam-se a histerias, que podiam degenerar em crueldades e indecência, chegando muitos deles a se autoflagelarem em espetáculos públicos. Nestas situações, era possível a ocorrência de certos fenômenos, como a faculdade de ler pensamentos e a insensibilidade à dor.

Sobre o tema Kardec teceu as seguintes considerações:

- Nos fenômenos que se dão com os indivíduos chamados convulsionários o magnetismo (ver Magnetismo) é a causa originária de tais fenômenos, podendo os Espíritos desempenhar algum papel.¹
- Os Espíritos que concorrem para a produção desta espécie de fenômenos são de natureza pouco elevada.²
- Quando se sucede estender-se subitamente a toda uma população, o estado anormal dos convulsionários e dos que sofrem de crises nervosas se dá pelo efeito de simpatia. As disposições morais se comunicam mui facilmente, em certos casos.³
- Entre as singulares faculdades dos convulsionários, algumas são reconhecidas nos fenômenos sonambúlicos (ver Sonambulismo) e magnéticos (ver Magnetismo), tais como a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão das dores por simpatia etc. Assim, não há dúvida de que alguns convulsionários estejam numa espécie de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre os outros. Eles são, ao mesmo tempo, magnetizadores e magnetizados, inconscientemente.⁴
- A causa da insensibilidade física que se observa em alguns convulsionários, assim como em outros indivíduos submetidos

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 481.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 481a.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 482.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 482.

às mais atrozes torturas, se dá pelo efeito do magnetismo, que atua sobre o sistema nervoso, do mesmo modo que certas substâncias. Em outros, a exaltação do pensamento embota a sensibilidade, como se a vida tivesse sido retirada do corpo para se concentrar toda no Espírito. Quando o Espírito está vivamente preocupado com uma coisa, o corpo nada sente, nada vê e nada ouve. A exaltação fanática e o entusiasmo não proporcionado, em casos de suplícios, múltiplos exemplos de uma calma e de um sangue-frio que seriam incapazes de triunfar de uma dor aguda, senão admitindo-se que a sensibilidade se acha neutralizada, como por efeito de um anestésico. Sabe-se que, no ardor da batalha, combatentes há que não se apercebem de que estão gravemente feridos, ao passo que, em circunstâncias ordinárias, uma simples arranhadura os poria trêmulos.⁵

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 483.

CURSOS DE ESPIRITISMO

Ocasionalmente, a existência de cursos regulares de Espiritismo é alvo de críticas por parte de alguns espíritas. No entanto, basta recordar que partiu do próprio Allan Kardec a primeira ideia de um curso regular de Espiritismo. Em *Obras Póstumas*, no projeto 1868, Kardec propôs um curso para *desenvolver os princípios da ciência e difundir o gosto pelos estudos sérios*.¹

Estranhamente, cursos de Espiritismo no Brasil só seriam estabelecidos cerca de cem anos depois da proposta de Kardec. O jornalista Deolindo Amorim foi um dos grandes divulgadores dos cursos sistematizados de estudos espíritas. Movimentou-se nesse particular nos últimos anos da década de 50, no *Instituto de Cultura Espírita do Brasil* (ICEB), no Rio de Janeiro.

Ele disse, à época, que seu maior objetivo

é justamente despertar interesse pelos estudos espiritualistas em geral, e, de um modo especial, melhorar o nível intelectual de doutrinadores e expositores da Doutrina Espírita, dando-lhes oportunidade franca de formar um lastro de cultura capaz de atender às próprias exigências da vida moderna em relação à divulgação da doutrina.

Questionado por que o ICEB desempenhava seu papel via um curso regular de Espiritismo, Deolindo respondeu:

O Instituto é uma entidade nova, mas não tem a pretensão de ser original, visto como a ideia de cursos de Espiritismo é muito mais antiga do que a nossa geração, conquanto muitas pessoas ainda vejam nisto um arremedo acadêmico, sem utilidade para o progresso do Espírito. Não é verdade, e é o bom senso, é a experiência que o demonstra.

Os cursos regulares de Espiritismo se generalizaram, e atualmente poucas agremiações espíritas não os oferecem. Os mais jovens devem acreditar que esses cursos sempre existiram, pois Kardec, em sua época, se referiu enfaticamente à importância deles, mas, na verdade, muitas décadas foram necessárias para que os cursos se tornassem uma realidade.

¹ KARDEC, A. *Obras póstumas*.

Em 1970, alguns anos depois de Deolindo, Alexandre Sech e colegas criaram, no Paraná, o COEM — *Curso de Orientação e Educação Mediúnica*, cujos resultados notáveis são observados por grande parte do movimento espírita. Finalmente, nos anos 1980, a Federação Espírita Brasileira (FEB) ofereceu o ESDE — *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*.

DESTRUIÇÃO

Dentre as leis da Natureza, a destruição recíproca dos seres vivos é uma que menos parece conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se porque Deus criou a necessidade dos seres vivos mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Uma primeira utilidade apresentada pela destruição — utilidade puramente física, é verdade — é esta: os corpos orgânicos não se mantêm senão por meio de matérias orgânicas, sendo estas matérias as únicas que contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Como os corpos, instrumentos da ação do princípio inteligente, têm necessidade de ser incessantemente renovados, a Providência os faz servir para sua manutenção mútua; é por esse motivo que o corpo se nutre, mas o Espírito não é nem destruído, nem alterado; apenas se despoja de seu envoltório.

Há, além disso, considerações morais de ordem elevada, segundo escreveu Kardec:

É necessária a luta para o desenvolvimento do Espírito. Na luta é que ele exercita suas faculdades. O que ataca em busca do alimento e o que defende para conservar a vida usam de habilidades e inteligência, aumentando, em consequência, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, em realidade, que foi o que o mais forte ou mais destro tirou ao mais fraco? A veste de carne, nada mais; ulteriormente, o Espírito, que não morre tomará outra”¹

Nos seres inferiores da criação, naqueles a quem ainda falta o senso de moral, nos quais a inteligência ainda não substitui o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Assim, eles lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os poderia estimular. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

Sob outro prisma, ao se destruírem mutualmente, pela necessidade de se alimentarem, os seres infra-humanos mantêm o equilíbrio na

¹ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 3.

reprodução, impedindo-a de tornar-se excessiva² Essa necessidade se enfraquece no homem, à medida que o Espírito sobrepuja a matéria. O horror à destruição cresce com o desenvolvimento intelectual e moral.

No que concerne a destruição dos animais pelo homem, ela se acha regulada pela necessidade que ele tem de prover ao seu sustento e à sua segurança.³ Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para satisfação de suas necessidades; enquanto o homem, dotado de livre-arbítrio, destrói sem necessidade. Ele terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois isso significa que cede aos maus instintos.⁴

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 733.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 734.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 735.

DEUS

Considerações kardequianas a respeito de Deus são encontradas, mais particularmente, em *O livro dos Espíritos*, no livro *A gênese*, e no artigo *Profissão de fé espírita raciocinada*, publicado em *Obras póstumas*. Os principais pontos a serem destacados são os seguintes:

- Propõe uma definição:

Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.¹

- Justifica a existência:

Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo, tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.²

A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos.³

- Admite ser o criador de tudo o que existe:

Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe, a base sobre que repousa o edifício da Criação.⁴

- Reproduz os atributos de Deus, segundo a tradição cristã:

Deus é, pois, a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições.⁵

¹ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 1.

² KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 4.

³ KARDEC, A. *A gênese*. Capítulo 2.

⁴ KARDEC, A. *A gênese*. Capítulo 2.

⁵ KARDEC, A. *A gênese*. Capítulo 2.

- Concebe uma providência divina, ou seja, a intervenção de Deus no mundo:

A providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às menores coisas. É nisto que consiste a ação providencial.⁶

- Reconhece a impossibilidade da sua compreensão:

Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?
“Não; falta-lhe para isso o sentido.”⁷

Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Para compreender Deus, ainda nos falta o sentido, que só se adquire com a completa depuração do Espírito.⁸

Deus existe; disso não podeis duvidar, e é o essencial. Crede-me, não vades além. Não vos percais num labirinto donde não lograríeis sair. Isso não vos tornaria melhores, antes um pouco mais orgulhosos, pois que acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, conseguintemente, de lado todos esses sistemas; tendes bastantes coisas que vos tocam mais de perto, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos libertardes delas, o que será mais útil do que pretenderdes penetrar no que é impenetrável.⁹

Em nossos dias, alguns pontos colocados por Kardec têm provocado discussões.

Alguns estudiosos da Doutrina Espírita acreditam que Kardec se inspirou fortemente no pensamento positivista, prevalente em sua época, ao propor um conceito para Deus, com todas as limitações que o tema oferece. Alguns acham que o melhor seria não definir Deus. Isso porque qualquer definição será sempre incompleta e insatisfatória. Alguns propõem que se reproduza o que grande parte dos biólogos fazem diante da necessidade de definir vida. Dizem, simplesmente: vida não se define. Segundo eles, melhor seria dizer: Deus não se define.

Léon Denis pensava assim:

⁶ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 2

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 10.

⁸ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 2.

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 14.

Pode-se levar mais além do que fizemos a definição de Deus? Definir é limitar. Em face desse grande problema, a humana fraqueza aparece. Deus se impõe ao nosso espírito, mas escapa a qualquer análise. O Ser que preenche o tempo e o Espaço não será jamais medido por seres que o tempo e o Espaço limitam. Querer definir Deus, seria procurar vê-lo e quase negá-lo.¹⁰

Quanto às provas da existência de Deus, Kardec se vale fortemente da existência do universo: não existe efeito sem causa. Como o universo não poderia ter-se feito por si mesmo, teria sido feito por algo ou alguém, que seria Deus. Alguns estudiosos acreditam que essas evidências talvez não tenham, em nossos dias, a mesma força do passado. Atribuir a Deus a origem do universo não resolve filosoficamente o problema, apenas o transfere para outra dimensão: e quem criou Deus? E assim a questão filosófica se mantém sem solução. Segundo esses estudiosos acreditar ou não em Deus é uma questão de fé, ou seja, uma crença que não pode ser provada.

Embora Deus não possa ser compreendido, nem provado cientificamente, a tradição cristã tem procurado caracterizá-lo através de atributos. Em teologia cristã, um atributo divino é uma qualidade ou característica atribuída a Deus. Dada a condição especial de Deus, os atributos são comumente chamados de perfeições divinas.

Ao considerar Deus como eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, Kardec relacionou alguns dos muitos atributos divinos sugeridos pela tradição cristã e encontrados em livros de diferentes autores sacros. Importante registrar que Kardec apenas reproduziu o pensamento da tradição cristã, nada propondo de novo. Esses atributos, ou parte deles, remontam a argumentos propostos por gregos e judeus, antes de Cristo. Foram ampliados por autores do cristianismo inicial como Justino, Inácio de Antioquia e Irineu. Também Santo Agostinho (século IV) e Tomás de Aquino (século XIII) cuidaram de escrever sobre o tema.

Vale ressaltar que esses atributos são propostas humanas, e, portanto, passíveis de erro. Deus nunca se manifestou objetivamente dizendo: eu sou isso ou aquilo. Foram homens que, através da revelação, particularmente aquela contida na Bíblia, e usando a razão, relacionaram os possíveis atributos divinos.

¹⁰ DENIS, L. Depois da morte. Capítulo 9.

Quanto à eternidade divina ("Deus sempre existiu"), levantou-se o seguinte problema: Deus cobra de seus filhos um esforço e uma porfia repleta de percalços, inerentes à própria evolução, mas ele próprio nunca viveu isso. Considerando que Deus sempre foi Deus, o seu status não foi resultado do esforço pessoal.

Gustavo Geley, pelo motivo acima, mostrou-se simpático a uma espécie de panteísmo:

[...] a propósito dessas magníficas concepções panteístas, não quero deixar de citar aqui algumas belas palavras de Marius George (Humanidade Integral), janeiro de 1896: “Parodiando uma frase célebre, eu disse uma vez: – Sou homem e tudo o que se relaciona com os homens me interessa; mas o que não se referisse ao destino dos meus semelhantes não me poderia interessar. Se há um ou mais deuses, anjos ou arcanjos que jamais conheceram o esforço, a luta e o sofrimento; que nunca atravessaram a noite angustiosa da ignorância, estes seres, que nada têm de humano, não me interessam para nada. Como seres superiores ou meus irmãos maiores e por muito altos que estejam na sua glória, eu não posso, nem quero honrá-los mais do que aos seres que têm vivido as nossas próprias misérias e que, pequenos como nós, souberam elevar-se à força de amor, de luta e de sofrimento”¹¹

Examinando a suprema bondade, outro atributo divino, algumas questões são colocadas:

- A lei de Deus obriga alguns seres a se alimentarem de outros seres, matando-os (animais carnívoros), o que não parece condizer com o que entendemos por bondade.
- A dor está no DNA da evolução, e não existe apenas como resultado da lei de causa e efeito. Sofre-se para nascer, crescer, gerar filhos, envelhecer, vendo os entes queridos partindo pela porta da desencarnação, para morrer etc. Um deus de amor, sendo a inteligência suprema, poderia criar outra dinâmica evolucionária, que não essa!
- O sofrimento expiatório não poupa ninguém: são atingidos o bebê recém-nascido e o idoso de mais de 90 anos. Até a falível

¹¹ GELEY, G. Resumo da doutrina espírita.

lei humana poupa certos réus em decorrência da idade ou outros fatores.

- Mesmo os que oferecem a existência para falar dele e louvá-lo são atingidos com a mesma dose de sofrimento.

Uma lenda narra o seguinte:

Santa Teresa de Ávila estava indo de burro até um dos conventos da ordem carmelita, quando o burro achou por bem derrubá-la em plena lama. Além de se sujar toda, ela ainda machucou a perna. Ela então olhou para o céu e disse a Deus, com quem tinha grande intimidade filial: “Senhor, que bela hora para acontecer isto! Por que deixastes isso acontecer?” Uma voz do Céu lhe respondeu: “É assim que trato os meus amigos!” A santa mística retrucou no ato: “Se é assim que tratais os Vossos amigos, não me admira que tenhais tão poucos!”¹²

Quanto à providência divina, ou seja, a ação de Deus no mundo, alguns pensadores consideram-se céticos, mesmo admitindo a existência de Deus. Propõem que Deus tenha criado o universo e as leis que o sustentam, e que o universo funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que haja mister a intervenção incessante da providência. A principal crítica à providência divina se fundamenta na forte presença do mal na Terra, nas injustiças terrenas e no sofrimento dos inocentes.

Outro ponto complicado em relação à providência divina (ou seja, as leis divinas) é o seguinte: estaria Deus sujeito às leis que Ele criou? Se sim, alguém, antes dele, deveria ter sido o criador de tais leis; se não, então podemos nos perguntar qual seria a lógica de alguém criar leis que não se aplicam a si próprio? Como pode alguém perfeito, que necessariamente cria leis perfeitas (porque alguém perfeito não cria nada imperfeito), estar acima das leis (perfeitas) que ele mesmo teria criado?

Ainda do ponto de vista da filosofia, outra questão — aparentemente simples, mas extremamente profunda — que se coloca é a seguinte: supondo que exista um Deus, por que razão ele criou o mundo?

Um pensamento que exclui a interferência divina no mundo foi proposto por Simone Weil, judia que se converteu ao cristianismo, após uma experiência mística. Segundo ela, Deus pode destruir o mal e evitar a dor, mas não o faz porque o homem necessita deles para purificar-se e

¹² <https://pt.aleteia.org/2019/09/05/por-que-deus-as-vezes-trata-mal-os-seus-amigos>

recebê-lo em sua alma. Simone levanta a possibilidade de que Deus criou o mundo e depois se afastou, para o homem poder existir. O mal não teria sido criado por Deus, mas pelo próprio homem. É o homem que, entregue à possibilidade de escolher, muitas vezes tem escolhido erradamente. Segundo ela, deve ser bem entendido que o mal só existe por essa dispersão do bem, pela ausência de Deus.

Assim, o pensamento de Simone Weil admite a existência de Deus, mas nega a providência divina, ou seja, a possibilidade de Deus intervir na ordem do mundo. Deus pode fazê-lo, mas não o faz, porque o homem necessita se desenvolver por si. Através deste raciocínio é que Simone conciliou Deus com o amor. Deus aguarda que o homem, expandindo o amor, esteja pronto para recebê-lo um dia, no interior de sua alma. O verdadeiro Deus é o Deus concebido como não comandando em toda a parte onde possa fazê-lo.

Tudo isso reforça a ideia de que sobre Deus, quase nada se pode deduzir.

Nas palavras de Simone Weil:

Desde a adolescência eu achava que o problema de Deus é um problema cujos dados estão faltando aqui embaixo e que o único método eficiente para evitar resolvê-lo de maneira errada, o que me parecia ser o maior mal possível, era não perguntando. Parecia-me inútil resolver esse problema, pois eu pensava que, estando nesse mundo, cabe a nós adotar a melhor atitude possível para com os problemas dele, e que essa atitude não dependia da solução do problema de Deus.

Deus só pode estar presente aqui embaixo em segredo.¹³

Pascal, que além de matemático foi filósofo, acreditava não ser possível, com a razão, provar a fé em Deus, nem sequer Deus. Pascal recusava as tradicionais provas da existência de Deus. Daí seu renomado pensamento:

o coração tem razões que a própria razão desconhece.¹⁴

Ante a insistência de Kardec em melhor compreender os mistérios de Deus, os Espíritos foram enfáticos ao esclarecê-lo quanto a

¹³ WEIL, S. Espera de Deus.

¹⁴ PASCAL, B. Pensamentos.

impossibilidade de tal cometimento, convidando-o a estudar mais fortemente questões possíveis e afeitas à nossa maior necessidade, o progresso intellecto-moral.¹⁵

¹⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 14.

DUPLA VISTA

Muitas condições, reconhecidas pelo Magnetismo Animal, decorrem da emancipação da alma: sono, sonambulismo, êxtase e dupla vista são algumas delas.

De acordo com Allan Kardec, a emancipação da alma que se verifica no estado de vigília produz o fenômeno conhecido pelo nome de segunda vista ou dupla vista, a faculdade graças à qual quem a possui vê, ouve e sente além dos limites dos sentidos humanos. Percebe o que exista até onde estende a alma a sua ação. Vê, por assim dizer, através da vista ordinária e como por uma espécie de miragem.

O poder da vista dupla varia, indo desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. Quando rudimentar, confere a certas pessoas a perspicácia e uma certa segurança nos atos, sendo o que damos o nome de golpe de vista. Um pouco desenvolvida, desperta os pressentimentos; mais desenvolvida, mostra os acontecimentos que deram ou estão para dar-se.

O termo dupla vista, hoje em desuso, foi substituído pela expressão *percepção extrassensorial*.

A percepção extrassensorial (PES) diz respeito à capacidade que algumas pessoas, supostamente, teriam de perceber o produzir fenômenos para além dos seus sentidos. São fenômenos parapsíquicos, estudados por um ramo da ciência menos ortodoxa, denominado Parapsicologia. Menos ortodoxa porque os fenômenos parapsíquicos, por não poderem ser controlados pelo observador, não se enquadram nos critérios exigidos pela ciência empírica (verificabilidade, falseabilidade, replicabilidade, controle de variáveis, capacidade de predição etc.).

A Parapsicologia não supõe vida após a morte e nem o intercuro com Espíritos.

Os tipos mais comuns de PES, descritos pela Parapsicologia, são: *telepatia* (captar o que se passa na mente do outro, “ler” pensamentos); *clarividência* (ver uma imagem que está além dos olhos); *psicocinesia* (mover objetos sem tocá-los, também chamada de *telecinesia*); *precognição* (conhecimento antecipado de fatos futuros não deduzíveis logicamente, pressentimento, adivinhação do futuro).

Todos esses supostos fenômenos podem ocorrer de maneira voluntária ou involuntária, e, segundo a Parapsicologia, não necessitam da

presença ou da atuação de um Espírito, podendo ocorrer, unicamente, devido ao “poder do pensamento” ou a uma “força mental” advinda do próprio indivíduo. Muitos desses fenômenos também podem ocorrer por puro ilusionismo. Com efeito, muitos que se declaravam paranormais já foram desmascarados. Entretanto, ainda persistem muitos casos que permanecem sem uma explicação científica satisfatória.

EGOÍSMO

Imperfeições morais são características psicológicas de um indivíduo que causam em outras pessoas algum tipo de prejuízo ou sofrimento. Allan Kardec afirma que a maioria das imperfeições morais tem origem no egoísmo.¹

Kardec define egoísmo como o interesse pessoal exacerbado, ou seja, um sentimento que faz o homem voltar-se apenas para as necessidades pessoais, desconsiderando as necessidades dos outros. Ainda segundo Kardec, o egoísmo surge do exagero do *instinto de conservação*.²

Como podemos entender isso? Todos os seres vivos possuem uma espécie de projeto de defesa da vida, como se fossem as ferramentas de um kit de sobrevivência. Consideremos como exemplo o mecanismo de defesa que os seres humanos desenvolveram para evitar os danos da repetida fricção da pele: os calos. Quando se caminha descalço, as solas dos pés se tornam calosas, o que nos capacita a continuar andando sem que nossa pele se gaste até o osso. Isso acontece porque o organismo fabrica mais células no local que está sendo mais exigido. Esta é uma ferramenta do kit de sobrevivência humano. Isso não acontece com os seres brutos, tais como pedras e objetos. Quando alguém dirige um carro, os pneus não ficam mais espessos; pelo contrário, se desgastam até ficarem completamente carecas.

Os seres humanos possuem muitas outras ferramentas nesse kit de sobrevivência para defender-se contra as forças hostis. Outro exemplo é a dor física. Ela é resultado de um mecanismo de defesa do corpo. Ela anuncia que alguma coisa está errada conosco, então podemos tomar as providências. É claro que ninguém gosta de sentir dor, mas nós não existiríamos sem ela. Alguns indivíduos são acometidos de uma doença muito rara, em que não são capazes de sentir dor. Estas pessoas morrem muito cedo.

Além da dor, impulsos e motivações são também mecanismos de proteção à vida, como a fome, a sede, o desejo sexual, a necessidade de segurança, de cuidar da cria, de ser aceito em uma comunidade.

Outro mecanismo nos ajuda a vencer as agressões e as dificuldades da vida: as emoções. As emoções desempenham um papel decisivo no

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 917.

² KARDEC, A. A gênese. Capítulo 3.

comportamento social. Quando indivíduos inteiramente normais sofrem lesões em regiões cerebrais necessárias para ocorrerem certas emoções, eles perdem a capacidade de governar o seu comportamento na sociedade. A capacidade de decisão, especialmente em situações de grande incerteza, fica fortemente comprometida.

Medo, raiva, nojo, alegria, tristeza, ciúme, inveja, culpa, orgulho, vergonha são exemplos de algumas emoções. Emoções são sensações físicas e mentais provocadas por algum estímulo externo, ou mesmo por nossos pensamentos, que nos levam a reagir diante de um acontecimento qualquer. O objetivo das emoções é nos proteger de alguma coisa e nos ajudar a viver em sociedade. Por exemplo:

- o medo nos faz fugir de algo que pode nos prejudicar;
- a tristeza funciona como um pedido de socorro, um apelo a compaixão alheia;
- a raiva tem como finalidade assustar o outro, diminuindo a possibilidade de ele continuar nos agredindo;
- o nojo faz com que evitemos alimentos que possam nos fazer mal;
- a culpa e a vergonha nos advertem de que estamos errados;
- a indignação sinaliza que outras pessoas violaram normas de conduta necessárias à vida em comunidade;
- a inveja nos motiva a mobilizarmos as forças de nossa inteligência para alcançarmos aquilo que admiramos nos outros;
- o ciúme funciona como proteção à infidelidade, fazendo com que cuidemos melhor de nós mesmos e de nosso parceiro;
- o orgulho nos dá a autovalorização, tão importante à sobrevivência.

Todos esses mecanismos estão relacionados com o que Allan Kardec chamou de instinto de conservação, um instinto que tem como finalidade a manutenção da vida física.

Como estamos vendo, esse instinto se multiplica em muitos outros instintos dependentes dele, que se manifestam como necessidades e sentimentos. A necessidade de alimentar-se, de procriar, de sentir-se seguro, de cuidar dos filhos, de sentir-se valorizado e integrado à comunidade são alguns desses sentimentos naturais que se encontram inseridos no instinto de conservação.

O instinto de conservação é um bem em si mesmo. Porém, o exagero o torna mal e pernicioso. O interesse pessoal e o valor que damos a nós mesmos não são, por si mesmos, sentimentos negativos, quando existem na medida correta. Eles consistem em sentimentos saudáveis e necessários à própria vida. Sem eles, cairíamos numa condição de inatividade, desinteresse por tudo e caminharíamos rumo à autodestruição. As condições essenciais à manutenção da vida física e ao progresso do Espírito são motivadas pelo interesse pessoal e pelo valor que damos a nós e aos nossos descendentes.

Desta forma, o problema realmente está no excesso, no abuso, no exagero desses sentimentos. Daí nascem as imperfeições morais. Quando ultrapassamos os limites do instinto de conservação, nasce o egoísmo e todas as más inclinações derivadas dele.

Kardec escreveu:

Deus não condena os gozos terrenos, mas o abuso desses gozos em detrimento das coisas da alma.³

No abuso é que reside o mal e o homem abusa em virtude do seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, livremente escolhe entre o bem e o mal.⁴

Portanto, as imperfeições morais derivam de sentimentos naturais, necessários à sobrevivência, que são levados ao extremo, potencializados pelo desejo insaciável de prazer, extrapolando suas funções evolutivas. É importante entender que as paixões, os vícios e as más inclinações não são sentimentos novos, criados para o prazer; são sentimentos próprios e naturais que são exagerados, excessivamente cultivados e deturpados por iniciativa da própria pessoa. Vejamos alguns exemplos:

- a necessidade de nutrir o corpo tornou o alimento e a ingestão de líquidos uma função prazerosa. O excesso dessa função encaminha-nos para a gula;
- a vida sexual é necessária para a reprodução da espécie e manutenção da vida. A evolução tornou-a prazerosa, para que o homem não se descuidasse dela. Seu excesso criou as paixões sexuais e todas as viciações decorrentes delas, além da

³ KARDEC, A. O Evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 2, item 6.

⁴ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 3.

desconsideração pelo sentimento dos outros e rompimento injustificável de laços afetivos respeitáveis;

- o repouso é necessário à reposição de energias para prosseguimento do trabalho. Seu excesso deu origem à preguiça, à acomodação e, conseqüentemente, à exploração do esforço alheio;
- o cuidado e a proteção da prole são condições necessárias à manutenção da vida física, mas os excessos deram origem ao orgulho de família.
- o desejo de possuir o necessário e a busca do bem-estar são sentimentos naturais e motivadores das ações humanas. O excesso desses sentimentos gerou a ambição desmedida, a pressa, a ansiedade, a impaciência, o vício do poder, a usura, o consumismo e o esbanjamento. Quando são ainda mais exagerados, motivam o furto, o roubo, o assassinio, a criminalidade de uma forma geral;
- a valorização do grupo ao qual pertencemos é um sentimento natural e necessário para a preservação da comunidade e para a criação dos laços de amizade. Seu excesso levou ao surgimento da intolerância diante daqueles que não pertencem ao nosso grupo, e, em decorrência disso, o preconceito e à discriminação;
- o prazer decorrente de nossa inserção em uma comunidade é sentimento natural, pois ninguém consegue viver sozinho. O excesso desse sentimento deu origem à busca constante do elogio e do sucesso, a preocupação excessiva com a opinião dos outros e a necessidade constante de aprovação, que caracterizam a vaidade.
- a aspiração em conseguir algo melhor para nós e nossa família é algo positivo, que nos inspira a produzir de forma mais eficiente e criativa; quando em excesso esse sentimento se transforma na inveja.
- a valorização do parceiro é um sentimento desejável que nos leva a cuidar melhor dele, evitando possíveis interferências de rivais; o exagero desse sentimento natural se transforma no ciúme.
- a autovalorização é fundamental para cuidarmos de nós mesmos; seu excesso leva ao vício do orgulho.

Assim, Kardec entende que o egoísmo surge do exagero de instintos e sentimentos naturais e necessários. O egoísmo se desdobra em várias outras imperfeições morais: o orgulho, a vaidade, o ciúme, a inveja e a avareza etc.

EMANCIPAÇÃO DA ALMA

Estado particular da vida humana durante o qual a alma, desprendendo-se de seus laços materiais, recupera algumas das suas faculdades de Espírito e entra mais facilmente em comunicação com os seres incorpóreos. Este estado se manifesta principalmente pelo fenômeno dos sonhos, da dupla-vista, do sonambulismo natural ou magnético e do êxtase.¹

¹ KARDEC, A. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Encarnar significa estar em estado de carne. Na verdade, quando Kardec emprega esse termo, ele provavelmente se refere a estar, em maior ou menor grau, ligado à matéria, ou seja, materializado. No planeta Terra, estar na matéria significa literalmente estar na carne, mas, em planetas superiores, como Júpiter (mencionado na *Revista Espírita* de 1858), onde a matéria é muito menos densa que a nossa, estar “encarnado” significa estar com o “corpo” envolto na atmosfera fluídica do planeta.

O objetivo da encarnação dos Espíritos foi bem estabelecido por Allan Kardec:

Se não existissem montanhas, não compreenderia o homem que se pode subir e descer; se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito ganhe experiência; é preciso, portanto, que conheça o bem e o mal. Eis por que se une ao corpo.¹

O Espírito, segundo o texto, se une ao corpo, através da dinâmica da reencarnação, para *compreender, conhecer e ganhar experiências*. Experiência consiste no ato de vivenciar alguma coisa e essa vivência se traduz em habilidade. O pensamento de Kardec evoca muito mais a construção de sentimentos do que estados de intelecto. As conquistas do intelecto podem se dar com a leitura atenta e o estudo sistemático, mas as conquistas do sentimento exigem na sua concretização a vivência pessoal. Ninguém pode explicar a outra pessoa, que nunca vivenciou determinado sentimento, em que consiste a qualidade desse sentimento.

Por outro lado, a afirmativa que é necessário que o Espírito adquira experiência através do conhecimento do bem e do mal, pode se referir a vivências em contextos ambientais distintos (em uns predomina o bem, em outros, o mal). Pode também estar se reportando à aprendizagem que o Espírito vai construindo para si através dos seus acertos e erros. Determinadas experiências que dão prazer ao Espírito são repetidas por ele na busca de repetir a experiência prazerosa. Outras, cujo resultado não o satisfaz, são evitadas. É assim que, gradualmente, ele vai assumindo atitudes na tentativa de sofrer menos e se alegrar mais.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 634.

Mas uma questão é colocada: o Espírito não poderia viver as experiências de crescimento exclusivamente na dimensão espiritual?

Embora a dimensão espiritual, considerando a vasta obra mediúmica do século XX, se identifique, em muitos aspectos, com as condições de vida na Terra, há diferenças entre elas. São essas diferenças que dão um sentido a reencarnação, e a tornam uma necessidade imperiosa. A *dimensão física* se diferencia da *dimensão espiritual* nos aspectos descritos a seguir.

A inserção em um ciclo vital próprio da biologia reencarnatória.

Processos, como nascer, crescer, enamorar-se, reproduzir-se, criar filhos, envelhecer, identificar-se com um corpo com características genéticas peculiares e vivenciar certas enfermidades, são exclusivos da organização corpórea. Cada um desses processos oferece ao reencarnante possibilidades diferentes de internalizar sinais que vão ao encontro de seu próprio amadurecimento, desenvolvendo suas habilidades. Tal ciclo de vida, como o conhecemos, parece não existir na dimensão espiritual.

Kardec, reportando-se a isso, coloca:

Os Espíritos adquirem pouco a pouco os conhecimentos que lhe faltam ao percorrerem as diferentes fases da vid.²

A luta pela sobrevivência.

A inserção na dimensão física coloca o Espírito em um meio no qual a atividade e o trabalho são praticamente obrigatórios, do contrário, vem a fome, a doença e a morte. Isso não se dá na dimensão espiritual (mesmo porque já estando mortos, não podem morrer novamente). O trabalho é o motor do progresso e a atividade incessante é a alavanca no desenvolvimento das inteligências. Resolver problemas relacionados ao próprio ato de viver desenvolve as inteligências e expande as possibilidades mentais do Espírito.

Segundo Kardec:

Os Espíritos se instruem nas lutas e tribulações da vida corpora.³

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 115a.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 133.

Sem o trabalho, o homem permaneceria na infância intelectual.⁴

O período da infância.

A infância (que na espécie humana é muito mais longa do que nas outras espécies animais), segundo Kardec, torna o Espírito mais acessível ao burilamento do caráter, através da educação e dos bons exemplos dos pais, professores e da intervenção salutar das religiões. Essas intervenções, quanto positivas, podem auxiliar na transformação moral da individualidade.

Como transformar em homens de bem, tantos Espíritos cristalizados no mal, senão fazendo com que passem por períodos múltiplos de infância, levando-os à convivência sadia com pais amorosos, mas disciplinadores, que estarão semeando em seus corações as sementes da bondade, da justiça e da consideração pelo semelhante?

Lê-se em Kardec que *“não é raro que um mau Espírito peça lbe seja dado bons pais, na esperança de que seus conselhos o encaminhem por melhor senda e muitas vezes Deus lbe concede o que deseja”*.⁵

O esquecimento do passado.

O esquecimento do passado permite à individualidade conviver com seus desafetos, sem se recordar dos desatinos perpetrados reciprocamente. Tais recordações poderiam reanimar animosidades, criando embaraços à harmonização dos relacionamentos. A lembrança de nossas personalidades anteriores teria inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, nos humilhar muito; em outros, exaltar nossa personalidade.

Segundo Kardec, Deus deu, para nos melhorarmos, exatamente o que é necessário e basta: a voz da consciência e nossas tendências instintivas, privando-nos do que poderia nos prejudicar. Se tivéssemos lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente a dos outros, e esse conhecimento poderia ter os mais desastrosos efeitos sobre as relações sociais.⁶

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 676

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 209.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 394.

Kardec, examinando o retorno do Espírito ao mundo corpóreo, comenta que o mesmo perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões anteriormente adquiridas, que vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes. Ele renasce qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir.

Ainda aí a bondade do Criador se manifesta, porquanto, adicionada aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante do passado, poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele traz o que aprendeu sob a forma de tendências e inclinações, por lhe ser isso útil. Eis, pois, que surge um novo homem, por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes.

Quando retorna à vida espiritual, seu passado se lhe desdobra diante dos olhos e ele julga de como empregou o tempo, se bem ou mal. Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual. Cada Espírito é sempre o mesmo eu, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta, apenas, uma fase da sua existência.⁷

A convivência com pessoas diferentes.

Na dimensão espiritual, a lei de sintonia é absoluta. Os semelhantes se buscam na imensidão do espaço, constituindo grupos afins. Na dimensão física, isso, definitivamente, não se dá — vivem todos em um “balaio de gato”: o responsável ao lado do irresponsável, o justo ao lado do injusto, o sábio ao lado do obtuso, o gentil ao lado do grosseiro etc. A convivência na diversidade estimula o progresso. Os que se acham em condição evolutiva inferior têm, em seus superiores, o exemplo e o estímulo para a autossuperação. Os que se encontram em posição superior encontram na convivência com os que estão em posição inferior às oportunidades para expiar suas provas.

Por isso, as diferenças que existem entre nós não devem ser apenas toleradas, mas respeitadas, pois elas são a riqueza da humanidade, formando o caldo de cultura que serve de base para uma filosofia do diálogo. Se todos fôssemos absolutamente iguais, não encontraríamos os elementos deflagradores do desenvolvimento pessoal. Conviver com a desigualdade numa situação de assimetria de forças (o mal mais forte que

⁷ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11.

o bem, como se dá em mundos de provas e expiações como o nosso) por si só já é um enorme desafio e uma difícil provação.

Kardec admite isso ao colocar que “*a desigualdade existente entre os Espíritos é necessária às suas personalidades*”⁸

A dimensão corpórea restringe os sentidos espirituais.

Quando examina a condição do Espírito encarnado, Kardec adverte que é preciso considerar a influência da matéria, que entrava com maior ou menor intensidade o exercício das suas faculdades.⁹

Emmanuel complementa o pensamento kardequiano lembrando que no plano carnal o Espírito está reduzido em suas percepções a limites que se fazem necessários. A esfera sensorial funciona, para ele, à maneira de câmara abafadora. Visão, audição, tato, padecem enormes restrições. E dentro da grade dos sentidos fisiológicos, o Espírito recebe gloriosas oportunidades de trabalho no labor de autossuperação.

Sob as constrictões naturais do plano físico, é obrigado a lapidar-se por dentro, a consolidar qualidades que o santificam e, sobretudo, a estender-se e a dilatar-se em influência, pavimentando o caminho da própria elevação. Aprisionado no castelo corpóreo, os sentidos são exíguas frestas de luz, possibilitando-lhe observações convenientemente dosadas, a fim de que valorize, no máximo, os seus recursos no espaço e no tempo. Na existência carnal, encontra multiplicados meios de exercício e luta para a aquisição e fixação dos dons de que necessita para respirar em mais altos climas.

Sofrendo limitações, improvisa novos meios para a subida aos cimos da luz, marcando a própria senda com sinais de uma compreensão mais nobre do quadro em que sonha e se agita.¹⁰

A vida orgânica possibilita viver papéis sociais diferentes.

Em dada existência o Espírito vive a experiência do corpo masculino, em outra do corpo feminino; da família numerosa, ou do celibato, da atividade intelectual ou da atividade manual, da beleza ou da feiura, da riqueza ou da pobreza etc.

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 119.

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 370a.

¹⁰ EMMANUEL;XAVIER, F.C. Roteiro. Capítulo 2.

Importante considerar também a identificação com culturas diferentes. Enquanto a maioria das culturas ocidentais tem perspectivas individualistas, a maioria das culturas orientais é guiada por pontos de vista coletivistas. Nas culturas individualistas, o principal foco é a pessoa individual, considerada como mais importante do que o grupo. A competição e a conquista pessoal são enfatizadas dentro dessas culturas. Nas culturas coletivistas, contudo, o grupo é valorizado acima do indivíduo, e se acentua a cooperação. Em cada uma dessas culturas, o Espírito reencarnante encontra elementos diferentes, que possibilitam o seu desenvolvimento global.

ERRATICIDADE

Espírito errante é um termo empregado por Kardec que designa todos os Espíritos desencarnados, com exceção dos Espíritos puros, pois estes não necessitam reencarnar.

Kardec define erraticidade como o estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados, durante os intervalos de suas diversas existências corpóreas.¹ A erraticidade absolutamente não é símbolo de inferioridade para os Espíritos. Há Espíritos errantes de todas as classes, salvo os da primeira ordem, ou puros Espíritos, que, não tendo mais que passar pela reencarnação, não podem ser considerados errantes.

Os Espíritos errantes são felizes ou infelizes, conforme seu grau de depuração. É nesse estado que o Espírito, então despojado do véu material do corpo, reconhece suas existências anteriores e as faltas que o distanciam da perfeição e da felicidade infinita. É ainda nessa condição que ele escolhe novas provas, a fim de progredir mais rapidamente.

¹ KARDEC, A. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.

ESCALA ESPÍRITA

Escala espírita foi o termo empregado por Kardec ao propor uma classificação dos Espíritos segundo a condição intelecto-moral. Esta escala se baseia, portanto, no grau de adiantamento, nas qualidades já adquiridas e nas imperfeições das quais ainda terão de despojar-se.

Essa classificação admite três ordens: Na primeira, estão os Espíritos que atingiram a perfeição: os puros Espíritos. Formam a segunda ordem os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza.

É relevante considerar que, à medida que os Espíritos se melhoram, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.¹ Os próprios Espíritos ensinam que eles pertencem a diferentes categorias, segundo o grau de sua purificação, mas nos dizem também que essas categorias não constituem espécies distintas e todos os Espíritos são chamados a percorrê-las sucessivamente.

Dado o nosso baixo grau de evolução na condição de encarnados, só nos é possível produzir manifestações mediúnicas com espíritos que estejam em situação vibratória não muito diferente da nossa. Daí se conclui que só temos acesso a espíritos de terceira ordem ou, em casos raros e específicos, a espíritos de segunda ordem. Os espíritos puros não se comunicam diretamente conosco. Talvez o façam, eventualmente, utilizando como meio espíritos de hierarquia intermediária.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questões 96 a 113

ESCOLHA DAS PROVAS

As experiências inerentes a uma dada existência física são, em parte, escolhidas por alguns Espíritos, antes de seu retorno ao mundo físico. Muitos Espíritos têm consciência e previsão do que lhe acontecerá durante a vida. Eles mesmos escolhem o gênero de provas que deseja sofrer.¹ Possuindo a liberdade de escolha, o Espírito é responsável pelos seus atos, assim como das consequências que lhe advirem. Nada lhes estorva o futuro e mesmo que venha sucumbir às provas escolhidas, ainda lhe resta uma consolação, a de que nem tudo se acabou para ele, pois Deus permite sempre recomeçar o que foi mal feito.

O Espírito sabe que, escolhendo determinado caminho, terá de passar por determinado gênero de lutas; sabe qual a natureza das vicissitudes que irá encontrar, mas não sabe quais os acontecimentos que o aguardam. Os detalhes nascem das circunstâncias e da força das coisas. Só os fatos principais que influem no destino estão previstos.²

Nem sempre o Espírito faz a sua escolha imediatamente após a morte, pois muitos, ainda pouco evoluídos, julgam que suas penas têm um caráter eterno. Por outro lado, ele pode ainda fazer sua escolha durante a vida corporal, pois um desejo intenso pode influir no seu futuro. Tudo depende de sua intenção. Isso é possível, pois o Espírito, embora encarnado, tem sempre os momentos em que se liberta parcialmente da matéria.

Geralmente o Espírito escolhe as provas que lhe podem servir de expiação, segundo a natureza de suas faltas, assim como aquelas que podem contribuir para o seu adiantamento. Uns podem impor-se uma vida de misérias e privações, para suportá-las com coragem; outros, experimentar as tentações da fortuna e do poder, bem mais perigosas pelo abuso e mau emprego que lhe pode dar e pelas más paixões que desenvolvem; outros, enfim, querem ser provados nas lutas que terão de sustentar no contato com o vício.³

Um Espírito inexperiente não pode escolher uma existência com pleno conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 258.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 259.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 264.

Entretanto, à medida que vai evoluindo e que seu livre-arbítrio se desenvolve, tornando-se mais senhor de si, toma decisões por si mesmo.

Algumas provas, podem ser impostas, em vez de serem escolhidas espontaneamente; isso, porém, acontece apenas com Espíritos inferiores, que se revelam refratários às orientações dos bons Espíritos, ou no caso de expiação de faltas, o que deverá auxiliar o seu progresso.⁴

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 262.

ESFERAS

O vocábulo *esfera*, utilizado por Kardec, se identifica com os termos *orbe*, *planeta* ou *mundo*, como a Terra, Marte etc. Kardec não admitia a ideia, amplamente divulgada na literatura mediúmica recebida por Chico Xavier, de esferas espirituais envolvendo nosso planeta.

Escreveu Kardec:

Esfera – palavra pela qual certos Espíritos designam os diferentes graus da escala espírita. Eles dizem que se chegou à quinta ou à sexta esfera, como outros dizem do quinto ou sexto céu. Pela maneira como se exprimem, poder-se-ia supor que a Terra é um ponto central, cercado de esferas concêntricas nas quais se realizam sucessivamente os diferentes graus de perfeição. Alguns falam ainda da esfera do fogo, da esfera das estrelas etc. Como as mais simples noções astronômicas bastam para mostrar o absurdo de semelhante teoria, ela não pode provir senão, ou de uma falsa interpretação dos termos, ou de Espíritos ainda muito atrasados, imbuídos dos sistemas de Ptolomeu e Tycho-Brahe.¹

No entanto, em artigo publicado na *Revista Espírita*, de maio de 1867, Kardec parece rever esse posicionamento, ao escrever:

Dá-se com o mundo espiritual o que sucede com o mundo corporal: para apreciar as coisas de uma ordem elevada, é necessário um desenvolvimento intelectual e moral que não é peculiar senão aos Espíritos adiantados; os Espíritos atrasados são estranhos ao que se passa nas altas esferas espirituais.

¹ KARDEC, A. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.

ESMOLA

Tradicionalmente, considera-se esmola como uma pequena quantia de dinheiro dada a um pedinte por caridade. Talvez possa considerar-se também como esmola a doação de alimentos, roupas, remédios etc. É considerada por várias religiões como um ato caridoso feito aos necessitados. Nas religiões abraâmicas, esmolas são dadas para beneficiar os pobres e agradam a Deus.

Allan Kardec não condenou a esmola, considerando-a como uma forma de caridade material.¹ Kardec acreditava que negar-se a auxiliar materialmente aqueles que precisam de nossa ajuda, podendo fazê-lo, é um ato de extremado e cruel egoísmo. Em inúmeras oportunidades, solicitou aos membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, donativos para socorro emergencial às vítimas de tragédias climáticas ou outras calamidades.²

O que se discute entre estudiosos espíritas são alguns aspectos vinculados à esmola, particularmente se o socorro material deve se dar de forma incondicional e indistinta — sem olhar a quem, ou se deveria acompanhar-se de um exame crítico e especial de cada situação em particular.

Duas posturas podem ser identificadas. A primeira é a postura dos que pensam que a esmola como manifestação da compaixão deve dispensar o raciocínio lógico e deve-se doar àquele que nos pede de forma espontânea, livre e incondicionada — um ato de amor ao próximo, manifestação da bondade espontânea que deve vigor em todos nós. Reconhecem a importância de se fornecer ao infeliz elementos para superação das causas da pobreza, mas não concordam em racionalizar a ajuda material. Alguns dizem, se justificando: “Faço a minha parte! Se o falso mendigo age equivocadamente, é problema dele!”

A segunda postura identifica-se nos que julgam que dar esmolas indistintamente pode induzir à preguiça e à exploração alheia, especialmente quando dadas livremente, nas ruas. Afirmam que a ajuda real deveria estar focada em fornecer instrução, trabalho digno, apoio moral — auxiliar o necessitado a sair de sua condição de pobreza ou miséria a partir do próprio esforço. Segundo essa forma de pensar, a

¹ KARDEC, A. Viagem espírita em 1862.

² KARDEC, A. Revista Espírita. Fevereiro/1862.

esmola deveria ser dada ocasionalmente, em situações emergenciais. Ou então, deveria ser dada a instituições sabidamente sérias, que saberão canalizar e direcionar os auxílios.

Como se posicionava Allan Kardec diante desse debate? A questão não nos parece ter sido totalmente resolvida entre os Espíritos que se manifestaram ao codificador, pois identificamos mensagens mediúnicas que caminham ora em uma, ora em outra direção, embora Kardec, aparentemente, possuísse posição bem definida a respeito. Destacamos nesse particular a mensagem *A caridade*, assinada por Vicente de Paulo e publicada na *Revista Espírita* de julho 1858. No sétimo parágrafo, o autor coloca:

Quando deixardes que vosso coração se abra à súplica do primeiro infeliz que vos estender a mão; quando lhe derdes algo, sem questionar se sua miséria não é fingida ou se seu mal provém de um vício de que deu causa; quando abandonardes toda a justiça nas mãos divinas; quando deixardes o castigo das falsas misérias ao Criador; quando, por fim, praticardes a caridade unicamente pela felicidade que ela proporciona e sem inquirir de sua utilidade, então sereis os filhos amados de Deus e ele vos atrairá a si.

Estes pensamentos dialogam com a primeira postura — o socorro material incondicional. Estão presentes no texto as ideias de socorrer materialmente sem questionar, sem investigar a causa, sem questionar a legitimidade do pedido nem a sua utilidade. Kardec, no entanto, parece não haver consentido totalmente com as ideias apresentadas. Após a mensagem, o codificador dialoga com a entidade, da seguinte forma:

Kardec: - Pode-se entender a caridade de duas maneiras: a esmola propriamente dita e o amor aos semelhantes. Quando dissestes que era necessário que o coração se abrisse à súplica do infeliz que nos estendesse a mão, sem questionarmos se não seria fingida a sua miséria, não quisestes falar da caridade do ponto de vista da esmola?

Vicente de Paulo – Sim; somente nesse parágrafo.

Kardec: - Dissestes que era preciso deixar à justiça de Deus a apreciação da falsa miséria. Parece-nos, entretanto, que dar sem discernimento às pessoas que não têm necessidade, ou que poderiam ganhar a vida num trabalho honesto, será estimular o vício e a preguiça. Se os preguiçosos encontrassem aberta com

muita facilidade a bolsa dos outros, multiplicar-se-iam ao infinito, em prejuízo dos verdadeiros infelizes.

Vicente de Paulo: – Podeis discernir os que podem trabalhar e, então, a caridade vos obriga a fazer tudo para lhes proporcionar trabalho; entretanto, também existem falsos pobres, capazes de simular com habilidade misérias que não possuem; é para os tais que se deve deixar a Deus toda a justiça.

Observamos, pelo visto, que Kardec assume uma atitude contraditória ante o pensamento da entidade, questionando-a quanto à real validade de se prestar um socorro material àqueles que poderiam custear-se a si mesmos: “[...] *dar sem discernimento poderia estimular o vício e à preguiça*”. Acrescenta Kardec que “*os preguiçosos multiplicar-se-iam ao infinito, em prejuízo dos verdadeiros infelizes*”.

Fica evidente pelo texto que Vicente de Paulo reflete sobre a colocação de Kardec e faz um reparo em relação à colocação prévia: “*podeis discernir os que podem trabalhar*”. Para estes, a entidade propõe, na resposta a Kardec, uma ação promotora do trabalho digno, sensibilizando-os para tal e auxiliando-os nesse cometimento.

O pensamento kardequiano se identifica com o entendimento dos especialistas em assistência social e promoção humana, segundo o qual a esmola não dignifica ou promove o ser humano, funcionando, muitas vezes, como estímulo à indolência.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Kardec se vale da expressão *profissionais da mendicância* ao se referir àqueles indivíduos que fazem da boa vontade alheia um meio de vida, mantendo-se à margem do trabalho digno, como reais parasitas sociais.³ Kardec não apregoa insensibilidade ou indiferença ante essas pessoas, mas quer mostrar que a estratégia de ajuda deve ser outra, já que atendê-los simplesmente em sua rogativa não seria a melhor forma de ajudá-los.

Kardec admite que se deva considerar, em certas situações, a responsabilidade pessoal daqueles que mendigam, por pouco esforço, atitude exploratória ou acomodação à própria sorte. Ele não nega, todavia, que a sociedade também é responsável por essa condição, por não lhes haver promovido, através do esclarecimento e bom exemplo, uma identificação com os valores éticos da dignidade, responsabilidade e fraternidade humana.

³ KARDEC, A. O Evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 13, item 4.

Lembra Kardec que “*se uma boa educação moral lhes houvera ensinado a praticar a lei de Deus, não teriam caído nos excessos causadores da sua perdição*”⁴ Ao se referir aos *verdadeiros infelizes*, Kardec reconhece a necessidade de a sociedade assumir os cuidados daqueles que se encontram sem condições mínimas de arcar com os custos da própria sobrevivência material. Na falta da família, compete à sociedade: “*o forte deve trabalhar para o fraco. Não tendo esta família, a sociedade deve fazer as vezes desta. É a lei de caridade*”⁵

Importante assinalar que, à época do codificador, a previdência social, como órgão de socorro e assistência ao enfermo e idoso, não existia. Os primeiros institutos de previdência social surgiram bem depois da morte de Kardec, no final do século XIX, inicialmente na Alemanha e logo depois em outros países da Europa. Assim, os enfermos e idosos que estivessem impossibilitados de prover seu próprio sustento ficavam na dependência da caridade alheia. Não havia aposentaria por idade ou doença, seguro de saúde, afastamento remunerado para tratamento de saúde e outros serviços sociais hoje existentes em praticamente todos os países do globo.

Curioso observar que Kardec publica, posteriormente, a mensagem de Vicente de Paulo, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*⁶, suprimindo do texto o parágrafo citado anteriormente.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 889.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 685a.

⁶ KARDEC, A. O Evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 13, item 12.

ESPÍRITA

Os espíritas não costumam se entender quanto ao que se define por *espírita*. Muitos se valem desse vocábulo para designar aqueles que estudam e praticam os ensinamentos de Allan Kardec. Sob esse aspecto, espíritas seriam os kardecistas. Essa conceituação excluiria, por exemplo, os umbandistas, que possuem uma teoria e uma prática singulares (comumente se ouve a expressão “umbandista não é espírita”).

Excluem, igualmente, aqueles que leem e gostam das obras espíritas, mas frequentam outras agremiações religiosas, como o catolicismo. Também não se identificariam com essa proposta os espiritualistas norte-americanos e europeus, como os adeptos da “Nova Era”, que se valem, na maioria das vezes, de autores de língua inglesa e não costumam referir-se a Kardec. Por motivos óbvios, também não seriam espíritas milhares de adeptos do budismo e do hinduísmo, apesar de admitirem as vidas sucessivas.

Outros se utilizam desse vocábulo, dando-lhe um colorido ético. Identificamos como espíritas somente aqueles que se esforçam por se melhorar. Não consideramos, portanto, como tal, aqueles que frequentam ou trabalham no centro espírita, mas, em nossa avaliação, se encontram distantes da moral cristã. São pessoas que falam com entusiasmo da doutrina espírita, ardorosos defensores de Kardec, apaixonados frequentadores do centro, mas gostam do Espiritismo como outros gostam de pesca submarina ou de futebol — apenas uma questão de gosto.

Que pensava Kardec a respeito? Kardec apresentou o conceito de espírita em alguns de seus textos. No livro *O que é o Espiritismo*, Kardec coloca o Espiritismo como uma crença pessoal.¹ Ele reafirma tal ideia na obra *O Espiritismo em sua expressão mais simples*, ao colocar que espírita “é todo aquele que crê nas manifestações dos Espíritos”.

O pensamento de Kardec insere a definição de espírita na seara do pensamento — crer, crença — sem nenhuma relação com prática, frequência a determinado local, ou profissão de fé em suas obras.

Kardec foi ainda mais explícito, em artigo publicado na *Revista Espírita*, ao escrever:

¹ KARDEC, A. O que é o Espiritismo? Capítulo 1. Segundo diálogo.

A gente é espírita, desde o momento em que se entra nesta ordem de ideias, ainda mesmo quando não se admitissem todos os pontos da Doutrina em sua integridade ou em todas as suas consequências. Por não ser espírita completo não se é menos espírita, o que faz que, por vezes, se o seja sem saber, algumas vezes sem o querer confessar e que, entre os sectários das diferentes religiões, muitos são espíritas de fato, quando não de nome.²

Esse pensamento de Kardec acompanhou-o durante toda a sua trajetória. Em artigo publicado, poucas semanas antes de sua desencarnação, ele apresenta uma estatística dos espíritas, tendo como base a sua correspondência e a lista de assinantes da Revista. Reafirma a tese de Espiritismo como crença pessoal. Coloca que, em relação às ideias religiosas, os espíritas podem ser católicos, protestantes, muçulmanos, judeus, livres-pensadores, não ligados ao dogma etc.³

A conceituação kardequiana, conforme exposta, é inclusiva por excelência e nos leva a considerar como espírita qualquer pessoa que admita a existência e sobrevivência dos Espíritos e a possibilidade de sua manifestação entre os homens, independentemente de qualquer outra coisa.

² KARDEC, A. Revista Espírita. Junho de 1868.

³ KARDEC, A. Revista Espírita. Janeiro de 1869.

ESPÍRITOS PROTETORES

Em todos os tempos, os seres humanos sempre pressentiram a permanente atuação desses Espíritos — os anjos da guarda, que então eram considerados supranormais.

Kardec mostrou que não se tratam de seres apartados da criação, mas de entidades que assumem, como missão, o compromisso de assistir e velar pelos seres humanos, na existência terrena, aconselhando-os sem interferir em seu livre-arbítrio. Eles sentem-se satisfeitos quando acatamos suas sugestões e repelimos o mal, e ficam ressentidos quando preferimos dar guarida às sugestões de Espíritos inferiores.

Didaticamente, Kardec, os classifica em três categorias, apresentadas a seguir.

Anjo da Guarda

Trata-se do Espírito protetor de uma ordem elevada.¹ A missão do Espírito Protetor corresponde a de um pai para com os filhos: conduzir o seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com os seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida.²

Espíritos Familiares

Alguns Espíritos ligam-se a uma determinada família, cujos membros estão unidos pela afeição, passando então a ser Espíritos familiares. Eles têm afeição e se unem a essas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de lhes serem úteis, dentro de suas limitações. São bons, porém, por vezes, pouco adiantados e só atuam por ordem ou permissão dos Espíritos Protetores.³

Espíritos Simpáticos

São aqueles que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e ainda por uma certa similitude de gostos e sentimentos, tanto para o bem como para o mal. De modo geral, a duração de suas

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 490.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 491.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 514.

relações é quase sempre subordinada às circunstâncias. Pela lei de sintonia vibratória ou pelas afinidades, eles continuam ligados àqueles que se fizeram credores de simpatias especiais. Tanto os Espíritos familiares como os simpáticos, ao longo das reencarnações, criaram laços que os ligam de forma duradoura.⁴

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 514.

ESPIRITUALISMO

Esta expressão é normalmente utilizada em oposição ao materialismo, que engloba os que acreditam tão somente na matéria. É uma corrente filosófica que crê na existência de algo além da matéria.

Não se deve, porém, confundir Espiritualismo com Espiritismo, erro muito comum. Todas as religiões que admitem a existência de Deus e da alma podem ser chamadas de espiritualistas, assim tanto católicos, quanto protestantes, judeus, muçulmanos, entre outros, são incluídos nesta categoria.

O Espiritualismo inclui ainda aqueles que creem na possibilidade de a consciência permanecer existindo após a morte do corpo físico (cérebro), ainda que não tenham nenhuma religião ou não acreditem em um Deus. Portanto, é possível um ateu ou um agnóstico serem espiritualistas.

Mas nem todos os seguidores do Espiritualismo acreditam em Espíritos, ou na comunicação entre estes e os homens encarnados, crença que define os espíritas, que adotam o Espiritismo. Allan Kardec intuiu esta confusão linguística, esclarecendo na Introdução de *O livro dos Espíritos* a diferença existente entre os termos Espiritualismo e Espiritismo:

Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível.¹

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução. Item 1.

ESQUECIMENTO DO PASSADO

Uma das críticas apresentadas à doutrina das vidas sucessivas é o esquecimento do passado. Dizem: se já vivemos muitas vidas, como não nos lembramos delas?

Segundo Kardec, o esquecimento do passado tem finalidades bem definidas. Ele permite à individualidade conviver com seus desafetos, sem se recordar dos desatinos perpetrados reciprocamente. Tais recordações poderiam reanimar animosidades, criando embaraços à harmonização dos relacionamentos. A lembrança das personalidades anteriores teria inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, humilhar; em outros, exaltar a personalidade.

Esclarece Kardec que Deus deu ao homem para melhorar-se exatamente o que é necessário e basta: a voz da consciência e as tendências instintivas, privando-lhe do que poderia prejudicá-lo. Se tivéssemos lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente a dos outros, e esse conhecimento poderia ter os mais desastrosos efeitos sobre as relações sociais.¹

Kardec, examinando o retorno do Espírito ao mundo corpóreo, comenta que o mesmo perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões anteriormente adquiridas, que vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes. Ele renasce qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Ainda aí a bondade do Criador se manifesta, porquanto, adicionada aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante do passado, poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele traz o que aprendeu sob a forma de tendências e inclinações, por lhe ser isso útil. Eis, pois, que surge um novo homem, por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se lhe desdobra diante dos olhos e ele julga de como empregou o tempo, se bem ou mal.

Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual. Cada Espírito é sempre o mesmo, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta, apenas, uma fase da sua existência.²

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 394.

² KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11.

EUTANÁSIA

A palavra eutanásia já era usada à época de Kardec, mas ele não a utiliza em suas obras. O conceito de eutanásia, todavia, foi examinado por ele. Em diálogo com Espírito São Luiz, Kardec recebe o seguinte posicionamento:

[...] quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir um homem até a beira da sepultura, para em seguida retirá-lo, com o fim de fazê-lo examinar-se a si mesmo e modificar-lhe os pensamentos? A que extremos tenha chegado um moribundo, ninguém pode dizer com certeza que soou a sua hora final. A ciência, por acaso, nunca se enganou nas suas previsões? Bem sei que há casos em que se podem considerar, com razão como desesperador. Mas se não há nenhuma esperança possível de um retorno definitivo à vida e à saúde, não há também inúmeros exemplos de que, no momento do último suspiro, o doente se reanima e recobra suas faculdades por alguns instantes? Pois bem: essa hora de graça que lhe é concedida, pode ser para ele da maior importância, pois ignorais as reflexões que o seu Espírito poderia ter feito nas convulsões da agonia, e quantos tormentos podem ser poupados por um súbito clarão de arrependimento. Aliviai os últimos sofrimentos o mais que puderdes, mas guardai-vos de abreviar a vida, mesmo que seja em apenas um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.¹

Atualmente, com o progresso da ciência, essa questão se tornou bem mais complicada. É importante diferenciar *eutanásia*, *distanásia* e *ortotanásia*. À época de Kardec, tais conceitos sequer existiam.

A *eutanásia* se refere à prática de provocar a morte de uma pessoa de forma intencional e ativa, visando aliviar seu sofrimento em casos de doenças terminais ou condições irreversíveis. Em outras palavras, é quando alguém toma a ação direta de causar a morte de outra pessoa, geralmente por meio da administração de medicamentos letais. Existem diferentes formas de eutanásia, como a eutanásia voluntária (quando é

¹ KARDEC, A. O Evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 5

feita com o consentimento do paciente) e a eutanásia não voluntária (quando é realizada sem o consentimento explícito da pessoa).

Distanásia, por sua vez, é o oposto da eutanásia. Refere-se à prática de prolongar a vida de uma pessoa excessivamente, mesmo quando já não há perspectiva de cura ou de melhora significativa em sua condição de saúde. Na distanásia, os recursos médicos são utilizados de maneira desproporcional e fútil, o que pode levar ao sofrimento desnecessário do paciente. A distanásia está relacionada à obstinação terapêutica, em que medidas fúteis são adotadas para prolongar a vida, muitas vezes contra a vontade do paciente ou sem considerar sua qualidade de vida.

Já o termo *ortotanásia* se refere a uma abordagem que visa permitir que a morte ocorra naturalmente, sem intervenção excessiva para prolongar a vida ou acelerar o processo de morte. É uma prática baseada no respeito à dignidade do paciente e à autonomia de suas decisões, especialmente em casos de doenças terminais ou situações em que os tratamentos médicos não oferecem perspectivas reais de recuperação. Na ortotanásia, o foco está no cuidado paliativo e no alívio dos sintomas, garantindo que o paciente tenha uma morte mais confortável e tranquila possível.

Em resumo, a eutanásia envolve a ação direta para causar a morte de uma pessoa para aliviar seu sofrimento. A distanásia ocorre quando a vida é prolongada de forma desproporcional e fútil. Já a ortotanásia visa permitir que a morte ocorra naturalmente, sem intervenções desnecessárias, proporcionando cuidados paliativos adequados. É importante observar que as práticas relacionadas à eutanásia, distanásia e ortotanásia podem variar em termos de legislação e ética em diferentes países e culturas.

EVOLUÇÃO

Até meados do século XIX, a maioria das pessoas via tanto os humanos como os outros animais como seres que mantinham, sem qualquer mudança, as formas com as quais haviam surgido. Essas formas seriam também aquelas com as quais permaneceriam para sempre. Essa visão de mundo era denominada *fixismo* ou *criacionismo*. Essa visão crê em um Deus criador, o qual teria originado o mundo tal como vemos hoje. Nenhum ser vivo “vem” de qualquer outro, pois não existe evolução.

Outra visão de mundo se opunha ao fixismo. Era uma visão que defendia o papel central da mudança no mundo natural: o *evolucionismo* ou *transformismo*. As espécies evoluíram de outras espécies, e as espécies que existem hoje, provavelmente, não existiam no início do mundo.

Os naturalistas que mais se notabilizaram defendendo essa segunda visão de mundo, foram contemporâneos de Kardec: Charles Darwin e Alfred Russel Wallace. A teoria evolucionista de Darwin e Wallace — Teoria da evolução pela seleção natural — foi apresentada em 1858, na Sociedade Lineana, em Londres. No ano seguinte, Darwin publicou essa teoria sobre a forma de um livro: *A origem das espécies*.

Segundo a seleção natural, o organismo mais apto sobrevive e passa suas características aos descendentes, garantindo, portanto, que características vantajosas se fixem em uma população.

É interessante observar que, ao contrário do que se usa muitas vezes no linguajar comum, evolução é simplesmente *mudar*, não implicando necessariamente em progredir ou tornar algo melhor. Também é interessante ressaltar que a seleção natural serve para explicar como as coisas (caracteres) desaparecem (a partir de pressão do meio) mas não explica como elas aparecem. O aparecimento das coisas permanece um enigma para a ciência atual. Com efeito, é muito comum ouvirmos “a teoria de evolução explica a origem das coisas”. Não, a teoria da evolução não explica a origem de nada. A gênese das coisas permanece um mistério.

Kardec e os Espíritos que trabalhavam com ele, viveram em um período em que a teoria evolucionista ainda estava sendo proposta, e estava muito longe de ser aceita por todos. Em sua última obra — *A gênese* — Kardec reconhece que a questão da evolução dos seres vivos não estava plenamente resolvida:

Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, existindo um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram. Mas, esse primeiro casal, donde saiu? É um desses mistérios que entendem com o princípio das coisas e sobre os quais apenas se podem formular hipóteses. A Ciência ainda não pode resolver o problema; pode, entretanto, pelo menos, encaminhá-lo para a solução.¹

Por essa razão, notamos, nas obras de Kardec, pensamentos com viés, ora fixista, ora evolucionista. É possível que até mesmo entre os Espíritos a questão não estivesse resolvida. Para ilustrar, um pensamento com viés fixista:

As diferentes espécies de animais não procedem *intelectualmente* umas das outras, mediante progressão. Assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo *absoluto*.²

E outro, com viés evolucionista:

Os animais estão sujeitos, como o homem, a uma lei progressiva?

“Sim; e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação”³

Mas, e Kardec? Qual era sua hipótese preferida? Tudo indica que ele nutria particular afinidade com a teoria evolucionista. Ele escreveu, a respeito:

As espécies superiores seriam produto das transformações sucessivas desses mesmos seres, realizadas à proporção que as condições atmosféricas se lhes foram tornando propícias. Adquirindo cada espécie a faculdade de reproduzir-se, os cruzamentos acarretaram inúmeras variedades. Esta teoria, sem estar admitida ainda, de maneira definitiva, é a que tende

¹ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 10.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 613.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 601

evidentemente a predominar hoje na Ciência. Os observadores sérios aceitam-na como a mais racional.⁴

Ao examinar a origem do corpo humano, coloca que *“da semelhança, que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada aí há de impossível, nem o que, se assim for, afete a dignidade do homem”*⁵

⁴ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 10.

⁵ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11.

EXPIAÇÃO

Kardec define expiação como *“a pena que sofrem os Espíritos como punição das faltas cometidas durante a vida corporal”*¹

A expiação se caracteriza sempre por duas condições. Primeira, ser dolorosa. Segunda, estar relacionada a faltas cometidas previamente.

O princípio espírita da expiação está alicerçado na ideia de que existe um automatismo físico-psíquico que rege as ações humanas, deflagrado pela própria consciência. Ao provocar sofrimento em outrem, a alma se insere, muitas vezes, em um processo doloroso, com uma finalidade pedagógica: mostrar ao faltoso como se sente aquele que foi desumanizado, minorado, injustiçado, traído etc. Ao sentir em si a dor ocasionada no outro, o faltoso se municia de recursos mentais para não mais cometê-la.

Importante considerar que nem todo sofrimento é de natureza expiatória. A reencarnação é um processo complexo, multifatorial, multivariado, com características individuais. O sofrimento faz parte de grande parte das experiências humanas, sem que, necessariamente, esteja relacionado a crimes cometidos por aqueles que sofrem. O Espírito estar reencarnado, preso a um corpo físico, já é por si só um sofrimento.

¹ KARDEC, A. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.

ÊXTASE

Terminologia afeita ao magnetismo animal (ver Magnetismo), que se relaciona ao estado de emancipação da alma durante a vida corporal, de que resulta a suspensão momentânea das faculdades perceptivas e sensitivas dos órgãos. Nesse estado a alma não se prende mais ao corpo senão por laços fracos, que ela procura romper; pertence mais ao mundo dos Espíritos, que ela entrevê, do que ao mundo material. O êxtase é, algumas vezes, natural e espontâneo, podendo também ser provocado pela ação magnética.¹

Atualmente conhecemos um tipo de epilepsia, caracterizada por crises de ausência, na qual as manifestações são iguais à do conceito de êxtase utilizado por Kardec.

¹ KARDEC, A. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.

FALHAS ORTOGRÁFICAS

Kardec faz referência, na Introdução de *O livro dos Espíritos* a objeção que fazem alguns céticos, a propósito das faltas ortográficas que certos Espíritos cometem:

A ortografia deles, cumpre dizê-lo, nem sempre é irreprochável; mas, grande escassez de razões seria mister para se fazer disso objeto de crítica séria, dizendo que, visto saberem tudo, os Espíritos devem saber ortografia. Poderíamos opor-lhes os múltiplos pecados desse gênero cometidos por mais de um cientista da Terra, o que, entretanto, em nada lhes diminui o mérito. Há, porém, no fato, uma questão mais grave.

Para os Espíritos, principalmente para os Espíritos superiores, a ideia é tudo, a forma nada vale. Livres da matéria, a linguagem de que usam entre si é rápida como o pensamento, porquanto são os próprios pensamentos que se comunicam sem intermediário. Muito pouco à vontade hão de eles se sentirem, quando obrigados, para se comunicarem conosco, a utilizarem-se das formas longas e embaraçosas da linguagem humana e, sobretudo, a lutarem com a insuficiência e a imperfeição dessa linguagem, para exprimirem todas as ideias. É o que eles próprios declaram. Além disso, é curioso observar os meios de que se servem com frequência para obviarem a esse inconveniente. O mesmo se daria conosco, se houvésemos de exprimir-nos num idioma de vocábulos e fraseados mais longos e de maior pobreza de expressões do que o de que usamos. É o embaraço que experimenta o homem de gênio para quem constitui motivo de impaciência a lentidão da sua pena, sempre muito atrasada no lhe acompanhar o pensamento. Compreende-se, diante disto, que os Espíritos liguem pouca importância à puerilidade da ortografia, mormente quando se trata de ensino profundo e grave. Já não é maravilhoso que se exprimam indiferentemente em todas as línguas e que as entendam todas? Não se conclua daí, todavia, que desconheçam a correção convencional da linguagem. Observam-na, quando necessário. Assim é, por exemplo, que a poesia por eles ditada

desafiaria quase sempre a crítica do mais metuculoso purista, a despeito da ignorância do médium.¹

A observação essencial de Kardec se refere à maior importância que os Espíritos dão ao pensamento do que à forma. Embora esta naturalmente seja uma questão importante, precisamos também considerar os fatores que influenciam a maneira pela qual a comunicação mediúnica acontece — nestes casos através da psicografia. Estes fatores são bem analisados por Kardec em *O livro dos médiuns*, mas destacamos pelo menos dois: a influência do médium e a dificuldade do processo da escrita.

No caso da influência do médium, pode acontecer simplesmente de o médium não saber a ortografia de certas palavras. Por mais “mecânico” seja o processo da psicografia (e como sabemos isto é extremamente variável entre os médiuns e mesmo entre comunicações do mesmo médium) é possível que em certas comunicações o Espírito dependa mais do conhecimento do médium. Vários médiuns relatam que passaram um tempo mais ou menos longo recebendo mensagens como parte de um “treinamento” ou “ajuste” da afinidade entre o Espírito e o médium, mensagens estas que deveriam ser simplesmente descartadas.

Por outro lado, sabemos das dificuldades inerentes ao processo da escrita, por exemplo, no que concerne à necessária coordenação motora fina. Aqueles que já tiveram acesso à originais de páginas psicografadas, percebem facilmente estas dificuldades. Muitas palavras são praticamente ilegíveis e dependem de um estudo da caligrafia para serem “decodificadas”.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução. Item 14.

FATALIDADE

Entende-se fatalidade como “*aquilo que não se consegue evitar*”. Sobre o tema, Kardec teceu as seguintes considerações:

A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os sucessos da vida, qualquer que seja a importância deles. Se tal fosse a ordem das coisas, o homem seria qual máquina sem vontade. De que lhe serviria a inteligência, desde que houvesse de estar invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pela força do destino? Semelhante doutrina, se verdadeira, conteria a destruição de toda liberdade moral; já não haveria para o homem responsabilidade, nem, por conseguinte, bem, nem mal, crimes ou virtudes. Não seria possível que Deus, soberanamente justo, castigasse suas criaturas por faltas cujo cometimento não dependera delas, nem que as recompensasse por virtudes de que nenhum mérito teriam. Ademais, tal lei seria a negação da do progresso, porquanto o homem, tudo esperando da sorte, nada tentaria para melhorar a sua posição, visto que não conseguiria ser mais nem menos.¹

Contudo, a fatalidade não é uma palavra vã. Existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha, em consequência do gênero de vida que seu Espírito escolheu como *prova, expiação* ou *missão*. Ele sofre fatalmente todas as vicissitudes dessa existência e todas as tendências boas ou más, que lhe são inerentes. Aí, porém, acaba a fatalidade, pois da sua vontade depende ceder ou não a essas tendências. *Os pormenores dos acontecimentos, esses ficam subordinados às circunstâncias que ele próprio cria pelos seus atos*, sendo que nessas circunstâncias podem os Espíritos influir pelos pensamentos que sugiram.

Há fatalidade, portanto, nos acontecimentos que se apresentam, por serem estes consequência da escolha que o Espírito fez da sua existência de homem. Pode deixar de haver fatalidade no resultado de tais acontecimentos, visto ser possível ao homem, pela sua prudência, modificar-lhes o curso. Nunca há fatalidade nos atos da vida moral.²

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 872.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 872.

O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio em que se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir.³

No que concerne à morte é que o homem se acha submetido, em absoluto, à inexorável lei da fatalidade, por isso que não pode escapar à sentença que lhe marca o termo da existência, nem ao gênero de morte que haja de cortar a esta o fio.⁴

Quando, porém, soe a hora da tua partida, nada poderá impedir que partas. Deus sabe de antemão de que gênero será a morte do homem e muitas vezes seu Espírito também o sabe, por lhe ter sido isso revelado, quando escolheu tal ou qual existência.⁵

As precauções que tomais vos são sugeridas com o fito de evitardes a morte que vos ameaça. São um dos meios empregados para que ela não se dê.⁶

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 872.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 872.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 853.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 854.

FELICIDADE

Felicidade é um tema recorrente na literatura filosófica. Kardec não se furtou a examiná-la em suas reflexões. Apresentamos suas ideias centrais.

- Não pode o homem gozar da completa felicidade na Terra, pois a experiência corpórea lhe foi dada como prova ou expiação. Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível na Terra.¹
- O homem é quase sempre o responsável pela sua própria infelicidade.

Praticando a lei de Deus, a muitos males se forrá e proporcionará a si mesmo felicidade tão grande quanto o comporte a sua existência grosseira.

Já nesta vida somos punidos pelas infrações que cometemos, das leis que regem a existência corpórea, sofrendo os males consequentes dessas mesmas infrações e dos nossos próprios excessos. Se, gradativamente, remontarmos à origem do que chamamos as nossas desgraças terrenas, veremos que, geralmente, elas são a consequência de um primeiro afastamento nosso do caminho reto. Desviando-nos deste, enveredamos por outro, mau, e, de consequência em consequência, caímos na desgraça.²

- A felicidade possível para o homem na Terra consiste: na posse do necessário em relação à vida material. Com relação à vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro.³

Verdadeiramente infeliz o homem só o é quando sofre da falta do necessário à vida e à saúde do corpo. Todavia, pode acontecer que essa privação seja de sua culpa. Então, só tem que se queixar de si mesmo. Se for ocasionada por outrem, a

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 920.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 921.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 922.

responsabilidade recairá sobre aquele que lhe houver dado causa.⁴

- Nenhuma classe é perfeitamente feliz e o que julgamos ser a felicidade muitas vezes oculta muitas aflições.

O sofrimento está por toda parte. Entretanto, as classes sofredoras são mais numerosas, por ser a Terra lugar de expiação. Quando a houver transformado em morada do bem e de Espíritos bons, o homem deixará de ser infeliz aí e ela lhe será o paraíso terrestre.⁵

Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome.

Com uma organização social criteriosa e previdente, ao homem só por culpa sua pode faltar o necessário, porém suas próprias faltas são frequentemente resultado do meio onde se acha colocado. Quando praticar a Lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade e ele próprio também será melhor.⁶

- No mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons, por fraqueza destes.

Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.⁷

- Geralmente, o homem só é infeliz pela importância que dá às coisas deste mundo.

Fazem-lhe a infelicidade a vaidade, a ambição e a cobiça desiludidas. Se se colocar fora do círculo acanhado da vida material, se elevar seus pensamentos para o infinito, que é seu destino, mesquinhas e pueris lhe parecerão as vicissitudes da humanidade, como o são as tristezas da criança que se aflige pela perda de um brinquedo, que resumia a sua felicidade suprema.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 927.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 931.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 930.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 932.

Aquele que só vê felicidade na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros é infeliz, desde que não os pode satisfazer, ao passo que aquele que nada pede ao supérfluo é feliz com os que outros consideram calamidades.⁸

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 933.

FLAGELOS DESTRUIDORES

Allan Kardec, examinando as tragédias naturais, comenta que muitas pessoas veem uma causa sobrenatural, maravilhosa, miraculosa no que, em realidade, mais não é do que a execução das leis da natureza.¹

Este pensamento de Kardec se opõe ao hábito de se atribuir uma causa humana ou uma ação espiritual a todas as calamidades públicas:

- a AIDS seria decorrente da sexualidade corrompida (que, sob este aspecto, deveria ter aparecido na Roma antiga).
- o terremoto no Haiti estaria associado ao desleixo dos haitianos (quando povos muito mais desleixados nunca sofreram um terremoto).
- o tsunami da Indonésia seria ligado ao comércio do sexo (que é muito mais intenso em países que nunca viram um maremoto).
- Mais recentemente, a pandemia da COVID-19 estaria relacionada ao processo de expurgo dos Espíritos que não merecem o planeta regenerado (como se muitas pessoas boas não tivessem perecido e muitos malfeitores não tivessem sequer tido uma tosse).

Mesmo à época de Kardec, alguns Espíritos já faziam esta associação entre fenômenos naturais, que se dão pela força das coisas, à ação dos Espíritos. Esse tipo de correlação retrata um atavismo milenar, que nos remete ao paganismo grego, onde se atribuía aos deuses as tragédias humanas.

Na verdade, será preciso extrema criatividade para imputar ao homem ou aos Espíritos as tragédias que vem ocorrendo na história da humanidade. Consideremos, por exemplo, eventos apenas os últimos 120 anos e o número de mortos associados a eles:

- Gripe russa (1889/1890): 1,5 milhão
- Varíola (século XX): 300 milhões
- Gripe espanhola (1918/20): 50 milhões
- Gripe asiática (1957/1958): 2 milhões
- Gripe de Hong-Kong (1968/1969): 3 milhões
- AIDS (década de 80/até hoje): 35 milhões

¹ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 18. Item 10.

- Tsunami Indonésia (2004): 230 mil
- Terremoto Paquistão (2005): 35 mil
- Ciclone na Birmânia (2008): 80 mil
- Gripe suína (2009/2010): 17 mil
- Terremoto no Haiti (2010): 300 mil
- COVID-19 (2020/2023): 2,4 milhões

Além de pobre, este tipo de pensamento é mágico, antropocêntrico e ingênuo, pois para justificar fenômenos que decorrem de processos físicos, químicos, biológicos e geológicos, buscamos explicações absurdas. O fato é que o planeta Terra é sujeito a muitas vicissitudes e sobressaltos, talvez por isso ele tenha sido eleito como o local adequado para padecermos nossas expiações.

Chamado por Kardec a dar um parecer sobre o tema, o Espírito Arago explicou:

num mesmo sistema planetário, todos os corpos que o constituem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas são nele solidárias e nem um só há, dos efeitos que designais pelo nome de grandes perturbações, que não seja consequência da componente das influências de todo o sistema. A matéria orgânica não poderia escapar a essas influências; as perturbações que ela sofre podem, pois, alterar o estado físico dos seres vivos e determinar algumas dessas enfermidades que atacam de modo geral as plantas, os animais e os homens, enfermidades que, como todos os flagelos, são, para a inteligência humana, um estimulante que a impele, por força da necessidade, a procurar meios de os combater e a descobrir leis da natureza.²

Este pensamento coloca, explicitamente, que as causas das tragédias naturais, incluindo as enfermidades epidêmicas, se encontram nas relações entre os diferentes elementos que constituem o planeta, nas perturbações que sofre a matéria orgânica em decorrência das reações recíprocas que os corpos planetários reagem uns sobre os outros.

Obviamente, a ação humana e espiritual não pode ser excluída dos processos. O homem é também uma das forças da natureza; mas daí computar unicamente a ele a responsabilidade por tragédias naturais é negar que as coisas podem se dar pela própria força das coisas. Não

² KARDEC, A. A gênese. Capítulo 18. Item 8.

existiam cataclismos, tsunamis, vulcões, epidemias acometendo plantas e animais antes do aparecimento do homem na Terra? Claro que sim!

Concluindo, as tragédias naturais se dão pela conjunção de diferentes forças que existem e se interagem na natureza.

FLUIDO

No século XIX, o termo fluido, em Física, era empregado para designar materiais capazes de penetrar pelos vazios da matéria e de se escoar. Falava-se, até mesmo, em fluido pestífero, para referir-se ao causador da peste, mesmo sem saber o que realmente isto significava.

Portanto, conceitos atuais como líquido, gás, calor, eletricidade, magnetismo, energia, onda, radiação e força eram indistintamente chamados de *fluido* — esse é o sentido desse termo largamente usado nas obras de Kardec. Atualmente empregamos o termo *fluido* somente para designar os líquidos e os gases.

Não podemos afirmar com exatidão o que Kardec chamava de fluido, considerando o aspecto espiritual. Alguns estudiosos acreditam que não temos elementos para definir isso. Para esses estudiosos, devemos aceitar o conceito espiritual de fluido como uma forma sutil de matéria sobre a qual os Espíritos agem. Apenas isso.

Outros, por sua vez, supõem que talvez fosse o que chamamos hoje de *energia*. Com efeito, quando ele escreve “fluido magnético”, ele estaria se referindo à energia relacionada à força eletromagnética; quando ele dizia “fluido luminoso” estaria se referindo à energia luminosa; da mesma maneira, ele utilizava termos como “fluido nervoso”, “fluido vital” etc., para se referir a algum tipo de energia. Referindo-se ao fluido magnético, Kardec coloca que “[...] *é uma espécie de eletricidade*”¹

A obra mediúmica de Chico Xavier se valeu, com frequência, do conceito kardequiano de fluido, relacionando-o ao conceito de ondas mentais. Segunda a Física, *ondas* são perturbações que se propagam no espaço ou em meios materiais transportando *energia*. Toda agitação produz ondas. Uma frase que emitimos ou um instrumento que vibra criam ondas sonoras. Uma pedra atirada em um lago cria ondas mecânicas. Uma lâmpada acesa emite ondas eletromagnéticas. Em suma, toda inquietação se propaga em forma de ondas, através dos diferentes corpos da Natureza.

Numa analogia, acontece algo semelhante com o Espírito. Ao pensarmos, geramos uma espécie de *energia mental*; esta energia é transportada por meio de *ondas mentais*, que retratam nossa condição emocional, mental, intelectual e moral através de suas características (como a frequência, o comprimento e a amplitude). Essas ondas

¹ KARDEC, A. Obras póstumas. Parte 2. A minha primeira iniciação no Espiritismo.

representam a nossa energia pessoal que compõe a nossa aura e se exterioriza de forma inestancável, refletindo-se em tudo e em todos.

Como é impossível não pensar, geramos sempre uma energia que nos é própria. Este padrão de ondas, característico de cada Espírito em certo momento evolutivo, é denominado *padrão vibratório*.

As *ondas mentais* têm recebido diversas outras denominações na literatura: *energia mental*, *radiações psíquicas*, *vibrações psíquicas*. É certo que pouco sabemos sobre sua origem e natureza. Associando a ideia de energia à palavra *fluido*, acreditamos que as expressões *fluido magnético* ou *fluido espiritual*, amplamente empregadas por Kardec, podem referir-se a essa *energia*, ou a variações dela, considerando certos contextos em que os termos são empregados.

Allan Kardec, apesar dos limitados conhecimentos científicos de sua época, escreveu:

sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre aqueles como o som atua sobre o ar; eles nos trazem o pensamento como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, com verdade, que há ondas nos fluidos e radiações de pensamento, que se cruzam sem se confundirem, como há, no ar, ondas e radiações sonoras.²

Segundo o Espírito André Luiz, o pensamento (ou fluxo energético do campo espiritual) de cada um de nós se gradua nos mais diversos tipos de onda. Estas ondas incluem os raios superultracurtos (em que se exprimem o que ele denomina de legiões angélicas), passando pelas oscilações curtas, médias e longas (em que se exterioriza a mente humana), até às ondas fragmentárias dos animais.³

Esta ideia está alinhada a Kardec, quando ele diz:

(...) cada indivíduo é centro de uma onda fluídica, cuja extensão se acha em relação com a força da vontade, do mesmo modo que cada ponto vibrante é centro de uma onda sonora, cuja extensão está na razão propulsora do fluido, como o choque é a causa de vibração do ar e propulsora das ondas sonoras.⁴

² KARDEC, A. Obras póstumas. Fotografia e da telegrafia do pensamento.

³ LUIZ, A; XAVIER, F.C. Mecanismos da mediunidade. Capítulo 4.

⁴ KARDEC, A. Obras póstumas. Introdução ao estudo da fotografia e da telegrafia do pensamento.

FORMAÇÃO DOS MUNDOS

A respeito da formação do Universo, prevalece, na ciência oficial, a teoria do Big Bang, ou seja, a grande explosão. “Nada” existia antes dela, nem o tempo e nem o espaço.

Cumpra ressaltar, de antemão, que essa teoria é apenas um *modelo matemático*. Do ponto de vista da razão e da lógica, é impossível aceitar a ideia que o que se passou antes do Big Bang não era tempo e o que existia em volta do Big Bang não era espaço.

Segundo essa teoria, há cerca de 13,7 bilhões de anos, tudo o que existe estava concentrado em um só ponto. Seu tamanho era muito menor que a cabeça de um alfinete, era rico em energia altamente condensada, a ponto de seu calor ser de bilhões e bilhões de graus Celsius. De repente, sem que se possa saber por que, ele atingiu o tamanho de uma maçã. E então explodiu, ejetando violentamente em todas as direções a energia nele contida.

No primeiro segundo, foram produzidas a gravidade e as outras forças que governam a física: a eletromagnética, a nuclear forte e a nuclear fraca. A energia se condensou fortemente e produziu as partículas elementares da matéria, os quarks (que formam os prótons e nêutrons) e os léptons (neutrinos, elétron, múon e tau). Nos primeiros três minutos, essas partículas formaram os átomos de hidrogênio, de hélio e de lítio, os elementos químicos mais simples e os mais abundantes do universo. Enquanto isso, a energia ejetada, com as partículas elementares, formou uma incomensurável nuvem que se expandiu mais e mais. Lentamente, depois de uma grande disparada em todas as direções, ela começou a se esfriar e ganhar densidade. A consequência final desse processo foi a formação das grandes estrelas vermelhas.

Essas estrelas funcionaram por alguns bilhões de anos, como fornalhas ardentes dentro das quais ocorreram explosões atômicas de magnitude extraordinária. Lá, se forjaram os principais elementos: o ferro, o carbono, o ouro, enfim, todos os elementos básicos que compõem os seres e cada um de nós. Da morte (explosão) de uma dessas estrelas, se formaram o Sol e o planeta Terra.

Kardec apresenta pouquíssimos conceitos em torno na formação da Terra. Isso é plenamente justificável, em decorrência da escassez de conhecimentos consolidados, à época. Em síntese, ele coloca o seguinte:

- O princípio das coisas está nos segredos de Deus.¹
- O Universo foi criado por Deus. Diz-nos a razão não ser possível que o Universo se tenha feito a si mesmo e que, não podendo também ser obra do acaso, há de ser obra de Deus.²
- A harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia combinações e desígnios. Atribuir a formação primária ao acaso é insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.³
- A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários nada mais é do que a substância primitiva, onde residem as forças universais, donde a natureza há tirado todas as coisas.⁴
- Os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no Espaço.⁵

No livro *A gênese*, Kardec dedica um capítulo examinando às teorias quanto à formação da Terra,⁶ a partir de conceitos da ciência da época. Essas teorias foram superadas por falta de evidências empíricas.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 49.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 37.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 4.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 7.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 39.

⁶ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 8.

FORMAÇÃO DOS SERES

Como surgiram os primeiros seres vivos na Terra?

Segundo a hipótese de Oparin-Miller, há 3,8 bilhões de anos, gases da atmosfera primitiva (metano, amônia, hidrogênio e vapor de água), num ambiente onde predominavam descargas elétricas e raios ultravioletas, culminaram na formação dos aminoácidos e bases nitrogenadas, unidades básicas das proteínas e dos ácidos nucleicos (DNA e RNA). Com as moléculas essenciais à vida, envolvidas por delicada camada lipídica, nasciam as bactérias primitivas.

A história de Stanley Miller é uma das mais conhecidas da ciência moderna. Jovem estudante de pós-graduação depois da Segunda Guerra Mundial (1952), trabalhando no laboratório de Harold Urey, na Universidade de Chicago, Miller queria descobrir quais elementos químicos poderiam ter estado presentes há bilhões de anos na Terra primitiva e sem vida. Ele sabia que o hidrogênio é o elemento predominante no universo. Quando o hidrogênio reage com o carbono, nitrogênio e oxigênio — elementos comuns na Terra — formam-se metano, amônia e água. Em vez disso, Miller resolveu descobrir quais elementos poderiam ser produzidos por uma atmosfera simulada que contivesse metano, amônia, vapor de água e hidrogênio.

O metano, a amônia, vapor de água e o hidrogênio, em geral, são inertes. Miller sabia que, para conseguir fazer com que os gases produzissem elementos químicos potencialmente interessantes, teria que inserir alguma energia no sistema para ativar as reações químicas. Os relâmpagos seriam a fonte de energia que teria estado disponível na Terra primitiva. Assim, Miller construiu no laboratório um aparelho que continha os gases que considerou estarem presentes na Terra primordial, além de um pouco de água, e juntou eletrodos para simular os relâmpagos.

Miller ferveu a água e descarregou faíscas na mistura de gases por cerca de uma semana. Durante esse tempo, o depósito de água tornou-se cada vez mais avermelhado, à medida que se acumulava material nele. Ao fim da semana, Miller analisou a mistura de elementos químicos dissolvidos na água e descobriu que ela continha vários tipos de aminoácidos. O resultado eletrizou o mundo. Uma vez que os aminoácidos constituem os blocos de montar das proteínas, parecia, à primeira vista, que os materiais necessários para construir as máquinas da vida haviam sido abundantes na Terra primitiva. Cientistas não tiveram

dificuldades em imaginar que processos naturais poderiam induzir aminoácidos a se reunirem para formar proteínas. Algumas das proteínas poderiam catalisar importantes reações químicas, sendo aprisionadas no interior de pequenas membranas semelhantes a células. Ácidos nucleicos seriam produzidos por processos semelhantes e assim, gradualmente, a primeira célula autorreplicante nasceria.

Outros cientistas se apressaram em dar continuidade ao trabalho fecundo de Stanley Miller e quase todos os vinte tipos de aminoácidos que ocorrem naturalmente foram identificados nos experimentos sobre a origem da vida.

Um outra hipótese é a *Panspermia Cósmica*. Ela é minoritária entre os estudiosos da área, mas encontra entre seus simpatizantes cientistas famosos como Svante Arrhenius, Frederick Hoyle, Leslie Orgel e Francis Crick. Segundo esta hipótese, as primeiras formas de vida, ou as moléculas químicas essenciais à vida, vieram para a Terra de outras regiões do universo. Foram identificados em meteoritos encontrados em regiões diferentes do planeta moléculas orgânicas, como os aminoácidos. Cerca de 140 moléculas orgânicas foram detectadas flutuando pelo espaço interestelar.

As considerações apresentadas por Kardec, em *O livro dos Espíritos*, sobre a origem da vida na Terra, padecem de elementos teóricos cientificamente consistentes, e sofrem fortes influências do criacionismo. Apesar disso, é importante considerar que Kardec admitiu que a vida na Terra eclodiu da combinação de moléculas orgânicas:

[...] visto que são os mesmos os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos; que os sabemos a formar incessantemente, em dadas circunstâncias, as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir daí que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião de moléculas elementares, em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias [...]¹

Allan Kardec não exclui, todavia, que moléculas orgânicas tenham vindo do espaço, segundo a hipótese da Panspermia Cósmica, que não foi totalmente refutada pela comunidade científica:

¹ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 10.

[Os elementos orgânicos, antes da formação da Terra] achavam-se, por assim dizer, em estado de fluido no espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas.²

A existência de compostos orgânicos nas nuvens interestelares de gás frio é considerada uma das descobertas mais importantes das últimas décadas do século XX, segundo os pesquisadores Hernani Maia e Ilda Dias, autores do livro *Origem da vida*.

Seja correta uma ou outra hipótese, a vida surgindo aqui ou vindo do espaço, isso não se deu por forças cegas do acaso. Admitir que moléculas orgânicas interagindo, aleatoriamente, pudessem constituir uma célula com sua imensa complexidade, seria imaginar que materiais de construção entregues ao acaso em um terreno baldio pudessem, com o tempo, sem a presença humana, construir por si mesmos uma bela mansão.

A literatura mediúnica recebida por Chico Xavier muito contribuiu no entendimento da formação dos primeiros seres vivos na Terra. Sem excluir as teorias oficiais, propõem que isso só foi possível em virtude da presença do princípio inteligente, que, tutorado por Espíritos superiores, criou as condições para que as reações químicas se verificassem para permitir a eclosão da vida.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 45.

GERAÇÃO ESPONTÂNEA

Ao admitir que há seres que nascem espontaneamente,¹ Kardec demonstra certa afinidade com a teoria da *Geração Espontânea*, que possuía, à sua época, fortes defensores.

A ideia base dessa teoria é que certas formas de vida surgiam espontaneamente a partir de determinados materiais, desde que as condições ambientais fossem adequadas. Assim, por exemplo, era comum acreditar-se que as pulgas poderiam surgir da matéria inanimada, como a poeira, ou que as larvas de mosca poderiam surgir a partir de carne morta.

As doutrinas que suportavam os processos de geração espontânea consideravam que esses processos eram comuns e regulares, ocorrendo sempre que as condições materiais ficassem reunidas durante tempo suficiente. Tais ideias estão em contradição com o que se admite hoje, onde se considera que a reprodução se faz exclusivamente a partir de um ou mais progenitores geneticamente relacionados e da mesma espécie.

O trabalho do grande biólogo francês Louis Pasteur, em 1861, possibilitou que a ocorrência da Geração Espontânea fosse refutada. Ele formulou experimentos com frascos com “pescoço de cisne”, que permitiam a entrada de ar, ao mesmo tempo em que minimizavam consideravelmente a entrada de outros micróbios por via aérea, mostrando que os micróbios não “nasciam” da matéria bruta, mas simplesmente se alojavam nela.

Em *A gênese*, publicado sete anos depois das experiências de Pasteur, Allan Kardec, como muitos cientistas da época, mostrava-se simpático a teoria da geração espontânea:

Se a geração espontânea é fato demonstrado, por muito limitado que seja, não deixa de constituir um fato capital, um marco de natureza a indicar o caminho para novas observações. Sabe-se que os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira; mas, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Vendo o carvalho sair da glândula, quem pode afirmar que não exista um laço misterioso entre o pólipo e o elefante?

No estado atual dos nossos conhecimentos, não podemos estabelecer a teoria da geração espontânea permanente, senão

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 46.

como hipótese, mas como hipótese provável e que um dia, talvez, tome lugar entre as verdades científicas incontestes.²

Hoje em dia, embora a teoria da Geração Espontânea já tenha sido cientificamente refutada, a origem da vida permanece sendo um mistério para a ciência. Até mesmo o conceito de vida é controverso. Não se sabe definir qual parâmetro (presença de metabolismo, capacidade de reprodução, mobilidade etc.) é necessário que um ser possua para ser considerado vivo. Seres simples, como, por exemplo, o vírus, pode ser considerado um ser vivo ou uma partícula inerte que só adquire “vida” quando está parasitando uma célula? A ciência até hoje não tem uma demarcação precisa do que é vida, muito menos de sua origem.

² KARDEC, A. A gênese. Capítulo 10.

GUERRAS

Kardec acreditava que o que impele o homem à guerra é a predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e o transbordamento das paixões. No estado de barbárie, os povos um só direito conhecem — o do mais forte. Por isso é que, para estes povos, o de guerra é um estado normal. À medida que o homem progride, menos frequente se torna a guerra, porque ele lhe evita as causas, fazendo-a com humanidade, quando a sente necessária.¹

Às vezes, as guerras surgem como imperativos da liberdade e do progresso,² mas aquele que suscita a guerra em seu benefício é considerado um grande culpado. Muitas existências lhe serão necessárias para expiar todos os assassínios de que haja sido causa, porquanto responderá por todos os homens cuja morte tenha causado para satisfazer à sua ambição.³

Para Kardec, a guerra desaparecerá da face da Terra quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época, todos os povos serão irmãos.⁴ Infelizmente, hoje, em pleno século XXI, ainda estamos muito longe disso.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 742.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 744.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 745.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 743.

HEREDITARIEDADE

A hereditariedade pode ser definida como a transmissão de caracteres de uma geração à outra. Kardec conhecia esse conceito, apesar da Genética, à sua época, inexistir como ciência. Ao examinar, por exemplo, as causas de loucura, Kardec admite que a hereditariedade poderia estar implicada em alguns casos.¹

Quando estuda as parencas entre pais e filhos, ele admite que a parencas física guarda relação com a consanguinidade.² Kardec rejeita, no entanto, que a parencas psíquica se deva aos mecanismos da hereditariedade, relacionando-a ao fato de serem Espíritos simpáticos, que reciprocamente se atraíram pela analogia dos pendores.³

Em torno da hereditariedade moral, ou psíquica, Kardec tece comentários em um artigo publicado na *Revista Espírita*, ao ser provocado sobre o tema, por um leitor da revista:

Ora, a experiência todos os dias prova o contrário. É verdade que se citam exemplos de similitudes morais e intelectuais que parecem devidas à hereditariedade, de onde seria necessário concluir que tivesse havido uma transmissão. Mas, então, por que essa transmissão não se dá sempre? Por que vemos, todos os dias, pais essencialmente bons, ter filhos viciosos e vice-versa? Como é impossível fazer da hereditariedade moral uma regra geral, é necessário explicar, com o sistema da recíproca independência das almas, a causa das similitudes.

Isso poderia ser no máximo uma dificuldade, mas que não teria como pressuposto a doutrina da anterioridade da alma e da pluralidade das existências, visto que essa doutrina está provada por centenas de fatos concludentes, e contra os quais é impossível levantar objeções sérias.

Kardec reproduziu em suas considerações o que pensava a ciência da época. Todavia, nas primeiras décadas do século XXI, notou-se uma profunda mudança nos conceitos sobre hereditariedade psíquica.

A pesquisa na área da genética sobre a personalidade é extensa e está descrita em vários livros. A mensagem básica é a seguinte: os genes

¹ KARDEC, A. *Revista Espírita*. Julho de 1866.

² KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 207.

³ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 207a.

têm uma contribuição importante para as diferenças individuais na personalidade. Traços de personalidade como comportamentos de risco, frequentemente chamado de busca de sensações, uso e abuso de droga, timidez, violência, comportamento alimentar, comportamento antissocial, inteligência e habilidades de aprendizagem estão sujeitos a algum grau de influência genética.

Pelo fato de uma característica humana apresentar influência genética, não significa que nada possa ser feito para alterá-la. Excetuando-se casos extremos, como determinadas doenças hereditárias (albinismo e doença falciforme, por exemplo), os traços comportamentais são em geral influenciados por múltiplos genes e múltiplos fatores ambientais. Acima de tudo, tem-se que considerar o poderoso papel do Espírito, que, valendo-se dos seus valores e de sua atitude mental, pode exercer algum grau de influência sobre a expressão dos genes e sobre o ambiente onde está inserido.

Genes relacionados à violência podem ser transmitidos dos pais para os filhos, mas a violência sem si mesma não. Isso porque a violência é resultante de muitos fatores, sendo o mais importante deles, as aquisições morais trazidas pelo Espírito em experiência na Terra.

Os genes trazem o arrastamento, ou seja, a tendência para um determinado comportamento. No entanto, o Espírito (manifestando-se através da mente) pode ceder ou resistir a esse arrastamento. Caso resista, o comportamento não irá se consumir, não obstante a tendência continue existindo. Dito de outra maneira, a tendência (determinada pela genética) não é condição suficiente para desencadear um comportamento.

Nesse sentido, ao juntarmos o que diz a filosofia espírita com o que é preconizado pela ciência (através de estudos na área da Genética), é plausível supor que, de alguma maneira, o Espírito molde o DNA do seu futuro corpo, antes de reencarnar. Assim, o corpo seria fonte de determinadas inclinações, que serviriam de provas para esse Espírito na sua nova existência material.

IDEIAS INATAS

Está amplamente reconhecido pela comunidade científica que algumas crianças demonstram faculdades extraordinárias e a intuição de certos conhecimentos, o das línguas, cálculos etc., sem estudo prévio.

Para Kardec, isso atesta a anterioridade da alma, lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência.¹

Ele afirma:

O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de roupa.²

Encarnado, conserva o Espírito vestígios das percepções que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores. Isso explica o que se chama ideias inatas. Os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem.

Liberto da matéria, o Espírito sempre os tem presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente, porém a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. Se não fosse assim, teria que recomeçar constantemente. Em cada nova existência, o ponto de partida, para o Espírito, é o em que, na existência precedente, ele ficou.³

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 218.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 219

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 218.

IDENTIFICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

As dificuldades implicadas na identificação dos Espíritos comunicantes foram estudadas por Kardec em *O livro dos médiums*. Didaticamente, Kardec separa o problema em duas dimensões: as comunicações íntimas, de Espíritos conhecidos do médium ou do grupo, e as comunicações de Espíritos estranhos ao grupo ou de personalidades históricas.

Comunicações íntimas.

Nessas situações os elementos que podem auxiliar na comprovação de que se trata efetivamente da individualidade que o Espírito afirma ser, se baseia em dados fornecidos pelo comunicante e que podem associá-lo ao falecido.

Segundo Kardec,

quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo, por exemplo, mormente se há pouco tempo que morreu, sucede geralmente que sua linguagem se revela de perfeito acordo com o caráter que tinha aos nossos olhos, quando vivo. Já isso constitui indício de identidade. Quase não há mais lugar para dúvidas, entretanto, quando o Espírito fala de coisas particulares, lembra acontecimentos de família, sabidos unicamente do seu interlocutor.¹

Acrescenta também que a caligrafia ou mesmo a assinatura da entidade podem ser elementos de comprovação, ao se identificarem com a letra ou assinatura do indivíduo enquanto encarnado.

Comunicações de estranhos ou figuras históricas.

Nesses casos é quase impossível o registro de elementos que comprovem a identidade do Espírito por faltarem dados de identificação que possam ser comparados com o falecido.

Sobre isso, Kardec se manifesta:

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução. Item 11.

A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem. Se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades e puerilidades, está claro que não pode ser ele. Porém, se somente diz coisas dignas do caráter de Fénelon e que este não se furtaria a subscrever, há, senão prova material, pelo menos toda probabilidade moral de que seja de fato ele. Nesse caso, sobretudo, é que a identidade real se torna uma questão acessória. Desde que o Espírito só diz coisas aproveitáveis, pouco importa o nome sob o qual as diga.²

Sobre a autenticidade das comunicações íntimas, Paulo Rossi Severino desenvolveu trabalho de pesquisa de 45 mensagens recebidas por Chico Xavier, e publicado pela *Folha espírita* com o título *A vida triunfa*. Familiares e amigos dos Espíritos comunicantes foram entrevistados em busca de dados que pudessem confirmar a autenticidade da comunicação. Todas as mensagens examinadas possuíam dados de identificação confiáveis.

Em 100% dos casos registrou-se a presença de parentes ou amigos desencarnados no limiar do outro mundo. A citação do nome de parentes e amigos desencarnados conferiu grande autenticidade as cartas-mensagens. Em 68,9% delas são referidos de 1 a 3 parentes/amigos falecidos, em 13,3% de 4 a 6 e em 11% mais de 6. Em cálculo aproximado, as 45 mensagens registraram mais de uma centena de nomes citados. Esse dado ganha maior força quando se verifica que 93,3% dos informantes declararam que não conheciam o médium antes do desencarne do comunicante.

² KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 255.

IDIOTISMO

O termo *idiota* (e também o termo *cretino*) era empregado, a época de Kardec, para designar pessoas com deficiência intelectual, sem especificar a causa do déficit cognitivo.

Atualmente, estas condições são consideradas *Transtornos do neurodesenvolvimento*. Estes transtornos englobam alterações dos processos iniciais do desenvolvimento cerebral que persistem ao longo da vida; têm sua origem no período gestacional ou na infância. Envolve déficits na interação social e nas habilidades de comunicação que impactam o desempenho social e acadêmico. Os prejuízos vão desde limitações causadas por deficiências intelectuais até transtornos de aprendizagem.

A respeito dessa condição, Kardec colocou:

- A alma dessas personalidades não é de natureza inferior; não raro, são mais inteligentes do que supomos.¹
- Não dispõem de condições para se comunicar, por apresentarem um cérebro alterado, da mesma forma que o mudo sofre da impossibilidade de falar.²
- São Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados. Trata-se de uma expiação decorrente do possível abuso que fizeram de certas faculdades.³
- Na condição de Espírito livre, frequentemente têm consciência de seu estado mental. Os grilhões que impedem sua manifestação são prova e expiação.⁴

Na *Revista Espírita*⁵ Kardec se reportou ao caso de Charles de Saint-G, um jovem de treze anos, em que se deu a parada completa do desenvolvimento em todo o sistema orgânico, e cujas faculdades intelectuais eram de tal nulidade, que nem mesmo reconhecia os pais. Essa mensagem foi posteriormente publicada no livro *O céu e o inferno*⁶.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 137.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 371.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 373.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 374.

⁵ KARDEC, A. Revista Espírita. Junho de 1860.

⁶ KARDEC, A. O céu e o inferno. Parte 2. Capítulo 8.

Comunicando-se através de um médium da Sociedade de Estudos Espíritas, ele demonstrou ciência de tudo o que se passava com ele. Dentre outras coisas afirmou:

- Sou um pobre Espírito, preso à Terra como uma ave pelo pé.
- Sinto bem o meu cativeiro.
- Quando meu corpo infeliz repousa, estou um pouco mais livre para me elevar ao céu, a que aspiro.
- Vejo, entendo, mas meu corpo não compreende e nada vê.

Comentando o fato, Kardec ressaltou o profundo ensinamento moral que resultou desta evocação, além de confirmar o que sempre foi dito sobre os deficientes intelectuais. Sua limitação psíquica nada tem a ver com uma limitação do Espírito, o qual goza de todas as suas faculdades. Segundo Kardec, a imperfeição dos órgãos é apenas um obstáculo à livre manifestação das faculdades; não as aniquila. É o caso de um homem vigoroso, cujos membros seriam presos por laços.

Curiosamente, Kardec chama a atenção para a necessidade de cuidar dessas pessoas com um espírito de amorosidade, algo que praticamente não se via àquela época. Ele escreveu:

É sabido que, em certas regiões, longe de ser um objeto de desprezo, essas pessoas são cercadas de cuidados benevolentes. Esse sentimento não decorreria de uma intuição do verdadeiro estado desses infortunados, tanto mais dignos de atenções quanto seu Espírito, que compreende a posição em que se encontra e deve sofrer por se ver como um refugo da sociedade?⁷

⁷ KARDEC, A. Revista Espírita. Junho de 1860.

IGUALDADE

A igualdade entre os seres criados por Deus foi colocada por Kardec como uma das leis da Natureza. Segundo ele:

- Todos os homens estão submetidos à mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. A nenhum homem Deus concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos, aos seus olhos, são iguais.¹
- A desigualdade das aptidões pode ser explicada pelo fato de que cada um dos Espíritos vive há mais ou menos tempo, tendo feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre os Espíritos está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que atuam, usando o livre-arbítrio. Por isso, uns se aperfeiçoam mais rapidamente que outros, o que lhes dá aptidões diversas.²
- A variedade das aptidões é necessária, para cada um poder concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais. O que um não faz, outro o faz. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar. Ademais, como todos os mundos são solidários entre si, é necessário que os habitantes dos mundos superiores venham habitar nosso mundo, para nos dar o exemplo.³
- A desigualdade das condições sociais é obra do homem e não de Deus. Algum dia essa desigualdade desaparecerá, pois somente as leis de Deus são eternas. Desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar. Restará apenas a desigualdade do merecimento.⁴
- São iguais perante Deus o homem e a mulher, com os mesmos direitos. A inferioridade moral da mulher em certos países decorre do predomínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem. É resultado das instituições sociais e do abuso da força

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 803.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 804.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 804.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 806.

sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados,
a força conduz o Direito.⁵

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 817.

INFÂNCIA

Kardec identificou no período de infância uma utilidade particular. Encarnando, para se aperfeiçoar, o Espírito é mais acessível às impressões que recebe durante esse período. Estas impressões podem auxiliar seu adiantamento.¹

Nesse sentido, Kardec adverte do compromisso dos pais, professores, e representantes das religiões junto às crianças: eles estão incumbidos de educá-los.

Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores.²

Segundo Kardec,

Não é raro que um mau Espírito peça lhe seja dado bons pais, na esperança de que seus conselhos o encaminhem por melhor senda e muitas vezes Deus lhe concede o que deseja.³

Psicólogos evolucionistas procuram compreender a tão longa infância na espécie humana, além da fragilidade com que nasce o bebê, única entre os diferentes animais. Tais características tornam o bebê humano altamente “custoso” para o cuidador. Certamente algum benefício isso traria. Acreditam que tal condição contribui na socialização do indivíduo, considerando que a nossa espécie é notavelmente social, responsável pelo surgimento no planeta de uma cultura complexa.⁴

Podemos associar as ideias de Kardec às pesquisas da psicologia evolucionária. A infância humana é tão longa para permitir também uma mais efetiva ação dos cuidadores no aperfeiçoamento moral do reencarnante.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 383.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 385.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 209.

⁴ YAMAMOTO, M. E.; VALENTOVA, J. (Org.). Manual de psicologia evolucionista.

INFLUÊNCIA DO ORGANISMO

A encarnação coloca o Espírito em uma condição especial, que lhe impõe restrições e da qual é alvo de profundas influências. Kardec reconhece a importância desse estado, quando afirma que o Espírito encarnado está sob a influência da matéria.¹ Essa influência é de duas ordens: ambiental e biológica.

São significativas as influências que o ambiente exerce sobre a individualidade reencarnada, quais sejam, o ambiente compartilhado e o ambiente não compartilhado. O ambiente compartilhado é aquele que exerce influência sobre nós e nossos irmãos igualmente: nossos pais, nossa vida doméstica e nossa vizinhança. O ambiente não compartilhado ou único é o resto: qualquer coisa que influencie um irmão, mas não o outro. Isto inclui o favoritismo dos pais, a presença de outros irmãos, experiências únicas como cair de uma bicicleta ou ser infectado por um vírus, e, na verdade, qualquer coisa que nos aconteça no decorrer da vida que não necessariamente aconteça aos nossos irmãos. Estudos em diferentes áreas do conhecimento humano mostram que, quase invariavelmente, as pessoas moldam-se conforme seus iguais nos ambientes em que vivem ou se desenvolvem nas possibilidades que o meio que as cerca lhes oferece.

A relevância das influências do meio na formação da personalidade humana é notada no pensamento de Allan Kardec. Lembra ele que, embora o Espírito conserve, em suas novas existências, os traços do caráter moral das existências anteriores, isso nem sempre é evidente, pois sua posição social também pode não ser a mesma.

Se de senhor passa a escravo, inteiramente diversos serão os seus gostos e dificilmente o reconheceréis. Sendo o Espírito sempre o mesmo nas diversas encarnações, podem existir certas analogias entre as suas manifestações, se bem que modificadas pelos hábitos da posição que ocupe, até que um aperfeiçoamento notável lhe haja mudado completamente o caráter [...]²

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução. Item 6.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 216.

O processo reencarnatório coloca o Espírito também sob importantes influências biológicas, vinculadas, especialmente, aos genes responsáveis pela organização e funcionamento de seu corpo, principalmente do cérebro, onde significativa parte do genoma é expressa.

O cérebro é o órgão de manifestação do pensamento, através do qual o Espírito interage com o meio e com as pessoas que o cercam. Ele funciona a partir de impulsos elétricos que conectam seus bilhões de neurônios. Essas conexões, denominadas sinapses, dependem da interação de centenas de proteínas e neurotransmissores. Os genes especificam as proteínas que participam de todo o processo de construção e funcionamento do cérebro. Genes diferentes não constroem cérebros diferentes, daí sua importância.

Os estudos na área da Genética Comportamental mostram que os genes desempenham um papel importante no comportamento. Até certo ponto, as pessoas criam suas próprias experiências por razões genéticas. A pesquisa genética sobre a personalidade é extensa e está descrita em vários livros. A mensagem básica é a seguinte: os genes têm uma contribuição importante para as diferenças individuais na personalidade. Traços de personalidade, como comportamentos de risco, frequentemente chamados de busca de sensações, uso e abuso de droga, timidez, obesidade, comportamento antissocial, inteligência e habilidades de aprendizagem, têm consistentemente substancial influência genética.

Estudos mostram como podem ser espantosas as semelhanças entre gêmeos idênticos, que compartilham as receitas genéticas construtoras da mente. Suas mentes são assombrosamente semelhantes, e não só em medidas grosseiras como QI e em traços de personalidade como neuroticismo e introversão. Eles são, em média, estatisticamente semelhantes em talentos como soletração e matemática, nas opiniões sobre questões como apartheid, pena de morte e mães que trabalham fora, na escolha da carreira, nos passatempos, vícios, devoções religiosas, identidade de gênero ou orientação sexual e gosto para namorado(a)s. Ou seja, em todos esses quesitos, um gêmeo, ainda que criado em ambiente separado, se assemelha mais ao seu irmão gêmeo idêntico (que compartilha com ele os mesmos genes) do que se poderia esperar por probabilidade do acaso.

A influência biológica do corpo no comportamento do Espírito encarnado é amplamente demonstrada na obra de Kardec:

É inegável que sobre o Espírito exerce influência a matéria, que pode embaraçar-lhe as manifestações.³

O Espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu caráter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõe esse mesmo organismo.⁴

[...] um Espírito pacífico, ainda que num corpo bilioso, será sempre pacífico, e que um Espírito violento, mesmo num corpo linfático, não será brando; somente a violência tomará outro caráter. Não dispondo de um organismo próprio a lhe secundar a violência, a cólera tornar-se-á concentrada, enquanto no outro caso será expansiva.⁵

[...] a inteligência não se perde. Pode, porém, acontecer que ele não disponha dos mesmos meios para manifestá-la, dependendo isto da sua superioridade e das condições do corpo que tomar.⁶

Pode o Espírito, mudando de corpo, perder algumas faculdades intelectuais [...]? “Sim [...] uma faculdade qualquer pode permanecer adormecida durante uma existência, por querer o Espírito exercitar outra, que nenhuma relação tem com aquela”⁷

Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma, manifestação que se acha subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição dos órgãos [...]⁸

O temperamento é, ao menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. Dizemos em parte, porque há casos em que o estado físico evidentemente influi sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários de constituição, um mal-estar passageiro etc. O estado moral do

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 846.

⁴ KARDEC, A. Revista Espírita. Janeiro de 1866.

⁵ KARDEC, A. O evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 9. Item 10.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 180.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 220.

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 369.

Espírito pode, então, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que sua natureza intrínseca seja modificada.⁹

Há inclinações viciosas que, evidentemente, são inerentes ao Espírito, porque se devem mais ao estado moral do que ao físico; outras mais parecem consequência do organismo.¹⁰

⁹ KARDEC, A. Revista Espírita. Março de 1869.

¹⁰ KARDEC, A. Revista Espírita. Março de 1869.

INFLUÊNCIAS DO MÉDIUM E DO MEIO

Kardec reconhece, sem maiores dificuldades, que o médium e as pessoas presentes em um evento mediúnicamente podem exercer influência na comunicação mediúnica. Em *O livro dos médiuns*, ele dedicou dois capítulos para examinar separadamente essas duas condições. Em toda mensagem mediúnica há elementos oriundos de pensamentos do Espírito do médium e de pensamentos das pessoas presentes.

Esses elementos são inerentes à fisiologia da mediunidade, e não conseguem explicar o fenômeno em si mesmo. Como Kardec argumenta, as mensagens mediúnicas frequentemente apresentam pensamentos, conhecimentos e opiniões estranhos ao médium e ao meio. Kardec ilustra esse pensamento, com este caso simples:

Um de meus amigos, excelente médium psicógrafo, pergunta a um Espírito se uma pessoa que ele não via há quinze anos ainda pertencia a este mundo.

- “Sim, ela ainda vive; mora em Paris, na rua tal, número tanto.”

Ele vai e encontra a pessoa no endereço indicado.¹

Muitos anos depois do passamento de Kardec, pesquisadores sérios debruçaram-se sobre essa questão: os fenômenos espíritas podem ser explicados unicamente pela ação pessoal do médium (fenômenos anímicos) ou por reflexo do pensamento de outras pessoas (telepatia)?

Ernesto Bozzano, professor de filosofia da ciência da Universidade de Turim, a partir da análise de centenas de experiências realizadas no final do século XIX e início do século XX, escreveu, em 1931, a obra *Animismo ou Espiritismo?* Ele concluiu que, embora certos fenômenos atribuído a seres desencarnados possam ser justificados por ação pessoal do médium, ou por reflexo do meio, apenas a teoria espírita consegue explicar o conjunto dos fenômenos ditos paranormais.

Modernamente, diante de um provável fenômeno que remeta à intervenção dos Espíritos, devemos levantar as seguintes hipóteses:

- Fraude: o responsável pelo fenômeno está simulando um fenômeno. Muitos médiuns do passado, por interesse financeiro, foram identificados em fraude.

¹ KARDEC, A. Revista Espírita. Maio de 1859.

- Animismo: trata-se de um fenômeno produzido pela mente inconsciente do médium. Não se trata de fraude consciente, pois o médium não tem consciência do que está fazendo.
- Telepatia: o sensitivo está captando pensamentos de pessoas presentes ou distantes do local onde se dá o fenômeno.
- Comunicação de um Espírito desencarnado.

INSTINTO

O vocábulo *instinto*, definido pelos dicionários como um *impulso natural*, costuma ser utilizado de maneiras diferentes.

Na linguagem cotidiana, costuma-se dizer, por exemplo, que uma pessoa tem instinto para os negócios quando tem um dom especial ou uma intuição em relação a essa atividade. Assim, a palavra instinto é usada para designar um impulso natural, independente da razão, que faz o indivíduo agir com uma finalidade específica. Nestes casos, a palavra instinto é aplicada de maneira figurada (“agiu por instinto”, ou seja, sem reflexão).

Pode ser usada também como uma tendência, aptidão inata, ou seja, não construída. Kardec se vale deste termo, às vezes, para referir-se às tendências e predisposições psíquicas que todos trazemos ao renascer, sendo resultados das experiências reencarnatórias (instinto moral).

Do ponto de vista biológico, o instinto é um impulso interior, de natureza biológica, que faz um animal executar inconscientemente atos adequados às necessidades de sobrevivência própria, da sua espécie ou da sua prole. Assim, o instinto é uma reação espontânea no comportamento de um animal. Isto significa que é algo que não se aprende.

No mundo dos animais, os especialistas descrevem os mais variados instintos: os de ataque e de defesa, os de movimentos migratórios ou de proteção em relação aos seus filhotes.

O instinto designa predisposições inatas para a realização de determinadas sequências de ações caracterizadas sobretudo por uma realização padronizada, predefinida. Devido a essas características, supõe-se uma forte base genética para os instintos, embora seus mecanismos não sejam completamente compreendidos.

Kardec examina, mais detidamente, os instintos em *O livro dos Espíritos* e em *A gênese*.

Kardec considera o instinto como uma espécie de inteligência, seria uma inteligência sem raciocínio, sendo através dele que todos os seres proveem as suas necessidades.¹ Coloca que, embora não se possa estabelecer-se uma linha de separação entre instinto e a inteligência, é possível distinguir um do outro, porque a inteligência é resultado do

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 73.

raciocínio e do aprendizado, e o instinto não.² Lembra, ainda, que as faculdades instintivas nunca desaparecem, mesmo quando crescem as intelectuais. E, também, que o instinto conduziria o homem ao bem, se não fosse desprezado por ele. Considera que o instinto pode nos guiar ao bem, mais eficazmente que a razão, na medida que esta, muitas vezes, é falseada pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo.³

Kardec também define instinto como:

a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles.⁴

Ele lembra que nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes é útil ou nocivo; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas progênes, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio materno.

No homem, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; tais ainda o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, a respiração etc.

A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, conforme a oportunidade das circunstâncias. Todo ato maquinal é instintivo; o ato que denota reflexão, combinação, deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não o é. O instinto é guia seguro, que nunca se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está, por vezes, sujeita a errar.

Após essas considerações, Kardec procura examinar a origem do instinto, e discute várias hipóteses a respeito. Coloca que admitindo que o instinto procede da matéria, ter-se-á de admitir que a matéria é inteligente, até mesmo bem mais inteligente e providente do que a alma, pois que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se equivoca. Ele escreve:

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 74.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 75.

⁴ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 3.

Se considerarmos o instinto uma inteligência rudimentar, como se há de explicar que, em certos casos, seja superior à inteligência que raciocina? Como explicar que possibilite atos que esta não pode realizar?

Segundo outros sistemas, o instinto e a inteligência procederiam de um único princípio. Chegado a um certo grau de desenvolvimento, esse princípio, que primeiramente apenas tivera as qualidades do instinto, passaria por uma transformação que lhe daria as da inteligência livre. Mas, muitas vezes, o instinto e a inteligência se revelam simultaneamente no mesmo ato.

Outra hipótese tange ao que o Espiritismo ensina sobre as relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo. Sabe-se que muitos Espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, dos quais se constituem protetores e guias; que os envolvem nos seus eflúvios fluídicos; que o homem age muitas vezes inconscientemente, sob a ação desses eflúvios. Ora, segundo esta hipótese, o instinto não seria atributo nem da alma, nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, seria efeito da ação direta dos protetores invisíveis que supririam a imperfeição da inteligência, provocando os atos inconscientes necessários à conservação do ser.

Por muito racional que seja, essa teoria não resolve todas as dificuldades da questão. Se observarmos os efeitos do instinto, notaremos, em primeiro lugar, uma unidade de vistas e de conjunto, uma segurança de resultados, que cessam logo que a inteligência livre substitui o instinto. Semelhante unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento e esta é incompatível com a diversidade das aptidões individuais.

Um efeito geral, uniforme e constante, há de ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que atesta sabedoria e providência há de ter uma causa sábia e providente. Ora, uma causa dessa natureza, sendo por força inteligente, não pode ser exclusivamente material. Não se nos deparando nas criaturas, encarnadas ou desencarnadas, as qualidades necessárias à produção de tal resultado, temos que subir mais alto, isto é, ao próprio Criador.

Se nos reportamos à explicação dada sobre a maneira por que se pode conceber a ação providencial; se figurarmos todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria providente e a unidade de vistas

que presidem a todos os movimentos instintivos que se efetuam para o bem de cada indivíduo.⁵

Kardec conclui dizendo que todas essas maneiras de considerar o instinto são forçosamente hipotéticas e nenhuma apresenta caráter seguro de autenticidade, para ser tida como solução definitiva. A questão, sem dúvida, será resolvida um dia, quando se houverem reunido os elementos de observação que ainda faltam. Até lá, temos que limitar-nos a submeter as diversas opiniões ao cadinho da razão e da lógica e esperar que a luz se faça.

Modernamente, a ciência oficial supõe uma forte base genética para os instintos, embora os mecanismos que determinam essa influência não sejam completamente compreendidos.

Na literatura mediúnica de Chico Xavier, temos o posicionamento do Espírito Emmanuel, que considera o instinto como um atributo do princípio inteligente, lentamente adquirido em suas experiências no reino animal.⁶

⁵ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 3.

⁶ EMMANUEL; XAVIER, F.C. O consolador. Questão 79.

JUSTIÇA

A justiça, segundo Allan Kardec, consiste em cada um respeitar os direitos dos demais. O homem justo é aquele que respeita os direitos dos seus semelhantes.¹

Que direitos são esses que devemos respeitar? Kardec não se refere aos direitos estabelecidos pelas legislações humanas, que são tão imperfeitos como o próprio homem, e sim aos direitos naturais. Estes direitos naturais são estabelecidos por Deus e são os mesmos para todos os homens, independentemente de qualquer situação. Acrescenta Kardec:

Deus não fez uns de limo mais puro do que se serviu para fazer os outros, e aos seus olhos todos iguais.²

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), *direitos humanos* são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Os direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, a uma alimentação saudável, moradia, saúde, segurança, e muitos outros. Resumindo, o direito a uma vida digna. Todos merecem estes direitos, sem discriminação.

Como vemos, a justiça consiste em uma virtude de muito grande alcance:

- Quem respeita o direito do outro jamais vai tirar a sua vida, ou simplesmente, prejudicá-lo de qualquer forma que seja.
- Quem respeita o direito do outro não vai se apropriar daquilo que lhe pertence, mesmo quando achado na rua ou em outro lugar qualquer, ou como saque feito em um caminhão tombado ou em um supermercado invadido pela multidão.
- Quem respeita o direito do outro saldará as suas dívidas e sempre devolverá o que tomou emprestado, mesmo que isso implique em algum grau de sacrifício.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 875.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 878a.

- Quem respeita o direito do outro não faltará a um compromisso assumido (exceto em casos especiais), nem chegará além do horário combinado.
- Quem respeita o direito do outro vai considerar a necessidade daqueles que estão sob seus cuidados na condição de filhos oriundos do casamento ou fora dele, responsabilizando-se financeira e afetivamente por eles, enquanto isso se fizer preciso.
- No político corrupto, nos heróis do enriquecimento fácil, no Gerson que leva vantagem, no policial que dá um jeitinho, no fiscal oportunista, na fila que é furada, na doença inventada ou supervalorizada para colher o bônus do INSS, no genitor que deixa sem assistência os menores que dependem dele, verificamos a ausência do sentimento de justiça.

Kardec considerou a justiça como a grande responsável pela pacificação nas relações humanas. Ao perguntar aos Espíritos se algum dia os homens chegarão a se entender, vivendo em harmonia, eles disseram: *Sim, quando praticarem a lei de justiça.*³

E quando perguntou se o fato de os homens viverem em sociedade resultava para eles obrigações especiais, ouviu a seguinte resposta:

Sim, e a primeira de todas as obrigações do homem é a de respeitar os direitos de seus semelhantes. Aquele que respeitar esses direitos procederá sempre com justiça. Em vosso mundo, porque a maioria dos homens não pratica a lei de justiça, cada um usa de represálias. Essa a causa da perturbação e da confusão em que vivem as sociedades humanas. A vida social confere direitos e impõe deveres a todos.⁴

O pensamento de Kardec mostra que, se todos fossem justos para com o seu próximo, respeitando seus direitos, a maior parte dos conflitos e dos problemas humanos deixaria de existir. Podemos imaginar uma sociedade em que ninguém tome do outro o que lhe pertence e não o prejudique em absolutamente nada. Esta sociedade não teria furtos, nem assaltos, nem homicídios, nem agressões, nem traições afetivas, nem

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 812a.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 877.

desigualdades sociais, que são todos decorrentes da ambição desmedida. Ninguém usaria de represálias, porque ninguém teria motivos para isso.

Segundo Kardec, Deus imprimiu no coração do homem a regra da verdadeira justiça.⁵ Em outras palavras, a evolução espiritual, tendo Deus como avalista, permitiu que os Espíritos, paulatinamente, fossem incorporando em sua mente, através das milenárias experiências reencarnatórias, a noção de certo e errado, do bem e do mal e do justo e injusto.

Alguns estudos relacionados à psicologia de bebês têm caminhado nesse sentido. Paul Bloom é um psicólogo canadense-americano. Ele é professor de psicologia e ciências cognitivas na universidade de Yale e estuda bebês do ponto de vista comportamental. Em uma obra denominada *O que nos faz bons ou maus* ele relata muitas experiências que mostram que as pessoas já nascem com princípios de justiça e de solidariedade. Em um de seus estudos, ele verificou que um bebê de um ano de idade decidiu fazer justiça com as próprias mãos.

Ele havia acabado de assistir a um teatro de fantoches, com três personagens. O boneco do meio jogava uma bola para o boneco da direita, que lhe passava a bola de volta, e assim sucessivamente. Até que aparece um boneco à esquerda, e pede para brincar. O boneco do centro, então, joga a bola para ele. No entanto, ele, em vez de devolver a bola, sai correndo com ela.

No fim da apresentação, o boneco bom e o boneco mau foram retirados do palco e colocados diante do menino. Um presentinho foi posicionado em frente a cada um dos bonecos, e o garoto foi instruído a remover um dos presentes. Conforme previsto, e como a maioria das crianças pequenas que participaram desse experimento fez, ele retirou o presente do boneco mau – aquele que havia fugido com a bola. Mas não foi só isso. Um bebê, em especial, se inclinou e deu uma palmadinha na cabeça desse boneco.

Alguns aspectos da moralidade parecem nascer conosco: certa capacidade de distinguir entre as ações gentis e as cruéis, uma tendência a favorecer divisões igualitárias dos recursos e o desejo de ver as boas ações recompensadas e as más ações punidas. Desde pequenos, as histórias de que mais gostamos são contos sobre o bem e o mal. Queremos que os mocinhos sejam recompensados e queremos, realmente, que os bandidos sofram.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 873.

Parece que nasce conosco também a capacidade de sofrer com a dor dos que nos cercam e ter vontade de acabar com este sofrimento. Estudos com bebês mostram isso.

Em um dos estudos, bebês são mantidos em uma sala, onde a mães também estão presentes. Um adulto, com os braços abarrotados de coisas, entra na sala e tenta abrir a porta de um armário. Ninguém olha para a criança, nem a incita ou lhe pede ajuda. Ainda assim, cerca de metade dos bebês oferece ajuda – eles ficam em pé espontaneamente, cambaleiam um pouco e abrem a porta para o adulto. Esse é um pequeno exemplo de um indivíduo em miniatura, mas observamos esta gentileza em larga escala quando as pessoas doam tempo, dinheiro ou, até mesmo, sangue para ajudar os outros, algumas vezes desconhecidos. Esse comportamento também é considerado moral; ele inspira emoções como orgulho e gratidão, e nós o descrevemos como bom e ético.

Quando prestamos atenção no modo como os bebês e as crianças pequenas agem, observamos algo a mais. Eles, simplesmente, não se afastam da pessoa que sofre. Eles tentam fazer com que ela se sinta melhor. Os psicólogos do desenvolvimento observaram, há muito tempo, que crianças de um ano de idade costumam dar tapinhas e passar a mão nas costas de outras que parecem estar angustiadas. Quando crianças pequenas veem alguém ao seu redor agindo como se estivesse sentindo alguma dor, a reação delas costuma ser a de tentar tranquilizá-lo.

O senso de justiça foi essencial na sobrevivência do ser humano, quando, há muitos anos atrás, começaram a se formar os primeiros agrupamentos. Assim que nossos antepassados deixaram as árvores, há cerca de sete milhões de anos, nossa própria existência dependeu da capacidade de trabalharmos juntos. Foi essa necessidade de ação coletiva que produziu a mais importante mudança psicológica que nos permitiu prosperar na savana, além de apenas sobreviver.

Em algum momento de nossa história evolutiva, nossos ancestrais se uniram na defesa coletiva, e, a partir daí, todos passaram a ter maior chance de sobrevivência. Indivíduos em grupos que aprenderam a trabalhar em cooperação tinham uma enorme vantagem.

Isso porque, em termos anatômicos, nossa espécie é um fiasco: corremos e saltamos mal, não possuímos dentes afiados e garras potentes para o ataque e defesa, a nossa infância é a mais longa e mais frágil do reino animal. No entanto, hoje somos a espécie mais bem-sucedida do planeta. Devemos isso à união de esforços pelo bem coletivo.

No entanto, existe uma grande ameaça à cooperação: o parasitismo, ou a tendência a fugir do trabalho pesado e, ao mesmo tempo, partilhar os benefícios. Como evoluímos para cooperar uns com os outros, também desenvolvemos um sistema de detecção de trapaceiros e uma forte reação emocional a aproveitadores, mantendo a harmonia grupal através do desenvolvimento de um senso particular de justiça.

A mais poderosa arma de que se valiam os nossos antepassados para combater o trapaceiro e o preguiçoso era o ostracismo. Ser expulso de um grupo de homens primitivos era uma sentença de morte, em um mundo tremendamente hostil. Por essa razão, nossos ancestrais desenvolveram rapidamente uma forte reação emocional à ameaça de ser colocado fora do grupo ou perder seu valor perante os pares. Isso explica, em nossa sociedade contemporânea, a insuperável necessidade de sermos bem vistos e valorizados perante os outros. A rejeição social é algo incrivelmente doloroso.

A punição ao aproveitador e ao trapaceiro foi essencial no desenvolvimento da nossa espécie e na manutenção de uma vida social razoavelmente estável.

Esse senso de justiça não existe de forma significativa nos animais, nem mesmo nos animais mais próximos de nós do ponto de vista evolutivo, como os chimpanzés.

Para exemplificar, consideremos o que acontece quando chimpanzés caçam macacos. A caça aos macacos é uma de suas poucas atividades coletivas, porque os macacos têm muita dificuldade em escapar quando os chimpanzés vêm de todos os lados. Mas mesmo quando os chimpanzés caçam em grupo, nem todos se envolvem. Alguns permanecem sentados, preguiçosamente observando o caos ao redor. Quando a caçada termina eles compartilham as presas, comida rica em calorias. O que surpreende é que os que ficaram apenas observando ganham também seu pedaço de carne. Seus colegas chimpanzés fazem pouca ou nenhuma distinção entre omissos e colaboradores.

Com os humanos a situação é muito diferente. Mesmo crianças de quatro anos de idade prestam muita atenção em quem ajuda e quem não ajuda. Quando ganham doces por trabalhar em equipe, escondem daquelas que não ajudaram, mas partilham com as que ajudaram. Quando obrigadas a dividir também com os preguiçosos, elas dizem: - *Isso não é justo!*

Estudos mostraram que crianças de três anos eram mais propensas a ajudar alguém que havia auxiliado outra pessoa anteriormente, e menos

propensas a ajudar quem havia sido cruel com outra pessoa. Isso pode não parecer muito amistoso poderia até mesmo ser um comportamento a ser desestimulado: afinal, partilhar é carinhoso, independentemente do que o outro tenha feito, mas, de um ponto de vista evolutivo é determinante. Sociedades que não fizessem distinção entre colaboradores e espectadores, bons e maus, nunca teriam a capacidade de criar e sustentar equipes eficazes.

Mas o conceito de uma justiça que já nasce conosco nos coloca diante da seguinte questão: sendo a justiça um sentimento tão forte na espécie humana, por que muitas pessoas têm convicções tão equivocadas a respeito da justiça, se comportam de forma tão injusta e fazem afirmações absurdas do ponto de vista moral como, por exemplo: todos os pobres são preguiçosos, existem raças mais inteligentes que outras, os homossexuais são pervertidos, a gente tem mais é que levar vantagem, não levo desaforo pra casa?

Isso é visto até mesmo em crianças pequenas: elas demonstram saber o que é certo e errado, mas quando o seu interesse pessoal está envolvido, parece que elas se esquecem de tudo isso. Elas podem defender vividamente um princípio de divisão igualitária quando se trata de outras pessoas, mas quando elas mesmas são encarregadas de distribuir os recursos, tendem a ficar com a parte maior.

Kardec questionou os Espíritos quanto a isso. Eles esclareceram que muitas pessoas misturam aos sentimentos naturais de justiça, seus vícios morais e suas próprias paixões, fazendo com que vejam as coisas sob um ponto de vista falso.⁶

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 874.

LEI NATURAL

Kardec considerava a lei natural, ou lei divina, o conjunto de princípios eternos, imutáveis e perfeitos que governam o Universo. São as chamadas “leis da Natureza” e exprimem a vontade do Criador para a criação. Como estas leis provêm de Deus, trazem consigo as características ou atributos do próprio Deus, ou seja, são leis perfeitas, eternas e imutáveis. Um problema filosófico embaraçoso que surge aqui é saber se Deus estaria sujeito às leis que ele próprio criou. Se sim, ele também deveria evoluir, se não, haveria duas categorias distintas de perfeição (ou seja, um paradoxo): uma seria a perfeição de Deus e outra seria a perfeição de suas leis.

Segundo Kardec a lei natural é a única necessária à felicidade do homem, indicando-lhe o que deve fazer e o que deve evitar. A infelicidade surge sempre como uma consequência do seu afastamento da lei.¹

Entre as leis naturais, algumas estão relacionadas ao mundo material, à constituição e às propriedades da matéria, tais como a lei de gravitação, leis da eletricidade, leis da genética, a estrutura dos átomos etc. Outras se relacionam mais ao homem, como Espírito, e as suas relações com Deus e com seus semelhantes; são as chamadas leis morais.

O objetivo das leis divinas é levar o homem à perfeição, através do desenvolvimento da sua inteligência e da sua moralidade. A legislação humana é um pálido reflexo das leis divinas, variando de povo para povo através dos tempos, segundo o grau de evolução alcançado pelos homens. Conforme cresce o conhecimento das leis divinas, o homem evolui e aperfeiçoa suas próprias leis.²

Embora a lei de Deus esteja escrita na consciência do homem,³ foi necessário, ao longo dos séculos, que Espíritos Superiores recebessem a missão de revelá-las gradativamente aos homens.⁴ Tais Espíritos podem ser reconhecidos em todos os tempos por suas palavras e suas ações. Dentre todos se destaca Jesus, que segundo Allan Kardec, é o tipo de perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Jesus é o mais

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 614.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 617a.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 621.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 622.

perfeito modelo que o homem possui e a sua doutrina é a mais pura expressão da lei de Deus.⁵

Os Espíritos que hoje retornam através do Espiritismo, não têm outra missão senão a de desenvolver e explicar os ensinamentos de Jesus, retirando toda a alegoria e tornando-os inteligíveis para todos, ampliando o conhecimento que o homem tem das leis naturais. Assim, a mensagem espírita deve ser clara e sem equívocos, não dando margens a interpretações pessoais, permitindo que cada um possa julgá-la e apreciá-la conforme a sua capacidade de compreensão.⁶ Curiosamente, entretanto, hoje sabemos que menos de um terço da humanidade é cristã. Nesse sentido, é bom lembrarmos que Kardec só considerou a realidade europeia.

A verdade, então, a expressar-se nas leis divinas, vai sendo revelada gradualmente, conforme é assimilada, compreendida e praticada pelos homens. O conhecimento das leis naturais permite ao homem entender melhor o significado da moral, como distinção entre o bem e o mal.⁷ O bem pode ser compreendido como tudo aquilo que está conforme a lei de Deus, enquanto mal é tudo aquilo que dela se afasta.⁸

A prática do bem surge então como condição essencial para o crescimento espiritual, para o desenvolvimento evolutivo de todos os homens. Fazer o bem no limite de nossas possibilidades, ser útil aos semelhantes sempre que possível, renunciar ao egoísmo e ao mal, resistir aos vícios e superar as dificuldades significa acima de tudo demonstrar uma compreensão melhor da vida e das leis que a regem.

Uma vez que a lei natural está relacionada com todas as circunstâncias da vida, Allan Kardec propõe uma divisão, a fim de que ela possa ser mais bem estudada e compreendida: a adoração, o trabalho, a reprodução, a conservação, a destruição, a sociedade, o progresso, a igualdade, a liberdade, a justiça, amor e caridade.⁹

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 625.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 627.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 629.

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 630.

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 647.

LETARGIA

A letargia e a catalepsia são termos afeitos ao Magnetismo Animal, com o mesmo princípio: a perda momentânea da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda não explicada. Diferem uma da outra pelo fato de que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte. Na catalepsia, ela é localizada e pode afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo, de modo a deixar a inteligência livre para se manifestar, o que não permite confundila com a morte.

A letargia é sempre natural. A catalepsia, em certas ocasiões, é espontânea, mas pode ser provocada e desfeita artificialmente pela ação magnética. Considerando-se que em ambas condições há paralisia, total ou parcial, a pessoa apresenta um quadro que, popularmente, foi alcunhado de “morte aparente”.¹

De fato, cientificamente, letargia é um estado de profunda e prolongada inconsciência, semelhante ao sono profundo, do qual a pessoa pode ser despertada, mas ao qual retorna logo a seguir. Já a catalepsia é um estado no qual o paciente conserva seus membros em uma posição que lhe foi dada por terceiros; ela ocorre em certos transtornos mentais graves, por exemplo, em formas graves da esquizofrenia. A ciência atual define ainda o termo narcolepsia: o surgimento de um sono súbito e incontrolável, aparentemente sem motivo, que ocorre várias vezes ao dia e corresponde a uma entrada direta no sono REM, sem passar pela fase NREM (ver Sono e Sonhos).

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 424.

LIBERDADE

Dentre as dez leis morais, didaticamente estabelecidas por Kardec, uma delas é a lei de liberdade. Destacamos, sobre ela, alguns pontos:

- Não há no mundo posição na qual o homem possa jactar-se de gozar de absoluta liberdade, porque todos dependem uns dos outros.¹
- A escravidão é contrária à lei de Deus; é um abuso da força. Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos.²
- Ainda que a escravidão faça parte dos costumes de um povo, são censuráveis os que dela aproveitam, porque O mal é sempre o mal e não há sofisma que faça se torne boa uma ação má. A responsabilidade, porém, do mal é relativa aos meios de que o homem disponha para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza, mas aí, como em tudo, a culpabilidade é relativa. Tendo-se a escravidão introduzido nos costumes de certos povos, possível se tornou que, de boa-fé, o homem se aproveitasse dela como de uma coisa que lhe parecia natural. Entretanto, desde que, mais desenvolvida e, sobretudo, esclarecida pelas luzes do Cristianismo, sua razão lhe mostrou que o escravo era um seu igual perante Deus, nenhuma desculpa mais ele tem.³
- No pensamento goza o homem de ilimitada liberdade, pois que não há como pôr-lhe peias. Pode-se-lhe deter o voo, não o aniquilar.⁴
- Perante Deus, o homem é responsável pelo seu pensamento.⁵
- A liberdade de consciência é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso. Não tem o homem direito de pôr embaraços à liberdade de consciência alheia.⁶

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 825.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 829.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 830.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 833.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 834.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 836.

- Toda crença é respeitável, quando sincera e conducente à prática do bem. Condenáveis são as crenças que conduzam ao mal.⁷
- Reprimir os atos exteriores de uma crença, quando acarretam qualquer prejuízo a terceiros, não é atentar contra a liberdade de consciência, pois que essa repressão em nada tira à crença a liberdade, que ela conserva integral.⁸
- A melhor doutrina será aquela que mais homens de bem e menos hipócritas fizer, isto é, pela prática da lei de amor na sua maior pureza e na sua mais ampla aplicação. Esse o sinal por que reconheceréis que uma doutrina é boa, visto que toda doutrina cujo efeito for semear a desunião e estabelecer uma linha de separação entre os filhos de Deus não pode deixar de ser falsa e perniciosa.⁹

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 838.

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 840.

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 842.

LIGAÇÃO DO ESPÍRITO AO CORPO

Kardec mostrou que a união da alma ao corpo, durante o processo da encarnação, tem início no instante da fecundação, quando os gametas masculino e feminino se encontram, e o vínculo vai se consolidando à medida que o embrião se desenvolve, culminando no nascimento. Definida essa ligação, o Espírito não poderá ser substituído por outro. Desde esse momento, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança nasce.¹

Ele comenta também que, no momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação semelhante à que experimenta ao desencarnar, podendo ser até maior e sobretudo mais longa.² Esta perturbação aumenta à medida que o laço que liga o Espírito ao corpo se estreita, perdendo o Espírito, nos últimos momentos, toda a consciência de si próprio, de sorte que ele não presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, começa o Espírito a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que lhe hão de servir às manifestações.³

Detalhando o processo, Kardec explica que quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vital e material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação. Daí se pode dizer que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior.

Traçando um paralelo com a desencarnação, Kardec esclarece que por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 344.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 339.

³ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11.

que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; a morte é que determina a partida do Espírito.⁴

Vale ressaltar a informação de Kardec de que a formação do corpo, com a diferenciação das células, tecidos e órgãos, se dá por ação do Espírito reencarnante:

Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o conforme a sua inteligência. Deus fornece ao Espírito os materiais; cabe a ele empregá-los.⁵

⁴ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11.

⁵ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11.

LIVRE-ARBÍTRIO

O livre arbítrio é reconhecido como o poder que cada indivíduo tem de escolher suas ações, que caminho quer seguir. Kardec manifestou-se a respeito do livre-arbítrio e suas principais ideias são apresentadas a seguir.

- O homem tem o livre-arbítrio de seus atos. Na medida que possui a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem não teria nem culpa por praticar o mal, nem mérito em praticar o bem.¹
- O livre-arbítrio não existe em igual expressão em todas as pessoas. É muito limitado nas primeiras encarnações humanas, assim como na criança, pois sem desenvolvimento mental não é adequadamente realizada a escolha. O pensamento de Kardec nos leva a seguinte comparação: a criança não “escolhe” colocar o dedo no buraco da tomada; ela simplesmente vê o buraco, e, pelo notável espírito de curiosidade, próprio da espécie humana, ela enfia o dedo, testando as suas possibilidades. Através dos resultados, bons ou maus, alegres, ou tristes etc. ela vai apreendendo o que deve ou não deve fazer. O Espírito menos evoluído age de forma equivalente. Vai adquirindo a capacidade de escolher à medida que vive experiências e se expande a sua consciência.²
- O livre-arbítrio deve ser entendido de forma diferente, segundo encontre-se o Espírito encarnado ou desencarnado. O livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos temos voluntariamente submetido.³
- Desprendido da matéria e no estado de erraticidade, o Espírito procede à escolha de suas futuras existências corporais, conforme o grau de perfeição a que haja chegado e é nisto, como temos dito, que consiste sobretudo o seu livre-arbítrio. Esta liberdade, a encarnação não a anula. Se ele cede à

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 843.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 844.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 872.

influência da matéria, é que sucumbe nas provas que por si mesmo escolheu. Para ter quem o auxilie a vencê-las, concedido lhe é invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos.⁴

- Enquanto encarnado, o livre-arbítrio é particularmente limitado em decorrência dos seguintes fatores: predisposições inatas⁵, influência do organismo⁶, aberrações das faculdades⁷, influência dos Espíritos que simpatizam com suas disposições⁸, e posição social⁹.
- Embora o exercício do livre-arbítrio sofra importantes restrições enquanto encarnado, isso não significa que o Espírito seja como uma máquina, fatalmente levado aos atos da vida. Não há arrastamento irresistível, uma vez que se tenha a vontade de resistir. Querer é poder.¹⁰ Obviamente, quando Kardec afirma que querer é poder, refere-se à individualidade desencarnada. Conforme apresentado anteriormente, enquanto encarnado, o Espírito sofre uma série de importantes influências, o que pode inviabilizar essa afirmativa.
- Cabe à educação combater suas más tendências. Fá-lo-á utilmente, quando se basear no estudo da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene.¹¹

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 872.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 845.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 873

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 874.

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 845.

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 850

¹⁰ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 845.

¹¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 872.

LOUCURA

O paradigma científico da época de Kardec colocava como sendo físico-cerebrais todos os casos de loucura. Esta ideia mudou no final do século XIX, com o surgimento da psicanálise, e tem retornado atualmente com os estudos das neurociências. Além disso, Kardec relacionou também as “grandes preocupações” como sendo fatores de risco para o desenvolvimento da loucura naqueles que possuem uma certa predisposição orgânica. Oportunamente, ele colocaria outra causa para a loucura: a obsessão.

Desde que a psiquiatria surgiu como especialidade médica, na primeira década do século XIX, os médicos têm avaliado de diferentes maneiras os transtornos mentais. Jeffrey A. Lieberman, ex-presidente da Associação Americana de Psiquiatria, examinou o tema com muita propriedade, em sua obra *Psiquiatria: Uma história não contada*. O Dr. Lieberman estabelece, didaticamente, quatro fases ou ondas, com características particulares cada uma delas. Em duas dessas ondas prevalece a visão biológica dos transtornos mentais; nas outras duas, a visão psicodinâmica. As concepções biológicas da doença mental sustentam que os transtornos surgem de rupturas dos processos fisiológicos do cérebro. Para a psiquiatria psicodinâmica, a mente é mais importante que o cérebro e a psicologia é mais relevante que a biologia.

No livro *Personalidades enfermas*¹ apresentamos uma síntese do pensamento do Dr. Lieberman, reproduzida a seguir:

Primeira onda

Desde os tempos antigos, os médicos sabiam que o cérebro era o centro do pensamento e do sentimento. Qualquer estudante de medicina sabia que se a matéria cinzenta que recheia o crânio recebesse um golpe violento — como acontecia com frequência nas batalhas — a pessoa podia ficar cega, falar coisas estranhas ou simplesmente adormecer por muito tempo. Porém, no século XIX, a medicina praticada nas universidades começou a combinar a observação cuidadosa do comportamento anormal dos pacientes com dissecações apuradas efetuadas durante a autópsia de seus corpos. Examinando, com o auxílio

¹ CHAVES, C.; MATOS, E.; BAESSO, R. Personalidades Enfermas.

dos microscópios, partes e tecidos do cérebro de pacientes mortos, os médicos descobriram, surpresos, que parecia haver duas categorias distintas de distúrbios mentais.

Na primeira categoria estavam os casos em que havia um dano visível do cérebro, como um tumor, uma infecção, ou manchas avermelhadas decorrentes de batidas. No entanto, quando analisavam o cérebro de certos pacientes que sofriam de alguma alienação quando vivos, não conseguiam detectar qualquer anormalidade física. Esses casos misteriosos compunham uma categoria a parte, as psicoses, manias, fobias, melancolia e histeria. A descoberta de que alguns distúrbios mentais tinham uma base biológica identificável, enquanto outros não, levou à criação de duas especialidades distintas. Os médicos que se especializavam exclusivamente em distúrbios com um caráter neural observável passaram a ser conhecidos como *neurologistas*. Aqueles que lidavam com distúrbios invisíveis da mente passaram a ser conhecidos como *psiquiatras*. Assim, a psiquiatria surgiu como uma especialidade médica que assumiu como ramo do conhecimento um conjunto de doenças que, por sua própria definição, não possuíam uma causa identificável. Adequadamente, o termo *psiquiatria* — cunhado pelo médico alemão Johann Christian Reil em 1808 — significa literalmente *tratamento médico da alma*.

Segunda onda

Por volta de meados do século XIX, uma nova geração de psiquiatras tentou superar corajosamente o fosso cada vez maior entre a psiquiatria e a neurologia. Essa segunda onda foi uma onda biológica, que se baseava na convicção de que a doença mental podia ser atribuída a anomalias físicas e identificáveis do cérebro. O movimento foi liderado por um psiquiatra alemão chamado Wilhelm Griesinger, que declarou, confiante, que *todas as concepções poéticas e ideais de insanidade têm um valor extremamente insignificante*. Ele acreditava que as causas das doenças mentais estavam no cérebro e era preciso procurá-las.

Em 1867, no primeiro número de seu novo periódico — *Arquivos de psiquiatria e doenças dos nervos* — Griesinger proclamou: *A psiquiatria passou por uma transformação em seu relacionamento com o restante da medicina. Essa transformação se baseia principalmente na percepção de que pacientes com as assim chamadas doenças mentais são, na verdade, indivíduos com doenças dos nervos e do cérebro.*

Essa declaração de princípios da psiquiatria biológica inspirou um novo contingente de pioneiros que acreditavam que a chave para a doença mental não estava numa alma etérea, nem em campos magnéticos imperceptíveis, e sim no interior das dobras macias e úmidas do cérebro. As pesquisas realizadas pela primeira geração de psiquiatras biológicos malograram, pois não conseguiram encontrar evidências físicas que as comprovassem. A ciência da época não possuía os recursos para tal empreitada.

Vale a pena lembrar que foi neste contexto científico que Allan Kardec escreveu suas obras.

Terceira onda

No final do século XIX, o pêndulo conceitual começou a oscilar de novo. Os psiquiatras ficaram decepcionados com as tentativas infrutíferas dos colegas de orientação biológica. Um médico famoso descartou a psiquiatria biológica como “mitologia cerebral” e outro a rotulou de “anatomia especulativa”.

Surge, então, Sigmund Freud com a psicanálise e sua hipótese mais famosa: a de que nossas mentes contêm uma forma oculta de conhecimento que é inacessível à nossa consciência desperta, o *inconsciente*.

Neurose foi o termo abrangente usado por Freud para designar boa parte dos distúrbios mentais causados por conflitos psíquicos que afetavam as emoções e o comportamento das pessoas, mas não faziam com que elas perdessem contato com a realidade do mundo exterior. No entanto, o termo *neurose* é mais antigo, tendo sido apresentado pela primeira vez em 1769, pelo médico Willian Cullen, para nomear doenças nervosas e distúrbios psicológicos funcionais, ou seja, sem lesão orgânica. A partir de 1895, com Sigmund Freud e o desenvolvimento de sua teoria psicanalítica, a compreensão de neurose, vigente no discurso da época, foi ressignificada.

A neurose se tornaria um dos conceitos fundamentais na teoria psicanalítica, usado para compreender e tratar as doenças mentais até a década de 80 do século XX. Neste período, uma revisão inovadora do sistema diagnóstico da psiquiatria suprimiu o termo *neurose* do DSM — Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Iniciava-se, assim, a quarta onda, a onda atual, que representa um retorno à segunda onda, com uma psiquiatria predominantemente biológica.

Quarta onda

A quarta onda representa uma psiquiatria predominantemente biológica, onde procura-se relacionar ao cérebro a maioria dos transtornos mentais. Esta perspectiva voltou a ganhar força, em especial pela ação do governo norte-americano, que definiu o período de 1990 a 2000 como a década do cérebro. Isto permitiu um investimento financeiro notável nas pesquisas sobre o binômio cérebro/mente. A neurociência surge nesse período, apresentando um amplo campo de pesquisas altamente sofisticadas em torno do comportamento humano e das doenças mentais. Para compreender a importância da neurociência, é preciso lembrar que ninguém jamais havia demonstrado que os conflitos inconscientes realmente fossem a causa da doença mental. A teoria freudiana nunca fora comprovada experimentalmente; portanto, neurose não era um diagnóstico científico. Os transtornos mentais precisavam ser estudados empiricamente.

Embora a quarta onda esteja fortemente centrada nos mecanismos fisiológicos do cérebro, ela não é exclusivamente biológica. Lieberman, e outros autores, reconhecem haver muito mais do que um cérebro enfermo nos transtornos psicológicos. Por esse motivo, o modelo biopsicossocial contempla outros elementos, além do biológico.

O modelo biopsicossocial

De que forma os psicólogos e psiquiatras entendem, hoje, os transtornos mentais? Quais as suas causas? Por que se manifestam em algumas pessoas e não em outras? Os estudiosos não concordam completamente quanto às causas da maioria das patologias. No entanto, existe a concordância de que alguns fatores desempenham um papel importante.

Esses fatores, em seu conjunto, constituem-se em um modelo explicativo: o Modelo biopsicossocial.

Nesse modelo, um indivíduo pode ter uma vulnerabilidade pessoal. Essa vulnerabilidade pode ser biológica, como uma predisposição genética, ou pode ser ambiental, como um trauma na infância. Essas predisposições podem não ser suficientes para desencadear um transtorno, mas a adição de circunstâncias estressantes pode desequilibrar a balança. Situações em que o nível de estresse excede a capacidade de enfrentamento podem desencadear um transtorno mental. Segundo essa

perspectiva, uma história familiar de psicopatologia sugere predisposição em vez de destino.

MAGNETISMO

A Física admite dois tipos de forças. As forças de contato e as forças de campo. As forças de contato se dão quando um corpo atua em contato com o outro, acelerando esse corpo, por exemplo. Nas forças de campo, a influência que um corpo exerce sobre o outro se verifica à distância, sem contato, entre eles. Exemplos de forças de campo: campo gravitacional e campo eletromagnético.

Magnetismo, portanto, é conceituado em nossos dias, como o conjunto de fenômenos que se relacionam com a atração ou repulsão que ocorre entre materiais que apresentam propriedades magnéticas.

Ao se referir ao magnetismo, Kardec está se referindo a forças que levam um corpo a atuar sobre o outro à distância, sem contato entre eles. Isso se dá no passe magnético. Fluidos do passista são transferidos para o paciente, sem que aja contato entre eles.

Importante esclarecer também que *Magnetismo Animal* ou *Mesmerismo* foi o nome dado pelo médico alemão Franz Mesmer, no século XVIII, ao que ele acreditava ser uma força natural invisível possuída por todos os seres vivos. Ele acreditava que tal força poderia ter efeitos físicos, incluindo propriedades de cura. O Magnetismo animal não se extinguiu com a morte de Mesmer, em 1815. Vários e importantes seguidores de Mesmer, se notabilizaram no século XIX, e várias sociedades se formaram. Kardec pertencia a uma dessas sociedades.

A respeito do tema, Kardec assim se manifesta no livro *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*:

Magnetismo animal – do grego magnes, ímã. Assim chamado por analogia como o magnetismo mineral. Demonstrou a experiência que não existe tal analogia ou que é apenas aparente. Assim, a denominação não é exata. Como, porém, foi consagrada pelo emprego universal, e como, por outro lado, o epíteto que é adicionado não permite equívocos, haveria mais inconveniente do que utilidade em substituir a expressão. Algumas pessoas a substituem por mesmerismo. Mas até agora a tentativa não prevaleceu. O magnetismo animal pode assim ser definido: ação recíproca de dois seres vivos por meio de um agente especial chamado fluído magnético.

Magnetista, magnetizador – A primeira palavra é empregada por algumas pessoas para significar os adeptos do magnetismo, os que acreditam nos seus efeitos. O magnetizador é o praticante, aquele que o exercita; o magnetista é o teórico. Pode ser-se magnetista sem ser magnetizador, mas não se pode ser magnetizador sem ser magnetista. Tal distinção nos parece útil e lógica.

MATÉRIA

Matéria, no século XIX, era entendida como tudo aquilo que seria percebido pelos nossos cinco sentidos. Tudo aquilo que pode ver, tocar, ouvir, cheirar ou sentir o gosto é matéria. Kardec, se valendo dos manuais da época, definiu a matéria como o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos, o que é impenetrável.¹

Atualmente, no século XXI, o conceito de matéria passou a ser algo problemático. De fato, a Física chama de matéria aquilo composto por átomos, embora a Física Moderna tenha proposto que matéria e energia seriam intercambiáveis. Uma questão levantada é que os modelos teóricos (matemáticos) consideram que 30% do universo é matéria, mas apenas 4% dessa matéria seria formada por átomos. O restante seria uma matéria cuja natureza é completamente desconhecida, denominada de “matéria escura”. Os outros 70% do Universo seriam compostos de uma suposta “energia escura” (que também carece de maiores explicações). Logo, os modelos atuais da Física só dão conta de explicar 4% de tudo o que existe.

Não é esse o conceito espírita de matéria. Explica Kardec que a matéria existe em estados que ignoramos. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que nenhuma impressão nos cause aos sentidos e que não possa ser detectada por nenhum instrumento ou aparelho. Contudo, é sempre matéria. Para nós, porém, não o seria.

O conceito proposto por Kardec é:

A matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação.²

De um modo mais genérico, tudo o que existe no Universo, subtraindo-se Deus e os Espíritos, é matéria.

Didaticamente, conforme os conceitos espíritas, admite-se três tipos de matéria:

- Fluido universal: matéria primitiva, que dá origem a todas as outras.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 22.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 422a.

- Matéria quintessenciada, ou imponderável, ou semimaterial: matéria da dimensão espiritual, do perispírito, ou que compõe os fluidos espirituais.
- Matéria ponderável: matéria do mundo físico.

MATERIALISMO

O Materialismo é uma corrente filosófica, existente desde a antiguidade, que tem em vista explicar o ser e a sua existência unicamente a partir da matéria.

Uma das principais características do materialismo é a sua busca pela explicação dos fenômenos da realidade a partir de condições estritamente concretas e materiais, donde se pode compreender racionalmente as fontes que geram as dinâmicas sociais, históricas, psicológicas etc.

Com efeito, o materialismo está em via oposta ao espiritualismo, que admite alguma coisa além da matéria (tradicionalmente chamado de alma ou espírito).

Para os materialistas, até mesmo o pensamento seria uma manifestação intrínseca da matéria cerebral, sendo a consciência um fenômeno ou uma função correlacionada aos fatos de origem material. Os materialistas acreditam que a consciência e todos os fenômenos mentais estão restritos ao cérebro e que, por conseguinte, nada restaria após a morte cerebral.

Kardec combateu fortemente o materialismo. Ao examinar de que maneira poderia o Espiritismo contribuir para o progresso, ele colocou:

Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.¹

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 799.

MÉDIUM

O estudo e o exercício da mediunidade continuam sendo importantes objetivos do Espiritismo, geralmente denominado “Espiritismo experimental”. No entanto, podemos dizer que, após mais de 160 anos das primeiras observações de Kardec, e após dezenas de obras publicadas a respeito do tema, as condições relacionadas à mediunidade ainda são, como ele escreveu, *“imperfeitamente conhecidas”*.

Kardec ressalta o caráter físico da mediunidade, anotando que *“esta faculdade depende de uma disposição orgânica especial”* e reafirma o que já havia observado, ou seja, que a mediunidade é *“susceptível de desenvolvimento”* através do exercício.¹ Atualmente, com base na literatura, em pesquisas científicas e na experiência de inúmeros grupos mediúnicos, podemos destacar, entre muitas, três questões:

- Estudos de neuroimagem feitos com médiuns parecem reforçar a hipótese de uma base orgânica para a mediunidade. Esta hipótese leva a outra: a de que há um componente genético associado à mediunidade. E, nesta cadeia de hipóteses, tal componente genético estaria associado a alguma alteração no perispírito daquele que reencarnaria com a faculdade mediúnica mais patente. Neste sentido, a ideia de que a mediunidade independe da condição moral do médium (bem como da idade, do sexo, ou da condição intelectual, como Kardec anota) é reforçada.
- A faculdade mediúnica apresenta características próprias em cada médium, no sentido que determinados fenômenos (físicos ou intelectuais) são mais facilmente produzidos por meio de um médium do que de outro. Esta relativa “especialização”, apontada por Kardec na obra citada, deve ser observada por todos que lidam com experiências mediúnicas.
- O “desenvolvimento” da mediunidade não significa “criar” a faculdade onde ela não exista. Desenvolver pelo exercício está associado ao fato de — através da prática — o médium ter uma consciência crescente da faculdade que possui e de como o fenômeno acontece por seu intermédio. Apoiado por um

¹ KARDEC, A. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.

grupo sério, no qual tenha confiança e sinta seguro, o médium poderá experimentar os estados alterados de consciência, a percepção dos fluidos espirituais e o estabelecimento da sintonia com os espíritos comunicante de forma mais equilibrada e tranquila.

MEDIUNIDADE

Na Introdução de *O livro dos Espíritos*, Kardec apresenta argumentos que apoiam fortemente a autenticidade do fenômeno mediúnic. Considera de valor a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a de um determinado Espírito todas as vezes que ele volta a escrever. Segundo ele seria preciso, pois, que o médium se houvesse exercitado em dar à sua própria caligrafia vinte formas diferentes e, principalmente, que pudesse lembrar-se da que corresponde a tal ou tal Espírito.¹

A esse respeito é digno de nota o trabalho desenvolvido por Carlos Augusto Perandréa, e publicado com o título *Psicografia à luz da grafoscopia*. Perandréa, de tradicional família católica, era professor do Departamento de patologia aplicada, legislação e deontologia da Universidade estadual de Londrina, quando foi “desafiado” por um aluno a provar que mensagem mediúnica pretensamente recebida por Chico Xavier e atribuída a um jovem recentemente desencarnado em Londrina era falsa. Isso através de estudos grafotécnicos, a especialidade de Perandréa, que, até àquela época, havia sido responsável por cerca de 700 laudos técnicos, sem uma única contestação, nos últimos 25 anos.

O professor Perandréa aceitou o desafio, e após cuidadosa análise comparativa entre a mensagem mediúnica e cartas escritas pelo jovem quando encarnado, decidiu pela veracidade do fenômeno. Depois desse caso, dedicou-se a outros, sendo um deles de uma senhora que ditara a mensagem em italiano, língua que Chico Xavier não conhecia. A respeito desse caso, escreveu o pesquisador:

A mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, em 22 de julho de 1978, atribuída a Ilda Mascaro Saullo, contém, em número e em qualidade, consideráveis e irrefutáveis características de gênese gráfica suficientes para revelação e identificação de Ilda Mascaro Saullo como autora da mensagem questionada.²

Outro aspecto ressaltado por Kardec resulta da natureza mesma das respostas que, as mais das vezes, especialmente quando se trata de

¹ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Introdução. Item 5.

² PERANDRÉA, C.A. *Psicografia à luz da grafoscopia*.

questões abstratas e científicas, estão notoriamente fora do campo dos conhecimentos e, em alguns casos, do alcance intelectual do médium, que, além disso, como de ordinário sucede, não tem consciência do que se escreve sob sua influência; que, frequentemente, não entende ou não compreende a questão proposta, pois que esta o pode ser num idioma que ele desconheça, ou mesmo ser formulada mentalmente, podendo a resposta ser dada nesse idioma.

Em certos casos, as respostas revelam tal cunho de sabedoria, de profundidade e de oportunidade; exprimem pensamentos tão elevados, tão sublimes, que não podem emanar senão de uma inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade. Doutras vezes, são tão levianas, tão frívolas, tão triviais, que a razão recusa admitir derivem da mesma fonte. Tal diversidade de linguagem não se pode explicar senão pela diversidade das inteligências que se manifestam.

Na literatura mediúnica de Chico Xavier, algumas obras se destacam pela complexidade com que foram tratados os temas, muito além dos conhecimentos do médium. O livro *Evolução em dois mundos* e o livro *Mecanismos da mediunidade* abordam com indiscutível profundidade assuntos de biologia e de física, respectivamente. O médium, com formação escolar primária, reconheceu sua absoluta incapacidade em compreender o que o autor espiritual ditou por seu intermédio.

No livro *Literatura de além-túmulo*, o filósofo italiano Ernesto Bozzano faz um estudo de seis obras literárias de origem mediúnica, com o objetivo de demonstrar, através da criteriosa avaliação desse grupo de fenômenos, a sobrevivência do ser espiritual após a morte do corpo físico. Além da reunião e classificação metódica dos fatos observados, o autor registra as reações e analisa as explicações contrárias à Doutrina Espírita, desmantelando-as com a demonstração da inexequibilidade de sua aplicação a cada caso específico.

Na introdução do livro, Bozzano informa que entre as numerosas formas que revestem as manifestações mediúnicas de natureza inteligente, não nos devemos esquecer das que consistem na produção de obras literárias, às vezes bem volumosas, ditadas psicograficamente por entidades que dizem ser espíritos de mortos. Ele esclarece que há necessidade de notar que grande número dessas produções mediúnicas não resiste a uma análise crítica, mesmo a mais superficial, de tal modo é evidente serem apenas o produto de uma elaboração inconsciente do médium que se formaram por sugestão ou autossugestão.

No entanto, prossegue Bozzano, não é menos verdade que, ao lado dos pseudomédiuns, encontram-se médiuns autênticos, por intermédio dos quais se obtêm, às vezes, obras literárias de grande mérito, que levam a uma reflexão séria e não podem ser atribuídas a uma elaboração subconsciente da cultura geral, muito limitada, que se reconhece nos médiuns que, materialmente, as escreveram.

É então necessário deduzir logicamente daí que essas produções provenham de intervenções estranhas aos médiuns, tanto mais se se consideram não somente as provas que se deduzem da forma, estilo, técnica individual da obra literária e também da identificação de escrita, como outras provas não menos importantes. Essas provas consistem, sobretudo, em indicações pessoais ignoradas de todos os assistentes e das quais se verifica, em seguida, a veracidade; em citações não menos verídicas e desconhecidas de todos, com referência a elementos históricos, geográficos, topográficos, filológicos, de natureza complexa e quase sempre rara, enfim, em descrições minuciosas, coloridas e vivas, de meios e costumes referentes a povos bem antigos, circunstâncias que não poderiam ser explicadas de outra forma.

O jornalista Deolindo Amorim, prefaciando a tradução brasileira do livro, comenta que entre vários exemplos, para provar que a literatura do além é real, autêntica, incontestável, o autor introduziu no livro um fato curiosíssimo: uma senhora, que era médium, recebeu, em transe mediúnico, uma obra intitulada *Evangelho Suplementar*. Nesse Evangelho, ditado na presença de pessoas de responsabilidade, inclusive o rev. John Lamond, há conhecimentos de história religiosa, de línguas antigas etc., e a médium não tinha cultura de tais assuntos, segundo apurou o próprio rev. Lamond.

Lembra Deolindo que outro fato de que Bozzano se ocupa, munido de documentos, é o do célebre romance *A Cabana do Pai Tomás*. Muita gente sabe que esse romance, aliás de fundo social, chegou a ser filmado e esteve durante muito tempo em cartaz nos nossos cinemas. Admitiu-se, depois, a possibilidade de haver sido essa obra, de tão grande influência na vida norte-americana, transmitida mediunicamente à sra. Harriet Beecher-Stowe. Cita o trecho em que a escritora Beecher-Stowe confessa francamente: “*Não fui eu quem a escreveu*”. E acrescenta: “*Deus a escreveu. Foi ele quem ma ditou*”.

Tem-se observado no movimento espírita contemporâneo uma tendência ao questionamento e à desvalorização da mediunidade, usando argumentos que já foram discutidos (e às vezes rebatidos) por Kardec. O

teor das críticas se apoia numa ideia deturpada do que é, e para que serve, a mediunidade.

A mediunidade foi tomada pelos espíritas tradicionalmente no sentido de uma “revelação” espiritual – apesar de Kardec apresentar como isso deveria ser entendido. Assim, passou-se (em geral) a se acreditar piamente em alguns livros (e a se condenar peremptoriamente outros). Isso é um erro.

Por outro lado, uma tendência recente acatou a bandeira de reformar este pensamento (o que é bom) mas está indo ao outro extremo (o que é ruim). Uma obra psicografada deve ser vista simplesmente como uma obra humana, nem mais, nem menos.

O fato de *Evolução em dois mundos* ou *Mecanismos da mediunidade* reproduzir trechos de livros da época em que foram escritos, crítica que vem sendo feita por alguns, é tão natural quanto o fato de que qualquer dissertação ou tese acadêmica fazerem exatamente o mesmo. Se tomamos a autoria destas obras como humana (escrita por humanos desencarnados) e tiramos do imaginário a ideia de “obras-revelação”, tudo se torna mais natural. A implicância com as obras mediúnicas é às vezes tão irritante quanto a crença cega nela. O que precisa ser mudado é a visão que se construiu de “mediunidade”.

Ilustrando ainda o pensamento de Kardec, nos reportamos ao primeiro livro da produção mediúnica de Chico Xavier: *Parnaso de além-túmulo*. Publicado em 6 de julho de 1932, pela Federação Espírita Brasileira, a obra consiste em 259 poemas atribuídos a 56 poetas brasileiros e portugueses.. Muitos literatos da época se manifestaram sobre a qualidade dos textos, uns de forma favorável, e outros de forma cética ou irônica.

Um dos muitos intelectuais a conhecerem o livro foi o famoso cronista Humberto de Campos, que, à época, não soube compreender o real valor da obra. Escritor reconhecido e cronista admirado, publicou, em um dos principais jornais brasileiros daquele tempo, *o Diário Carioca*, críticas neutras, irreverentes e com toques de ironia:

O primeiro pensamento que assalta o leitor, antes de examinar o merecimento literário da obra, é a ideia de que, nem no outro mundo, estará livre dos poetas. [...] A superioridade que esta vida apresenta sobre as outras está, precisamente, no seu caráter transitório. [...] E é esse consolo que não têm os habitantes do Astral, os quais se acham condenados a escutar os maus poetas até a consumação dos séculos.

[...] Por enquanto eu quero apenas pôr de sobreaviso os poetas vivos contra o perigo que a todos nos ameaça com a ideia que tiveram os mortos de voltar a escrever neste mundo em boa hora abandonado por eles. Se eles voltam a nos fazer concorrência com os seus versos perante o público e, sobretudo, perante os editores, dispensando-lhes o pagamento de direitos autorais, que destino terão os vivos que lutam, hoje, com tantas e tão poderosas dificuldades?”³

A retratação viria depois de sua morte. Desencarnado em dezembro de 1934, Humberto transmitiria, ao longo de dois anos, mensagens que seriam compiladas em seu livro de estreia, publicado em 1937: *Crônicas de além-túmulo*, em clara referência e justa homenagem ao *Parnaso de além-túmulo*.

Sobre o Parnaso, o autor espiritual diria, na introdução de seu mencionado primeiro livro: “*sua literatura fascinava o meu pensamento com o magnetismo suave da esperança, mas a fé não conseguia florescer no meu coração triste, sepultado nas experiências difíceis e dolorosas*”.

Nessa mesma obra, ele diria, em carta à sua mãe, àquele tempo encarnada:

A mão que me serve de porta-caneta é a mão cansada de um homem paupérrimo, que trabalhou o dia inteiro buscando o pão amargo e cotidiano dos que lutam e sofrem. [...] O telhado sem forro deixa passar a ventania lamentosa da noite e desse remanso humilde, no qual a pobreza se esconde exausta e desalentada, eu te escrevo sem insônias e sem fadigas, para contar-te que ainda estou vivendo para amar e querer a mais nobre das mães.⁴

Na 2ª edição do clássico de Chico Xavier, publicada em 1935, o Espírito Humberto de Campos escreveria uma introdução que passaria a compor a obra:

Nas minhas atuais condições de vida, tenho de destoar da opinião que já expendi nas contingências da carne. [...] ‘Parnaso de além-túmulo’ sairá de novo, como a mensagem harmoniosa dos poetas que amaram e sofreram. [...] Todos aí estão, dentro

³ CAMPOS, H. Diário Carioca, 10 de julho de 1932, p. 1 e 4.

⁴ CAMPOS, H. Crônicas de além-túmulo. Capítulo 34.

das suas características. Os mortos falam e a Humanidade está ansiosa, aguardando a sua palavra.”

Alexandre Caroli Rocha, formado em Letras pela UNICAMP, defendeu em 2001, junto ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP), dissertação de mestrado intitulada *“A Poesia Transcendente de Parnaso de Além-Túmulo”*. No estudo o autor procura levantar questões como a autoria, o pastiche, o estilo, os limites do literário, analisando três poetas portugueses, João de Deus, Antero de Quental e Guerra Junqueiro, e dois brasileiros, Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos, procurando conhecer que pontos em comum existem entre poemas de Parnaso e a obra de autores a quem são atribuídos. Segundo Alexandre, *“os resultados desses cotejos sugerem que os poemas de Parnaso não seriam o produto de uma simples imitação literária”*.

Segundo Alexandre, seu estudo não teve o escopo de provar que o autor era um morto, mas analisar a relação indireta entre autor e texto. Destacou, entretanto, que os poemas atribuídos a Guerra Junqueiro foram elaborados, no mínimo, por um *“especialista com grande domínio deste autor”*.

Questionado sobre que mudanças podem ser avaliadas no estilo e conteúdo dos autores contidos na obra, nos diferentes estágios da produção literária, Alexandre fez questão de destacar a interferência do médium (que não é um lápis) e que o processo da morte parece interferir e dar novos significados para os autores espirituais, o que deve ser considerado em qualquer análise da literatura mediúnica. Avalia que para entender o livro espírita é preciso estudar o espaço cultural do qual o livro faz parte, na medida em que o espiritismo se apropria da literatura laica, mas constitui um sistema literário próprio.

MESAS GIRANTES

O fenômeno das mesas girantes foi um fenômeno que se propagou rapidamente na Europa e em outras partes do mundo, no qual as mesas giravam com os participantes sentados ao redor. Os interessados no fenômeno colocavam as mãos sobre as mesas e esperavam que elas se movimentassem. As mesas girantes não se limitavam a levantar sobre um pé para responder perguntas, mas se moviam em todos os sentidos, giravam sob a mão dos pesquisadores e, às vezes, elevavam-se no ar.

Nos anos de 1853 a 1855 constituíram verdadeiro passatempo, sendo quase diversão obrigatória nas reuniões sociais.

Zêus Wantuil esclarece que em 1852 professores da Universidade de Harvard, depois de várias experiências realizadas com o mais escrupuloso cuidado, publicaram um manifesto célebre apoiando a autenticidade dos movimentos e elevação da mesa, sem que para isso existisse a interferência de qualquer agente físico conhecido. Viram-se, em verdade, obrigados a reconhecer que ali havia a manifestação constante de uma força inteligente, que parecia ser independente das pessoas vivas.¹

Kardec teve seu primeiro contato com os fenômenos espíritos em maio de 1855, através das “mesas girantes”, mas antes disso, outras pessoas, na França, dedicavam-se ao fenômeno. O célebre escritor francês Victor Hugo foi um deles. O contato de Victor Hugo com o Espiritismo aconteceu em seu exílio em Jersey, no canal da Mancha, no ano de 1853. Lá Victor Hugo acompanhava as manifestações espíritos através das mesas girantes em reuniões realizadas por Madame Émile de Girardin. Foram nessas sessões que ele recebeu informações sobre sua filha Lèolpoldine, desencarnada em um naufrágio no rio Sena, em 1843.

Kardec refere-se a um fervoroso adepto da doutrina que desde 1849 ocupava-se com a evocação dos Espíritos. O pesquisador Carlos Seth acredita que Kardec se refira ao farmacêutico P.F. Mathieu, que, nas suas experiências com a médium Srt.^a Huet se utilizara da prancheta deste 1854. Outros magnetizadores e médiuns mantiveram contato com os Espíritos, antes de Kardec, como o Sr. Roustan e a médium Srt.^a Japhet e o Sr. Dufaux e sua filha Ermance, que, posteriormente, colaboraram com Kardec.

¹ WANTUIL, Z. As Mesas Girantes e o Espiritismo. Capítulo 2.

São anotados registros históricos de fenômenos semelhantes no passado. Realmente, esse tipo de comunicação com o invisível não era absolutamente inédito. O grande teólogo e doutor da Igreja, Tertuliano (160 – 230) é tido como o primeiro a empregar as comunicações com o mundo dos Espíritos, através da mesa girante.

O historiador latino do século IV Ammianus Marcellinus (330 – 400) menciona em seus escritos uma modalidade de comunicação por meio de uma mesa sobre o qual havia gravado um alfabeto. Um anel dependurado por um fio era conduzido suspenso sobre o alfabeto. Nas suas oscilações, as letras de uma determinada palavra iam sendo apontadas uma a uma. Esse curioso instrumento chamava-se *mesa divinatória*.²

² FODOR, N. Enciclopaedia of Psychici Science.

METEMPSICOSE

Metempsicose, um conceito abrangente, refere-se à ideia de que a alma pode migrar de um corpo para outro. Seria a transmigração da alma de um corpo para outro, vivo ou não vivo. Essa crença vai além da simples reencarnação humana, abrangendo a possibilidade de uma alma humana habitar corpos animais, vegetais ou até minerais. Essa noção era amplamente difundida na Pré-História e na Antiguidade, encontrando expressão em diversas culturas, como a egípcia, grega, romana, chinesa e indiana, dentre outras.

Kardec refutou fortemente essa crença:

Poderia encarnar num animal o Espírito que animou o corpo de um homem? –“Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente”¹.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 612.

MISONEÍSMO

O misoneísmo (aversão ou desconfiança em relação a mudanças; hostilidade para com novidades) é uma condição que retarda, às vezes, por longo tempo, o progresso da humanidade, e faz com que homens ilustres sejam ridicularizados, por comentários despropositados e neofóbicos. Na Introdução de *O livro dos Espíritos*, Kardec cita Benjamin Franklin (1706-1790) e Robert Fulton (1765-1815), ridicularizados por seus pares, por proporem algo inovador: os para-raios e o navio a vapor, respectivamente.¹

Muitos outros homens geniais foram vitimados pelo escárnio alheio por apresentarem ideias que revolucionariam a humanidade. Louis Pasteur foi um deles. Em 1860, o cientista e químico divulga seu estudo e desenvolvimento da Teoria dos Germes, mas a Academia Francesa não lhe dá ouvidos. Dez anos depois, Pasteur imuniza as ovelhas de uma pequena cidade contra o vírus Antraz, mas novamente seu trabalho é desmoralizado. Somente quando os russos percebem a genialidade das descobertas do cientista é que os franceses passam a valorizá-lo.

Modernamente, em 1982, quando Daniel Shechtman, então um mero professor-assistente, apresentou suas descobertas sobre arranjos inesperados na estrutura da matéria, o resultado não poderia ter sido mais catastrófico. Outros pesquisadores o acusaram de ter cometido um erro imbecil. Um colega lhe deu um livro didático dizendo que ele precisava lembrar os princípios básicos da Física. Por fim, ele acabou expulso de seu grupo de pesquisas. Vinte e nove anos depois, a mesma descoberta deu ao israelense o Prêmio Nobel de Química, pela descoberta dos quase-cristais.

Kardec adverte gravemente:

Quando surge um fato novo, que não guarda relação com nenhuma ciência conhecida, o cientista, para estudá-lo, tem que abstrair da sua ciência e dizer a si mesmo que o que se lhe oferece constitui um estudo novo, impossível de ser feito com ideias preconcebidas. O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro.²

¹ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Introdução. Item 7.

² KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Introdução. Item 7.

MISSÃO

Os dicionários definem *missão* como um encargo, uma incumbência, um propósito, uma função específica que se confere a alguém para fazer algo; é um compromisso, um dever, uma obrigação a executar. Parece ser esse o significado do termo no vocabulário kardequiano, com um detalhe importante: toda missão, do ponto de vista espírita, tem um objetivo nobre, elevado, fundado no bem, no justo e na verdade. Kardec afirmou que: “*As missões dos Espíritos têm sempre por objeto o bem*”.¹

Essa proposição é ainda mais clara na seguinte questão:

Os Espíritos que ao mal procuram induzir-nos, e que põem assim em prova a nossa firmeza no bem, procedem desse modo cumprindo missão? E, se assim é, cabe-lhes alguma responsabilidade?

- “A nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal. Aquele que o faz age por conta própria, sujeitando-se, portanto, às consequências. Pode Deus permitir-lhe que assim proceda, para vos experimentar; nunca, porém, lhe determina tal procedimento. Compete-vos, pois, repeli-lo.”²

Segundo Kardec

Pode dizer-se que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, assim no mundo físico, como no moral. O Espírito se adianta conforme à maneira por que desempenha a sua tarefa.³

Alguns exemplos de missões:

- Desenvolver a inteligência e a utilizar para o bem de todos.⁴
- Valer-se da mediunidade para dar a conhecer aos homens a verdade.⁵

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 569.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 470.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 569

⁴ KARDEC, A. O evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 7.

⁵ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Parte 2. Capítulo 17.

- Instruir os homens; lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais.⁶
- Dirigir os filhos pela senda do bem.⁷
- Combater as más inclinações uns dos outros, a fim de ajudá-los a subir.⁸

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 573.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 581.

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 280.

MORAL

O termo *moral* foi usado por Kardec com dois sentidos diferentes, e é importante atentar-se sempre para isso:

- *mental* ou *psíquico*: Kardec pouco se vale dos termos *psíquico* e *mental*, de uso menos comum naquela época do que atualmente. Exemplo: “Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico”¹
- regras de conduta, bons costumes, virtudes éticas. Exemplo: “Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca.”²

Assim, sempre que este termo aparecer no texto, é preciso considerar em que contexto ele está sendo usado para entender o ser sentido. Não observamos o termo *ética* nos textos kardequianos.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução. Item 6.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução. Item 6.

MORTE

Para Kardec, a morte consiste na destruição do corpo físico. Deve ser diferenciada do desligamento ou desprendimento espiritual temporário. A morte implica no afastamento definitivo do Espírito do corpo em que se encontrava ligado.

No Vocabulário Espírita,¹ Kardec coloca o seguinte:

Morte – aniquilamento das forças vitais do corpo pelo esgotamento dos órgãos. Ficando o corpo privado do princípio da vida orgânica, a alma se desprende dela e entra no mundo dos Espíritos.

O termo *desencarnação* foi utilizado poucas vezes por Kardec. Em *O livro dos Espíritos* aparece uma única vez na tradução de Guillon Ribeiro, como também uma única vez na tradução de Herculano Pires. No pensamento seguinte, Kardec considera desencarnação como sinônimo de morte:

Parece, pois, lógico admitir que a expiação propriamente dita, e no sentido absoluto do vocábulo, ocorre na vida espiritual, após a desencarnação, ou morte corpórea.²

Segundo a filosofia espírita, a morte não é o fim da vida e nem se opõe à vida, mas sim um evento que se opõe ao nascimento. Nascimento e morte estão interconectados e formam parte de um propósito maior. De acordo com essa perspectiva, o nascimento e a morte são partes essenciais do ciclo da vida. O nascimento marca o início de uma existência individual, enquanto a morte representa o término dessa existência. No entanto, essa visão enfatiza que o fim da vida não é um fim total, mas sim uma transição para um estado diferente ou uma continuação de alguma forma.

Essa abordagem filosófica pode ser encontrada em várias tradições de pensamento e crenças religiosas ao redor do mundo. Por exemplo, em algumas religiões orientais, como o budismo e o hinduísmo,

¹ KARDEC, A. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.

² KARDEC, A. Revista Espírita. Setembro de 1863.

o conceito de reencarnação sugere que a morte não é o fim, mas sim uma passagem para uma nova vida.

Portanto, morrer é o oposto de nascer, não o oposto de viver. Nascer e morrer são eventos instantâneos, que marcam o início e o fim de um processo denominado vida. Se considerarmos a vida terrena como um palco de provas e expiações, então a morte é, em verdade, a libertação.

MUNDO ESPIRITUAL

Tudo indica que as informações sobre a realidade do mundo extra físico vêm sendo apresentadas à humanidade paulatinamente, sem atropelos que possam gerar pânico ou estranhamentos exagerados, que levem à rejeição da informação.

Em relação ao modo de vida dos Espíritos na dimensão espiritual, as entidades que assessoraram Kardec foram bastante econômicas e cautelosas, quase nada dizendo a esse respeito. Kardec chegou a refutar a existência de “cidades” no além.¹

Informações espirituais posteriores muito acrescentaram a esse respeito. A obra *Raymond*, de 1916, de Oliver Lodge, trouxe algumas informações. Lodge, físico inglês de renome, foi um dos pioneiros da telegrafia sem fio e do rádio. O cientista também foi um grande defensor da existência da vida após a morte sendo lembrado pelos seus estudos sobre o tema. Após a morte de seu filho, Raymond, em 1915, na Primeira Guerra Mundial, Oliver Lodge visitou vários médiuns, tendo recebido várias mensagens do filho, que foram publicadas na obra "*Raymond, or Life and Death*" (1916), que se tornou um *best-seller* à época. Nessa obra há referências, dentre outras coisas, a casas construídas de tijolos, árvores, lama que suja a roupa e alimentos para os Espíritos com fome.

Nove anos depois, na América do Norte, outra obra de sucesso, também fez revelações sobre a vida na dimensão espiritual. Trata-se do livro *A vida além do véu*, de 1925, publicada pelo reverendo George Vale Owen, sacerdote anglicano, que se destacou como médium na década de 1920. O livro reúne mensagens da mãezinha desencarnada do pastor e faz referência a jardins, prédios e florestas.

E, finalmente, a partir de 1943, Chico Xavier passou a receber os reveladores livros da individualidade desencarnada que se denominou André Luiz. A obra desse autor, denominada *Coleção Nosso lar*, traz um impressionante volume de informações sobre a vida no além. Depois de André Luiz, outros autores desencarnados, através de diferentes médiuns vêm ratificando e desenvolvendo quase todas as informações previamente fornecidas.

Importante ressaltar aqui que nem todos os espíritas aceitam estas descrições “materiais” do plano espiritual. Alguns julgam ser mistificação,

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 1017.

outros julgam ser interferência do médium, outros julgam ser desconhecimento do próprio Espírito.

NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO

O uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens. Esse direito é consequente da necessidade de viver. Deus não imporá um dever sem dar ao homem o meio de cumpri-lo.¹ Assim, o desejo do bem-estar é natural.

Deus só proíbe o abuso, por ser contrário à conservação. Ele não condena a procura do bem-estar, desde que não seja conseguido à custa de outrem e não venha a diminuir-vos nem as forças físicas, nem as forças morais.²

Deus pôs atrativos no gozo dos bens materiais para instigar o homem ao cumprimento da sua missão e para experimentá-lo por meio da tentação. O objetivo dessa tentação é desenvolver-lhe a razão, que deve preservá-lo dos excessos.³

Se o homem só fosse instigado a usar dos bens terrenos pela utilidade que têm, sua indiferença houvera talvez comprometido a harmonia do Universo. Deus imprimiu a esse uso o atrativo do prazer, porque assim é o homem impelido ao cumprimento dos desígnios providenciais. Além disso, porém, dando àquele uso esse atrativo, quis Deus também experimentar o homem por meio da tentação, que o arrasta para o abuso, de que deve a razão defendê-lo.

Não existe limite absoluto entre o que é necessário e o que é supérfluo para o homem. O progresso criou necessidades para o homem civilizado que o selvagem desconhece. No entanto, pode-se dizer que são essenciais ao homem todos os bens de relevância para a sua sobrevivência, para desfrutar de relativo bem-estar e possa participar da vivência social.⁴

São supérfluos todos os bens que servem a outras finalidades, tais como o luxo e a satisfação do orgulho, assim como os bens que ficam acumulados, improdutivos, e que, muitas vezes, fazem falta a outros homens. Neste sentido, o gosto pelo supérfluo é prejudicial ao homem, que deve buscar estabelecer seus próprios limites entre as suas necessidades reais e fictícias. Para isso ele dispõe de:

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 711.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 719.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 712.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 717.

- Experiência: nossa organização física muitas vezes nos mostra o limite do necessário. Se comemos em demasia, por exemplo, podemos ter problemas digestivos. No entanto, alertam os Espíritos, muitas vezes os vícios modificam nossa organização, criando dependências e necessidades irreais;
- Intuição: que nos chega como lembranças de nossas experiências passadas, muitas vezes de outras existências, e que nos permitem traçar nossos limites;
- Razão: nossa capacidade de compreensão e entendimento das verdadeiras finalidades da vida e das leis que a regem, nos ajudam a discernir o que é ou não supérfluo em nosso atual estado evolutivo.⁵

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 715.

OBSESSÃO

Allan Kardec reconheceu a influência nociva dos Espíritos desencarnados sobre os homens. Esta influência foi denominada obsessão. Segundo ele, *“a obsessão consiste na ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo”*¹

Kardec acreditava que os casos de obsessão são muito frequentes. Ele chegou a afirmar que não há nenhum exagero em dizer que nos hospícios de alienados, mais da metade só têm da loucura a aparência.²

Segundo ele, as causas da obsessão variam, conforme o caráter do Espírito; às vezes, é uma vingança como resposta ao fato de ter sido prejudicado por aquele que hoje se tornou sua vítima. Nesse particular, as queixas do Espírito podem ter origem na vida presente ou em outra existência. Muitas vezes também, segundo Kardec, não há mais do que o desejo de fazer mal: o Espírito, como sofre, deseja fazer que os outros também sofram; encontra uma espécie de gozo em os atormentar.

Outros são guiados por um sentimento de covardia, que os induz a se aproveitarem da fraqueza moral de certos indivíduos, que eles sabem incapazes de lhes resistirem.³ Nesse sentido, a oportunidade pode fazer a obsessão, que, às vezes, pode se dar sem vínculos anteriores entre os envolvidos. Decorrem, nesses casos, de situações particulares que surgiram, levando à ligação psíquica entre eles. Dentre as diversas manifestações dessa ação nefasta, os transtornos mentais se destacam como das mais relevantes. Há Espíritos obsessores, lembra Kardec, cuja ação pode ser perniciosa à razão e à saúde.⁴ Tal ação muitas vezes se limita a simples impressões desagradáveis; porém, há situações em que provoca movimentos desordenados, atos insensatos, gritos, palavras injuriosas ou incoerente.⁵

Kardec reconhecia que a obsessão grave pode levar a loucura.⁶ Dentre as várias manifestações da loucura se destacam os delírios e as alucinações. É possível que o conteúdo dos delírios e alucinações tenham relação com a história de vida da personalidade enferma, relacionando os

¹ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 14.

² KARDEC, A. Revista Espírita. Fevereiro de 1866.

³ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 245.

⁴ KARDEC, A. Revista Espírita. Fevereiro de 1866.

⁵ KARDEC, A. O que é o Espiritismo? Capítulo 2.

⁶ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 254.

pensamentos irrealis de hoje com experiências anteriores na dimensão corpórea ou na dimensão espiritual. Acrescido a isso, como estamos vendo, devemos considerar a influência dos pensamentos dos Espíritos desencarnados vinculados ao indivíduo.

Ilustrando essas ideias, apresentamos, de maneira parafraseada, o caso de Antoine Bell, descrito por Kardec⁷:

Bell era o caixa de uma casa bancária do Canadá e suicidou-se a 28 de fevereiro de 1865. Tratava-se de um homem pacato e chefe de numerosa família. Sem explicação lógica, imaginou ter comprado um tóxico em certa farmácia, servindo-se dele para envenenar alguém. Muitas vezes vinha suplicar ao farmacêutico para lhe dizer a época de tal compra, tomado então de alucinações terríveis. Perdia o sono, lamentava-se, batia no peito. Quando se afigurava convencido da extravagância das suas ideias, exclamava:

– *Não; não; quereis iludir-me... lembro-me... é a verdade...*

A pedido de um amigo, o Espírito que fora Antônio Bell foi evocado, por Kardec, em Paris, a 17 de abril de 1865. Relatou, então, a existência corpórea que precedeu a atual que fora encerrada com o suicídio:

– *Oh! há já bastante tempo que vivia numa cidade banhada pelo Mediterrâneo. Amava, então, uma bela moça que me correspondia; mas, pelo fato de ser pobre, fui repellido pela família. A minha eleita participou-me que desposaria o filho de um negociante cujas transações se estendiam para além de dois mares, e assim fui eu desprezado. Louco de dor, resolvi acabar com a vida, não sem deixar de assassinar o detestado rival, saciando o meu desejo de vingança. Repugnando-me os meios violentos, horrorizava-me a perpetração do crime, porém o meu ciúme a tudo sobrepujou. Na véspera do casamento, morria o meu rival envenenado, pelo meio que me pareceu mais fácil [...] eis como se explicam as reminiscências do passado [...] a esperança se me desabrochou novamente no coração, com o desejo de me aproveitar do crime já cometido. Traíram-me, porém, os remorsos e acabei por expiar, no último suplício, aquele meu desvario: enforquei-me.*

Indagado quanto à causa do suicídio, Bell confessou que fora vítima de terrível obsessão, promovido por alguém que não era outro senão o pai da sua vítima, que facilmente se apoderou dele, fazendo com que ele revivesse no coração, como em mágico espelho, as lembranças do passado.

⁷ KARDEC, A. O céu e o inferno. Parte 2. Capítulo 5.

Muitas lições nos traz a história trágica de Bell. Primeiro, o pensamento cristalizado no crime cometido, apresentando-se sob a forma de delírios: ele havia envenenado alguém. O pensamento era correto, mas não se relacionava a atual encarnação. Segundo, o suicídio perpetrado na existência prévia como fator precipitante para o suicídio atual. Talvez, o obsessor só tenha conseguido o intento de fazer com que ele se matasse porque trazia a marca psíquica disfuncional do suicídio prévio. Terceiro, o ódio do pai do rapaz assassinado, transcendendo uma existência corpórea, para o desforço final em relação ao algoz do filho. E, finalmente, a influência obsessiva como fator predisponente ao suicídio, condição amplamente reconhecida por Kardec.

Kardec teceu muitas considerações quanto a procedimentos que poderiam contribuir na resolução da influência obsessiva, lembrando que as imperfeições morais do obsidiado constituem, frequentemente, um obstáculo à sua libertação. Daí, a necessidade da vítima se esforçar pelo seu melhoramento pessoal, combatendo suas más inclinações e se esclarecendo cada vez mais.⁸

Outros recursos foram enfatizados por Kardec, como a prece, a magnetização dos envolvidos e o esclarecimento das entidades obsedantes. Ele orientava ao enfermo que dirigisse um apelo fervoroso ao seu anjo bom, assim como aos bons Espíritos que lhe são simpáticos, pedindo-lhes assistência.⁹ Ressaltava, igualmente, que lhe poderia ser de grande valor a ação magnética de um bom magnetizador.¹⁰ Essa magnetização poderia ser efetuada presencialmente, através da transfusão de fluidos espirituais, conforme se dá no passe praticado, atualmente, nos centros espíritas, ou mesmo à distância, através do processo que Kardec denominou de magnetização mental.

Sobre esse recurso terapêutico, apresentamos a seguir um caso relatado por Kardec, na *Revista Espírita*, que teve um resultado exitoso:

Contrariada em suas inclinações, uma mocinha se casara com um homem a quem não simpatizava. A mágoa que isso gerou levou-a a um distúrbio mental; dominada por uma ideia fixa, perdeu a razão e viram-se obrigados a interná-la.

⁸ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 252.

⁹ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 249.

¹⁰ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 251.

Como não havia nenhuma obsessão aparente, podia-se duvidar igualmente da eficácia da prece. Um membro da Sociedade Espírita de Paris, amigo da família, julgou dever interrogar um Espírito superior, que respondeu:

– A ideia fixa dessa senhora, por sua própria causa, atrai à sua volta uma multidão de Espíritos maus, que a envolvem com seus fluidos e alimentam suas ideias, impedindo cheguem até ela as boas influências. Os Espíritos dessa natureza abundam sempre em meios semelhantes ao em que ela se encontra e, muitas vezes, constituem obstáculo à cura dos doentes. Contudo podereis curá-la; mas, para tanto, é necessária uma força moral capaz de vencer a resistência. E tal força não é dada a um só. Que cinco ou seis espíritas sinceros se reúnam todos os dias, durante alguns instantes e peçam com fervor a Deus e aos Espíritos bons que a assistam; que a vossa prece fervorosa seja, ao mesmo tempo, uma magnetização mental; para tanto, não tendes necessidade de estar junto a ela; ao contrário: pelo pensamento podeis levar-lhe uma salutar corrente fluídica, cuja força estará na razão de vossa intenção, aumentada pelo número. Por tal meio podereis neutralizar o mau fluido que a envolve. Fazei isto; tende fé e confiança em Deus e esperai.

Seis pessoas se dedicaram a essa obra de caridade e, durante um mês, não faltaram sequer um dia à missão que haviam aceitado. Ao cabo de alguns dias a doente estava sensivelmente mais calma; quinze dias mais tarde a melhora era manifesta; hoje esta mulher voltou para sua casa em estado perfeitamente normal, ignorando ainda, como o seu marido, de onde lhe adveio a cura.¹¹

¹¹ KARDEC, A. Revista Espírita. Julho de 1863.

PAIXÕES

Allan Kardec define paixão como o excesso de um sentimento ou de uma necessidade:

Todas as paixões têm seu princípio num sentimento, ou numa necessidade natural. O princípio das paixões não é, assim, um mal, pois que assenta numa das condições providenciais da nossa existência. A paixão propriamente dita é a exageração de uma necessidade ou de um sentimento. Está no excesso e não na causa e este excesso se torna um mal, quando tem como consequência um mal qualquer.¹

Algumas ideias que podemos extrair do pensamento de Kardec:

- A paixão está sempre no exagero, no excesso de condições naturais em nossa vida, como apreciar algo, gostar de alguém, depender de coisas que são fundamentais à nossa sobrevivência.
- Em si mesma, a paixão não é um mal, mas pode tornar-se um mal quando traz algum tipo de dano (seja material, emocional ou espiritual) para o próprio indivíduo ou para outras pessoas.
- Pode-se admitir boas paixões, que podem levar o homem à realização de grandes coisas, mas uma paixão só será genuinamente boa se apenas produzir o bem. Se o excesso de um sentimento produzir boas coisas de um lado, mas como efeito colateral, coisas más, de outro, não faz sentido considerá-lo como bom em si.
- Didaticamente, as paixões podem estar relacionadas a sentimentos ou *necessidades*.
- Paixões como excesso de sentimentos: a paixão pelo futebol, pelo carteadado, pela política partidária, pela religião, por parceiros, filhos etc.
- Paixões como excesso de necessidades: gula, dependências químicas, sexolatria, vaidade extremada, fixação no poder etc.

Dentre todas as consequências nefastas das paixões se destaca uma: o sequestro da consciência. O apaixonado perde a capacidade de

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 908.

ajuizar logicamente, de avaliar as coisas racionalmente, de pensar com lucidez. Assim, não identifica em si atitudes gravemente equivocadas, óbvias para todo o mundo, mas que o pensamento perturbado, pelo excesso do qual foi vitimado, impede que sejam identificadas.

No combate às más paixões, Kardec sugere:

- Identificação com um grupo de pessoas onde se cultiva a verdade, se preza a justiça e se busca a solidariedade.

Nessas reuniões homogêneas e simpáticas haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que aí recupera as perdas fluídicas perdidas diariamente pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.²

- Oração sincera.

A prece é o orvalho divino que suaviza o calor das paixões.³

- Sintonia com os bons Espíritos.

Pode o homem achar nos Espíritos eficaz assistência para triunfar de suas paixões?

“Se o pedir a Deus e ao seu bom gênio, com sinceridade, os bons Espíritos lhe virão certamente em auxílio, porquanto é essa a missão deles.”⁴

- Estudo permanente da Doutrina Espírita.

[Um rapaz] que se iniciou no Espiritismo há apenas dois meses, captou o seu alcance com tal rapidez que, sem nada ter visto, o aceitou em todas as suas consequências morais [...]; ideias, hauridas num estudo sério do Espiritismo produziram em seu cérebro uma súbita revolução; pareceu-lhe que um véu foi retirado de seus olhos; a vida se lhe apresentou sob outra face.⁵

- Autocontrole, como instrumento da vontade.

² KARDEC, A. Revista Espírita. Dezembro de 1864.

³ KARDEC, A. O evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 27. Item 23.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 910.

⁵ KARDEC, A. Revista Espírita. Julho de 1863.

Compreende a sua natureza espiritual aquele que as procura reprimir [as paixões]. Vencê-las é, para ele, uma vitória do Espírito sobre a matéria.⁶

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 911.

PANTEÍSMO

O panteísmo é a crença de que absolutamente tudo e todos compõem um Deus que a tudo abrange, ou que o Universo (ou a Natureza) e Deus são idênticos. Sendo assim, os adeptos dessa posição, os panteístas, não acreditam num deus pessoal, antropomórfico ou criador. A palavra é derivada do grego *pan* (que significa tudo) e *theos* (que significa deus). Segundo o panteísmo, a individualidade dos seres é apenas aparente, já que, em essência, todas as consciências (encarnadas ou desencarnadas) do Universo estariam unidas de alguma maneira e Deus nada mais seria do que seu somatório.

Embora existam divergências no panteísmo, as ideias principais dizem que Deus é encontrado em todo o cosmos como uma unidade abrangente, portanto é inaceitável no panteísmo o politeísmo (adoração e crença em vários deuses), pois as divindades são tidas como aspectos diferentes do absoluto. Recorrendo ao Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, lemos que o panteísmo só admite como Deus “*o todo, a universalidade dos seres*”.

Kardec rejeitou fortemente o panteísmo:

Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de suprema inteligência, seria em ponto grande o que somos em ponto pequeno. Ora, transformando-se a matéria incessantemente, Deus, se fosse assim, nenhuma estabilidade teria; achar-se-ia sujeito a todas as vicissitudes, mesmo a todas as necessidades da Humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. Não se podem aliar as propriedades da matéria à ideia de Deus, sem que Ele fique rebaixado ante a nossa compreensão e não haverá sutilezas de sofismas que cheguem a resolver o problema da sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que Ele é, mas sabemos o que Ele não pode deixar de ser e o sistema de que tratamos está em contradição com as suas mais essenciais propriedades. Ele confunde o Criador com a criatura, exatamente como o faria quem pretendesse que engenhosa máquina fosse parte integrante do mecânico que a imaginou.

A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor no seu quadro; mas, as obras de Deus não são o próprio

Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.¹

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 16.

PENA DE MORTE

Kardec assumiu uma postura contrária à pena de morte. Segundo ele, a pena de morte desaparecerá incontestavelmente e sua supressão assinalará um progresso da Humanidade. Quando os homens forem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida da Terra.¹ A Lei de Conservação dá ao homem o direito de preservar a sua própria vida; não aplica ele esse direito quando elimina da sociedade um membro perigoso por haver outros meios de se preservar do perigo sem matar.²

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 760.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 761.

PENAS E RECOMPENSAS

Assim como a evolução dos seres orgânicos se verifica segundo um conjunto de leis (lei da gravidade, do eletromagnetismo, da hereditariedade, da seleção natural etc.), também a evolução dos Espíritos se dá segundo leis de diferentes naturezas, desconhecidas da ciência oficial e, paulatinamente, reveladas pela Doutrina Espírita. Kardec denominou esse conjunto de princípios de *Lei natural*, afirmando ser a única necessária à felicidade dos homens e que apenas sofremos quando nos afastamos dela.¹

O progresso se dá pelo cumprimento da Lei natural, que se encontra estabelecida na consciência do homem.² O bem consiste em nos identificarmos com ela, o mal em desconsiderarmos seus princípios. O bem traz consigo o melhoramento do ser e a aquisição de faculdades nobres que nos aproximam de Deus. O mal, ao contrário, provoca a paralisação dessa marcha, o embotamento das forças do Espírito e a inserção em experiências educativas que, muitas vezes, são dolorosas. Há, portanto, uma sanção à infração da Lei Natural.

Em decorrência de uma atitude humana equivocada segue-se, como visto, uma resposta da lei divina, que se dá, a princípio, na consciência do Espírito faltoso. Essa resposta pode ser examinada do ponto de vista *qualitativo e quantitativo*.

Sob o aspecto *qualitativo*, parece ser uma resposta mais ou menos padronizada. O pensamento espírita admite que *cada um é punido naquilo em que pecou*. Esta afirmação indica que, da análise das vicissitudes da vida corpórea, se pode deduzir o gênero da existência anterior. O tipo de sofrimento guarda relação de intimidade com o tipo de ação cometida em existência pretérita:

[...] A natureza dessas vicissitudes e das provas que sofremos também nos podem esclarecer acerca do que fomos e do que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos dos atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei. Assim, o orgulhoso será castigado no seu orgulho, mediante a humilhação de uma existência subalterna; o mau rico, o avarento, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 614.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 621.

crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado etc.³

Em outra obra, Kardec é mais explícito, ao afirmar:

[...] pela natureza dos sofrimentos da vida corpórea pode julgar-se a natureza das faltas cometidas em anteriores existências.⁴

Examinando a Lei de Causa e Efeito agora sob o aspecto *quantitativo*, é natural indagar-se: havendo Espíritos de diversos graus, o bem e o mal seriam os mesmos para todos eles? Kardec preocupou-se com essa questão e perguntou aos Espíritos se são absolutos, para todos os homens, o bem e o mal. A essa indagação, seguiu-se a resposta:

A lei de Deus é a mesma para todos; porém, o mal depende principalmente da vontade que se tenha de praticá-lo. O bem é sempre o bem e o mal sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem. Diferença só há quanto ao grau da responsabilidade.⁵

No item seguinte, Kardec insiste no tema, perguntando se o selvagem que, cedendo ao seu instinto, se nutre de carne humana é culpado? Na resposta, os Benfeitores reafirmam o que disseram: “[...] *tanto mais culpado é o homem, quanto melhor sabe o que faz.*”⁶

Diante do pensamento dos Benfeitores, Kardec comenta:

As circunstâncias dão relativa gravidade ao bem e ao mal. Muitas vezes, comete o homem faltas que, nem por serem consequência da posição em que a sociedade o colocou se tornam menos repreensíveis. Mas, a sua responsabilidade é proporcionada aos meios de que ele dispõe para compreender o bem e o mal. Assim, mais culpado é, aos olhos de Deus, o homem instruído que pratica uma simples injustiça, do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos.⁷

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 399.

⁴ KARDEC, A. O céu e o inferno. Parte 1. Capítulo 7.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 636.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 637.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 637.

Avançando nessa reflexão, Kardec quis saber se os sacrifícios humanos praticados com piedosa intenção, algum dia foram agradáveis a Deus? E a resposta:

Não, nunca. Deus, porém, julga pela intenção.⁸

Pode-se concluir, portanto, que do ponto de vista quantitativo erros equivalentes nem sempre receberão da lei uma resposta de igual intensidade. Vários fatores se relacionam a uma atitude equivocada, sob o aspecto da culpabilidade, atenuantes uns, agravantes outros.

Examinemos a seguinte situação: uma jovem, inserida em um bolsão de pobreza, em uma região pobre do país, criada sem o apoio dos pais, sem escolaridade e sem religião, engravidada do namorado. O rapaz ameaça abandoná-la se não retirar o bebê e ela, então, opta pelo aborto criminoso. Admitamos, simbolicamente, que ela adquira uma falta perante a sua consciência: *X pontos*. Esse equívoco moral deverá ser reparado um dia (pela dor ou pelo amor) por imposição da própria consciência. Prosseguindo em nossa reflexão, nos identificamos agora, com outra jovem, educada por pais amorosos, de boa condição socioeconômica, escolarizada e com formação religiosa, que engravidada do namorado. O jovem amorosamente sinaliza que a auxiliará na educação do rebento. Mesmo assim, ela decide pelo aborto criminoso. Seu erro foi o mesmo erro da jovem anterior, mas a culpabilidade não será a mesma, digamos *XXX pontos*. Mais custosa será a reparação da falta.

A própria definição de *ato moral*, objeto de estudo da Ética Filosófica, relaciona a atitude em si mesma com as suas motivações e com a intenção de fazê-la. Os *atos morais* são atos humanos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto. O ato moral se apresenta como uma totalidade de elementos: motivo, intenção ou fim, decisão pessoal, emprego de meios adequados, resultados e consequências. Sendo, então, um ato consequential livre, ele só pode ser considerado como tal, e passível de punição, se for cometido *livremente* por alguém *consciente* do que está fazendo. Ato cometido sob absoluta pressão, que não deixa ao agente a possibilidade de não fazê-lo, não é considerado passível de responsabilidade. Os Benfeitores espirituais não consideraram como suicídio a atitude de mulheres que, em certos países, se queimam sobre os

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 670.

corpos dos maridos mortos atendendo a um impositivo da lei. Tem-se aí uma atitude não livre, portanto não passível de punição. De forma equivalente, a um agente que não sabe o que está fazendo ou é incapaz de medir as possíveis consequências de sua atitude, não pode ser imputada culpabilidade. “*O louco que se mata não sabe o que faz*”, registrou Kardec⁹, pois sem consciência do ato, não se pode pensar em culpabilidade.

O *livro dos Espíritos* estabelece, então, que a lei natural culpabiliza os erros humanos segundo dois parâmetros: a *intenção* e o grau de *conhecimento* que se tenha em relação ao cometido.¹⁰

Do ponto de vista da intenção, vê-se que, muitas vezes, erros de consequências danosas são cometidos por pessoas bem intencionadas (o que obviamente atenua sua responsabilidade). Por outro lado, o desejo do mal, às vezes, não se concretiza apenas por falta de oportunidade, o que não deixa de ser um erro. A ignorância pode atenuar uma falta. No entanto, o desconhecimento nem sempre pode desculpar a falta por completo, pois a ausência de conhecimento, em muitas ocasiões, se dá por descaso ou indolência. Não se pode desculpar aquele que alega não conhecer o erro, quando a possibilidade de conhecê-lo encontrava-se à sua mão. Como regra geral, a culpabilidade diante de uma falta é diretamente proporcional ao progresso intelectual amealhado, pois este lhe dá a verdadeira medida do que foi feito e das possíveis consequências do ato praticado.

Em resumo: a atitude equivocada *lesa* a mente, e a partir daí se desencadeia a resposta imposta pela lei natural. Podemos então aventar a hipótese de que a energia psíquica gerada pelo ato criminoso terá um poder lesivo diferente, relacionado ao contexto em que foi perpetrado e proporcional aos dois fatores previamente citados: intenção e conhecimento.

Vejamos a seguinte metáfora: em uma parede são desferidos tiros com armas de calibres distintos. Todos os tiros estarão danificando a parede, mas o grau de dano será proporcional à energia de impacto decorrente do tamanho da bala e da potência da arma. Uma espingarda de “chumbinho” talvez apenas danifique a pintura, mas um tiro de canhão vai destruí-la por completo. Acreditamos que o mesmo se dê com os atos humanos. Atitudes criminosas cometidas por indivíduos em fase primária da evolução humana serão como tiros de “chumbinho”. As mesmas

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 944a.

¹⁰ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 954.

atitudes cometidas por indivíduos em condição evolutiva superior serão como tiros de canhão.

PERCEPÇÕES E SENSações DOS ESPÍRITOS

Kardec discute as percepções e sensações dos Espíritos em vários contextos.

Percepções

Informa Allan Kardec que o Espírito, uma vez no mundo extrafísico, além de manter as percepções que tinha na vida física, adquire outras mais sutis. Estas percepções são mais aprimoradas, pois o Espírito já não está subjugado por um corpo pesado, denso, material e limitado pelos órgãos dos sentidos, que só conseguem captar uma faixa muito estreita de frequências.

Certamente, essas percepções dependem intimamente do progresso ameadado; há Espíritos que nada percebem além do que percebiam enquanto na dimensão física.

Vejam algumas observações de Kardec:

- Tempo: muitos Espíritos vivem fora do tempo, tal como o compreendemos. Os Espíritos superiores, pelo fato de se encontrarem profundamente desmaterializados, colocam-se acima das noções habituais do tempo. Os Espíritos inferiores, podem também não compreender a duração como nós, em função de seu estado consciencial, ou de cristalização em pessoas, lugares e emoções. No entanto, as entidades mais esclarecidas, vinculadas diretamente à Terra, podem manter-se orientadas em relações ao nosso horário, com perfeita compreensão da duração das coisas e do tempo.¹
- Conhecimento do passado e do futuro: será com relação ao conhecimento do passado e do futuro que o grau de desmaterialização do Espírito terá uma maior influência. Os Espíritos superiores conhecem intimamente o seu passado, e têm, muitas vezes, uma antevisão do futuro a partir da análise do presente. Será sempre uma antevisão relativa, de um futuro provável, pois os acontecimentos podem, em alguma medida,

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 240.

estar condicionados ao livre-arbítrio das pessoas. Os Espíritos inferiores nada sabem a respeito de fatos passados e futuros.²

- Visão: a visão dos Espíritos não é circunscrita como nos seres corpóreos, mas é uma faculdade geral. Muitos Espíritos veem pela luz própria, sem necessidade de luz exterior, mas isto, como tudo, depende também de sua condição evolutiva.³
- Sons: os Espíritos percebem os sons, até mesmo os que os nossos sentidos às vezes não conseguem perceber.⁴
- Música: a música tem para os Espíritos encantos infinitos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas. Os Espíritos pouco evoluídos podem sentir um certo prazer ao ouvir a nossa música, porque não estão ainda capazes de compreender outra mais sublime, no entanto, almas mais purificadas, buscam melodias mais belas e mais suaves.⁵
- Belezas Naturais: os Espíritos são sensíveis a elas, segundo as suas aptidões para compreendê-las e apreciá-las.⁶

Sensações

Praticamente todas as sensações humanas foram reportadas a Kardec pelos Espíritos comunicantes. À margem das angústias morais, (remorso, ódio) ou das perturbações emocionais (medo, ansiedade), que torturam muito mais que os sofrimentos físicos, observam-se nos relatos das entidades desencarnadas o registro de sensações como frio, calor, fome, sede, cansaço, e mesmo dores que lembram as dores físicas.

Afirma Kardec que o perispírito é o agente das sensações externas nas entidades extrafísicas. No corpo, enquanto na matéria densa, estas sensações estão localizadas nos órgãos. Destruído o corpo, será o perispírito o responsável pelo registro de todas as sensações externas. Sendo o corpo espiritual formado de matéria extremamente sutil, não sofre influência direta de elementos materiais, como chuva, fogo etc., no entanto, muitos Espíritos queixam-se de sensações vinculadas a tudo isso.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questões 242 e 243.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 247.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 249.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 251.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 252.

Segundo Kardec, essas sensações podem ter uma dupla origem: lembrança de sofrimentos anteriores ou impressão de algo que, na realidade, não está ocorrendo.

No primeiro caso, verifica-se que muitos sofrimentos estão relacionados às recordações de situações que marcaram profundamente os Espíritos, enquanto vivos. Homens que morreram queimados, baleados, portadores de doenças físicas, podem despertar no mundo espiritual como se estivessem ainda ardendo em brasas, com o peito sangrando, ou, ainda, com os estigmas das doenças que os infelicitavam. Isso acontece porque o Espírito armazena em sua estrutura psíquica, todos os atos, pensamentos e palavras vinculadas a ele. Diante da evocação de uma dessas situações pode o Espírito voltar a registrar sensações relacionadas a esses fatos.

No segundo caso, sensações que evocam as sensações físicas são relatadas por almas que não se deram conta da sua desencarnação; o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto; vê a um lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Um suicida disse a Kardec: *“Não, não estou morto”*. E acrescentava: *“No entanto, sinto os vermes a me roerem”*. Ora, indubitavelmente, o processo de decomposição não afeta o perispírito e ainda menos o Espírito, mas apenas o corpo. Como, porém, não se dava conta da própria morte, seu Espírito percebia as sensações que estavam ocorrendo no corpo morto. A visão do que se passava com o corpo lhe causava a ilusão, que ele tomava por realidade. Assim, pois, não haveria, neste caso, uma reminiscência, porque ele não foi, encarnado, *“roído pelos vermes”*: havia o sentimento de um fato da atualidade.⁷

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 257.

PERISPÍRITO

Segundo Kardec, há três elementos no homem:

- O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;
- A alma ou ser imaterial, espírito encarnado no corpo;
- O laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

Kardec denominou de perispírito a esse terceiro elemento. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro (o corpo material). O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no seu estado normal, mas que ele pode tornar eventualmente visível e até mesmo tangível, como se verifica nos fenômenos de aparição.¹

No *Vocabulário Espírita*, que consta do livro *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*, Kardec coloca o seguinte:

Perispírito (de peri, em redor, e spiritus, espírito) é o invólucro "semimaterial" do Espírito depois da sua separação do corpo. O Espírito o tira do mundo em que se acha e o troca ao passar de um a outro; ele é mais ou menos sutil ou grosseiro, segundo a natureza de cada globo.

O perispírito pode tomar todas as formas, à vontade do Espírito; ordinariamente ele assume a imagem que este tinha em sua última existência corporal. Embora de natureza etérea, a substância do perispírito é susceptível de certas modificações que a tornam perceptível à nossa visão. É o que acontece nas aparições. Esta substância pode até, por sua união com o fluido de certas pessoas, tornar-se temporariamente tangível, ou seja, oferecer resistência ao toque de um corpo sólido, como se vê nas aparições palpáveis.

A natureza íntima do perispírito não é ainda conhecida, mas trata-se de um tipo de matéria mais sutil, desconhecida da ciência oficial. Com efeito, para a ciência atual, que só pode falar daquilo que se verifica através dos sentidos ou então de aparelhos. Para a ciência não existe um estado

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução. Item 6.

“semimaterial” — algo é matéria ou é energia, ou seja, não se reconhece um estado intermediário (algo como uma “quase-matéria”).

O espírito teria, assim, um duplo invólucro; a morte apenas o despojaria do mais grosseiro; o segundo, que constitui o perispírito, conservaria o tipo e a forma da primeira, da qual ele é como a sombra; mas sua natureza essencialmente “vaporosa” permite ao espírito modificar esta forma à vontade, torná-la visível ou invisível, palpável ou impalpável.

O perispírito é, para o espírito, o que o perisperma é para o germe do fruto. A amêndoa, despojada do seu invólucro lenhoso, encerra o germe sob o invólucro delicado do perisperma. Entretanto, essa analogia, embora seja didática, é imprecisa, porquanto tanto perisperma quanto fruto são materiais. Já espírito, perispírito e corpo seriam formados por “substâncias” diferentes, ou por “estados” diferentes de uma mesma substância.

PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL

Na transição da vida corporal para a espiritual, decorrente da morte física, produz-se um fenômeno que Kardec considerou de importância capital — a perturbação. Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações.

A perturbação pode ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurável por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos. À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono; as ideias são confusas, vagas, incertas; a vista apenas distingue como que através de um nevoeiro, mas pouco a pouco se aclara, desperta-se-lhe a memória e o conhecimento de si mesma.

Bem diverso é, contudo, esse despertar; calmo, para uns, acordalhes sensações deliciosas; tétrico, aterrador e ansioso, para outros, é qual horrendo pesadelo.

Kardec ressalta que a intensidade e duração da perturbação espiritual que se segue a morte estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços do espírito para desprender-se. Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si, como que naturalmente; é como se um fruto maduro se desprendesse do seu caule, e é o caso das mortes calmas, de pacífico despertar.

Lembra também que a causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem, cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozos materiais. Ao contrário, nas almas que cultivam as virtudes, que antecipadamente se identificam com a vida espiritual, o apego é quase nulo. E desde que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, depende somente de nós o tornar esse desprendimento fácil ou penoso, agradável ou doloroso.

Além da condição moral do desencarnante, outros fatores podem estar relacionados ao grau de perturbação, como o tipo de morte. Tratando-se de morte natural resultante da extinção das forças vitais por

velhice ou doença, o desprendimento opera-se mais facilmente, e a perturbação tende a ser menos dolorosa. Já na morte violenta, onde nenhuma desagregação parcial pôde iniciar previamente a separação do perispírito; a vida orgânica em plena exuberância de força é subitamente aniquilada. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado.¹

¹ KARDEC, A. O céu e o inferno. Parte 2. Capítulo 1.

PLANTAS

Ao examinar os reinos da natureza, Kardec tece sobre as plantas os seguintes comentários:

- As plantas diferem dos minerais por possuírem vitalidade, e dos animais por lhes faltar inteligência.¹
- As plantas não têm consciência de sua existência, pois que não pensam; só têm vida orgânica.²
- Quando mutiladas, elas recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Conseqüentemente, não têm a sensação da dor.³
- A força que as atrai umas para as outras independe da vontade delas, porquanto não pensam; é uma força mecânica que atua sobre a matéria, sem que elas possam a isso opor-se.⁴
- Não se pode dizer que as plantas possuam um instinto; como nas operações químicas, quando dois corpos se reúnem é que há entre eles afinidade. A isto não se dá o nome de instinto.⁵

A posição assumida por Kardec levanta questionamentos sobre a existência de um princípio espiritual nas plantas, diferentemente do que ocorre com os animais. As plantas seriam dotadas apenas de princípio vital. E nisso reside a diferença entre elas e os minerais.

Todavia, em artigo publicado na *Revista Espírita*⁶, com o título “O gênio das flores”, Kardec parece admitir a possibilidade de um princípio espiritual nos vegetais. Trata-se de um diálogo com o Espírito São Luís, a cerca de uma mensagem mediúnica. São Luís parece admitir duas naturezas diferentes de espíritos relacionados às plantas: espíritos que *dirigem sua ação fluídica para a criação dos vegetais*, ou seja, entidades relacionadas ao cuidado com o reino vegetal e *espíritos que dão vida às plantas e às flores*. Estes últimos, segundo o texto, *nenhum pensamento e nenhum instinto possuem*. Também é curioso observar que Kardec se refere, em uma das perguntas, ao *espírito que dá a vida às plantas*.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 585.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 586.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 587.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 588.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 590.

⁶ KARDEC, A. Revista Espírita. Março de 1860.

Embora Kardec não tenha reconhecido explicitamente que o princípio inteligente se elabore em experiências no reino vegetal, tal como se dá no reino animal, a explicação de São Luís parece confirmar essa tese, amplamente admitida na obra mediúnica de Chico Xavier.

POSSESSÃO

A possessão foi entendida por Kardec como a ação que um Espírito exerce sobre um encarnado, substituindo-o temporariamente em seu próprio corpo material. Essa ação não é permanente, considerando que a união molecular do perispírito ao corpo opera-se somente no momento da concepção.¹ Não se trata necessariamente de uma obsessão, embora possa ser.

Sobre essa questão, vemos que o pensamento de Kardec evoluiu durante os anos de pesquisa espírita. Inicialmente, em *O livro dos Espíritos*, Kardec rejeita o conceito de possessão como habitualmente era reconhecido pela tradição cristã. Admite, todavia, que o termo possa se aplicar a casos muito graves de obsessão:

O vocábulo *possesso*, na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo. Pois que, nesse sentido, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos na conformidade da ideia a que esta palavra se acha associada. O termo *possesso* só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.²

Esse pensamento é mantido por Kardec em *O livro dos médiuns*:

Dava-se outrora o nome de possessão ao império exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até à aberração das faculdades da vítima. A possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a ideia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas

¹ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 4. Item 48.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 474.

constrangimento. A palavra subjugação exprime perfeitamente a ideia.³

Porém, Kardec revê essa posição em artigo publicado na *Revista Espírita* em 1863:

Temos dito que não havia possessos no sentido vulgar do vocábulo, mas somente subjugados. Voltamos a esta asserção absoluta porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito errante a um encarnado. (Um caso de possessão - Senhorita Júlia).⁴

Esclarecendo que a possessão pode se dar por um bom Espírito, Kardec escreve em *A gênese*:

A obsessão sempre é o resultado da atuação de um Espírito malfeitor. A possessão pode ser o feito de um bom Espírito que quer falar e, para fazer mais impressão sobre os seus ouvintes, toma emprestado o corpo de um encarnado, que este lhe cede voluntariamente tal como se empresta uma roupa.⁵

³ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 241.

⁴ KARDEC, A. Revista Espírita. Dezembro de 1863.

⁵ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 14. Item 48.

PRECE

Segundo Kardec, a prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com Ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer.¹

Sobre a prece, destacam-se no pensamento de Kardec:

- A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois, para Ele, a intenção é tudo. Assim, preferível lhe é a prece do íntimo à prece lida, por muito bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o coração. Agrada-lhe a prece, quando dita com fé, com fervor e sinceridade.²
- A prece pode tornar melhor o homem, porquanto aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo.³
- Aquele que a Deus pede perdão de suas faltas só o obtém mudando de proceder. As boas ações são a melhor prece, por isso que os atos valem mais que as palavras.⁴
- Pode-se, com utilidade, orar por outrem, pois o Espírito de quem ora atua pela sua vontade de praticar o bem. Atrai a si, mediante a prece, os bons Espíritos e estes se associam ao bem que deseje fazer.⁵
- Há utilidade em se orar pelos mortos, pois a alma por quem se ora experimenta alívio, porque recebe assim um testemunho do interesse que inspira àquele que por ela pede e também porque o sofredor sente sempre um refrigério quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Por outro lado, mediante a prece, aquele que ora concita o sofredor ao arrependimento e ao desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. Neste sentido é que se lhe pode abreviar a pena, se, por sua parte, ele secunda a prece com a boa vontade.⁶

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 659.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 658.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 660.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 661.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 662.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 664.

Atualmente é comum se ouvir que o Espiritismo seria uma fusão entre ciência e filosofia, ou até mesmo uma dita “fé raciocinada”, negando-se sua dimensão religiosa. Todavia, é interessante observar que, quando fala da prece, Kardec admite que o Espiritismo é, sim, também religião; isso porque a prece não faz nenhum sentido nem para a ciência experimental e nem para a filosofia. Orar não faz parte do cardápio do cientista e nem do filósofo.

PRESENTIMENTOS

Ao examinar as causas dos presentimentos, Kardec alerta para certos fenômenos de premonição, considerados reais, mas que, em verdade, nada mais são que reflexos de mentes supersticiosas que veem o que não existe. O presentimento é um tipo de percepção extrassensorial também chamado de precognição. Seria uma “clarividência referente a acontecimentos”.

Diante dos casos reais de presentimentos, Kardec admite serem resultados de intuições pessoais do indivíduo — pessoas dotadas de dupla vista ou visão espiritual — ou resultado de informações advindas dos Espíritos. Pessoas dotadas de dupla vista podem deslocar-se mentalmente da realidade presente e antever as consequências futuras de condições presentes.¹

Ernesto Bozzano examinou o tema, com profundidade, e apresentou suas ideias na obra *Fenômenos premonitórios*, publicada em 1913.² Ele conclui o seguinte:

- Fenômeno premonitório pode ser definido como a predição paranormal de um acontecimento futuro.
- Os fenômenos premonitórios são frequentes e amplamente identificados, não restando dúvidas de sua existência. São os mais comuns da casuística paranormal.
- Esses fenômenos fazem inferências a partir de uma consciência que independe do cérebro, pois não há como admiti-los diante da hipótese materialista.
- Seus modos de exteriorização são variados. O presentimento pode se dar de uma forma vaga, como uma ansiedade inexplicada, ou por visões, ou audições, onde o fato é antecipado. Na maioria das vezes acontecem durante o sono. Em outras circunstâncias eles se traduzem como batidas, gemidos ou ruídos de toda espécie avisando as pessoas de determinada família quanto à verificação de um fato importante.
- Não existe uma causa única para explicá-los: ora parecem ser resultados de um fenômeno anímico (do próprio espírito

¹ KARDEC, A. Revista Espírita. Novembro de 1867.

² BOZZANO, E. Fenômenos premonitórios.

encarnado — percepção extrassensorial), ora mediúnico (pela interferência de seres desencarnados).

- Alguns casos são de mais difícil entendimento, particularmente aqueles de ordem insignificante ou banal, como, por exemplo, “adivinhar” o resultado numérico de um jogo de loteria. Não parece que esses casos possam ter sido pré-ordenados para aperfeiçoamento moral do espírito, já que resultam de uma futilidade e de uma inutilidade completa, tanto moralmente como materialmente. Esses casos comportam uma explicação que lhes é própria. Alguns estudiosos acreditam que os episódios desse gênero são manifestações preparadas e executadas pelo inconsciente do sensitivo ou por entidades desencarnadas, que transmitem primeiro ao sensitivo, de uma ou outra maneira, uma dada situação futura e posteriormente laboram para que tal situação se verifique. Isso seria feito a fim de impressionar nossos espíritos, de inculcar em nós a ideia de um mistério na vida, de abalar o ceticismo dos homens, levando-os a meditar sobre a possibilidade da existência de uma alma sobrevivente à morte do corpo.

PRINCÍPIO VITAL

Dentre as muitas questões apresentadas ao estudioso da Doutrina Espírita, aquela referente ao *princípio vital* ou *fluido vital* se mostra das mais intrigantes. Poderíamos pensar que essas expressões, amplamente utilizadas por Kardec, estivessem limitadas a termos próprios da época do codificador, sem significado em nossos dias. Afinal, o termo *fluido* era empregado no século XIX em relação a muitas coisas desconhecidas. Falava-se, por exemplo, em *fluido pestífero*, para referir-se a algo, ignorado, que causasse a peste. Verificou-se, depois, tratar-se, de uma bactéria.

Todavia, a obra mediúcnica surgida no século XX, particularmente por meio de Yvonne Pereira e Chico Xavier, manteve o termo *fluido vital* e várias informações sobre ele são colocadas à nossa apreciação.

As reflexões de Kardec em torno do fluido vital têm como premissa um fato que, segundo ele, resulta da observação: os seres orgânicos têm em si uma força íntima que determina o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; essa força independe da inteligência e do pensamento, portanto difere fundamentalmente do princípio inteligente, e está presente em todos os seres vivos, das plantas ao homem.¹ Kardec denominou essa força de *princípio vital*. Ativo no ser vivente e extinto no ser morto, esse princípio dá à substância orgânica propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas.²

Para Kardec, o princípio vital reside em um fluido especial, universalmente espalhado, denominado *fluido vital*. O fluido vital seria um subproduto do fluido cósmico universal,³ exclusivo dos seres vivos e dos Espíritos encarnados, inexistindo na matéria bruta e não sendo identificado, via de regra, entre os desencarnados.⁴ Ele funciona como traço de união entre o perispírito e o corpo físico.⁵

A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da

¹ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 10. Item 16.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução. Item 2.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 64.

⁴ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 98.

⁵ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11. Item 18.

morte, o princípio vital se extingue, como o calor, quando a roda deixa de girar.⁶

Escreveu Kardec:

O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe impulsão da atividade íntima ou princípio vital que entre eles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade daquele agente, quase como sucede com o atrito, que desenvolve o calor.⁷

Kardec compara os corpos orgânicos com as pilhas elétricas, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada eletricidade animal, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação.⁸

A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente.⁹ O magnetismo, em tais casos, constitui, muitas vezes, poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.¹⁰

Por meio do fluido vital, impregnado na célula ovo, a encarnação pode se realizar, pois o Espírito só pode atuar sobre a matéria por intermédio da força vital. Escreveu Kardec:

quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao germen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o germen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vital e material do germen, o perispírito,

⁶ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11. Item 18.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 67a.

⁸ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 10. Item 19.

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 70.

¹⁰ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 424.

que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior.¹¹

Para que se dê, portanto, a encarnação, é necessária a íntima fusão entre o perispírito e o fluido vital. Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetua sob a influência do princípio vital, cessa a partir do instante em que o princípio vital deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade.¹²

A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm.¹³ Sua excessiva emissão pode determinar enfraquecimento orgânico.¹⁴

O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se. Como provação para o Espírito ou no interesse de missão a concluir, os órgãos depauperados podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita prolongar por instantes a manifestação material do pensamento.¹⁵

A morte natural decorre do adocimento do corpo com natural esgotamento do fluido vital, que não pode ser renovado em decorrência da falência progressiva dos órgãos.¹⁶ Nos casos de morte violenta, quando a morte não resulta da extinção gradual das forças vitais, mais tenazes os laços que prendem o corpo ao perispírito e, portanto, mais lento o desprendimento, pois, que ainda se encontra, via de regra, com recursos satisfatórios de fluido vital.¹⁷

¹¹ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11. Item 18.

¹² KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11. Item 18.

¹³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 70.

¹⁴ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 161.

¹⁵ KARDEC, A. O céu e o inferno. Parte 2. Capítulo 3.

¹⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 154.

¹⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 161.

Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e assimilam, para novamente o restituírem a essa fonte, quando deixarem de existir.¹⁸

Kardec vê, também, no fluido vital, papel preponderante na mediunidade:

Quem deseja obter fenômeno desta ordem precisa ter consigo médiuns a que chamarei — sensitivos, isto é, dotados, no mais alto grau, das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar abundantemente, em torno de si, o fluido animalizado que lhes é próprio.¹⁹

Vale dizer que para que os fenômenos se produzam, necessário se faz que os fluidos do Espírito se identifiquem com os do médium:

o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é apanágio exclusivo do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então pode, mediante certas propriedades, que desconheceis, do vosso meio ambiente, isolar, tornar invisíveis e fazer que se movam alguns objetos materiais e mesmo os encarnados.²⁰

Complementando o pensamento kardequiano, Gustavo Geley, pesquisador francês, morto em 1924, mostrou que o fluido vital é um dos componentes do ectoplasma, material fundamental para a fenomenologia mediúnic e das curas espirituais. O termo *ectoplasma*, cunhado por Charles Richet, inexistia à época de Kardec.

Segundo Geley, médiuns

são indivíduos que servem de intermediários aos desencarnados desejosos de comunicar conosco e lhes emprestam o fluido vital

¹⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 70.

¹⁹ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 98.

²⁰ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 98.

e os elementos materiais libertados pelo êxodo parcial da força do perispírito.²¹

Assim, para o Dr. Geley, o médium

mercê de faculdades naturais e por treino apropriado, é susceptível de fornecer aos desencarnados quantidade suficiente do seu fluido nervoso ou de certa substância orgânica, a fim destes poderem manifestar-se materialmente.²²

²¹ GELEY, G. Resumo da Doutrina Espírita. Parte 1.

²² GELEY, G. Resumo da Doutrina Espírita. Parte 1.

PRIVAÇÕES VOLUNTÁRIAS

A palavra *privação* tem o sentido de “despojar, desapossar alguém de alguma coisa; destituir”. Já *privação voluntária* consiste em renúncia consciente a bens, favores, gozos, facilidades ou direitos a que se tem acesso ou posse natural e legítima.

Porém, a verdadeira privação voluntária é a que se dá em benefício do próximo, para ajudá-lo quer materialmente, quer espiritualmente. É a privação dos prazeres inúteis, porque liberta o homem do jugo da matéria e eleva a sua alma. É a resistência aos excessos e ao gozo do que não tem utilidade. É a doação mesmo daquilo que nos é necessário para dar aos que não tem. Estas privações voluntárias são meritórias porque promovem o progresso individual, se beneficiarem a outrem.¹

Esta privação não deve ser confundida com as privações ascéticas, com as mortificações, com os sofrimentos que buscamos voluntariamente porque estes são contrários à lei natural, uma vez que revelam egoísmo ou ignorância por parte daqueles que o praticam, já que são inúteis para o próximo.²

Não é racional a abstenção de certos alimentos, prescrita a diversos povos. É permitido ao homem alimentar-se de tudo o que lhe não prejudique a saúde. Alguns legisladores, porém, com um fim útil, entenderam de interdizer o uso de certos alimentos e, para maior autoridade imprimirem às suas leis, apresentaram-nas como emanadas de Deus.³

A alimentação animal não é contrária à Lei da Natureza. Dada a nossa constituição física, a “carne alimenta a carne”, do contrário o homem se debilita. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele deve se alimentar conforme o reclame a sua organização.⁴ Apesar disso, sabemos atualmente que podemos nos nutrir adequadamente mesmo abrindo mão da alimentação animal, por haver meios de obtermos os nutrientes necessários lançando mão de uma dieta vegetariana ou vegana. Porém, uma coisa é certa: se podemos nos alimentar sem

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 720.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 721.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 722.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 723.

matarmos animais, não podemos nos alimentar sem matarmos vegetais (que também são seres vivos). Enfim, só a vida alimenta a vida.

PROGRESSO

O importante geneticista Theodosius Dobzhansky afirmou que *nada em biologia faz sentido, exceto à luz da evolução*. É possível que Kardec pensasse de forma equivalente em relação ao Espiritismo: nada em Espiritismo faz sentido, exceto à luz da evolução.

Necessário considerar, contudo, que o conceito de evolução para as ciências biológicas é bem diferente do conceito de evolução para a Doutrina espírita. Para os biólogos, evolução é qualquer mudança nas características hereditárias de um indivíduo, que permite a sua sobrevivência e reprodução. Não implica em progresso. Para o Espiritismo, evolução tem o mesmo significado que progresso, ou seja, melhoramento progressivo, aprimoramento global.

Kardec considerou o progresso como uma lei da natureza, assim, ninguém pode se furtar a ele, embora muitos o posterguem por tempo razoavelmente prolongado. Ele escreveu:

Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem opor-se-lhe. é uma *força viva*, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada, por leis humanas más. Quando estas se tornam incompatíveis com ele, despedaça-as juntamente com os que se esforcem por mantê-las. Assim será, até que o homem tenha posto suas leis em concordância com a Justiça divina, que quer que todos participem do bem e não a vigência de leis feitas pelo forte em detrimento do fraco.¹

Duas forças respondem pelo progresso: uma própria ao Espírito e a outra decorrente das experiências vividas por ele nas duas dimensões de vida, a física e a espiritual. A força que lhe é própria foi nomeada por Kardec como *perfectibilidade*, que consiste em uma capacidade intrínseca, ou impulso para uma perfeição crescente. A segunda força decorre das vivências do ser espiritual.²

Inicialmente, o progresso se dá inconscientemente para o Espírito, decorre da força das coisas. Posteriormente, quando dotado do livre-arbítrio, a evolução torna-se, em parte, consciente, pois o interessado participa dela.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 781a.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 779.

Didaticamente, Kardec propôs dois tipos de progresso: o intelectual e o moral:

(...) ao Espírito cumpre progredir em ciência e em moral. Se somente se adiantou num sentido, importa se adiante no outro, para atingir o extremo superior da escala.³

O conceito de progresso intelectual não se limita à ideia de inteligência, como habitualmente a entendemos — saber resolver problemas ou produzir alguma coisa útil — mas alcança outros processos mentais, implicados na aquisição e expressão do conhecimento. Fazem parte do desenvolvimento intelectual todas as funções mentais implicadas na dinâmica do conhecimento, denominadas em seu conjunto de *cognição*.

O termo *cognição* deriva da palavra latina *cognitione*, que significa conhecer. Representa o conjunto das funções mentais responsáveis pela aquisição, organização, interpretação e armazenamento de informações do mundo externo que possuem algum valor significativo para o indivíduo. São as habilidades cognitivas que nos permitem representar o mundo à nossa volta, prevendo e alterando o curso de eventos futuros. A *cognição* pode ser entendida, de uma maneira simples, como a maneira pela qual percebemos, aprendemos, recordamos e pensamos sobre toda a informação captada pelos cinco sentidos. É, portanto, um processo de conhecimento, que tem como material a informação do meio em que vivemos e o que já está registrado na nossa memória. Dentre o grande número de funções cognitivas, destacam-se a consciência, a atenção, a orientação, a sensopercepção, a memória, o pensamento, a inteligência e as funções executivas que fazem parte do desenvolvimento intelectual. Desenvolver-se do ponto de vista intelectual, portanto, é também expandir a memória, aprimorar a atenção e a orientação, desenvolver a capacidade de decidir etc.

O progresso moral, por sua vez, se identifica com o desenvolvimento das virtudes morais, sintetizadas, por Kardec, na caridade e na humildade.

As inteligências são definidas em termos amorais: nenhuma inteligência é em si moral ou imoral, e qualquer inteligência pode ser usada para o bem ou para o mal. Compete à evolução afiar nossas várias inteligências e a nos ensinar a usá-las adequadamente. E mais que isso:

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 192.

mostrar-nos como a inteligência e a moral podem trabalhar em conjunto e criarem um mundo em que uma grande variedade de pessoas queira viver. Afinal, uma sociedade dirigida por pessoas “inteligentes” ainda pode destruir a si mesma, ou o resto do mundo. Inteligência vale muito, mas é o caráter que dá ao intelecto o devido valor. Pode-se reconhecer uma civilização completa, lembra Kardec, pelo desenvolvimento moral.⁴

Examinando as relações entre as duas formas de progresso, Kardec comenta que o progresso moral decorre do progresso intelectual, mas nem sempre o segue imediatamente. Comenta que o progresso intelectual engendra o progresso moral fazendo compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. Os povos, porém, como os indivíduos, só passo a passo o atingem. Enquanto não se lhes haja desenvolvido o senso moral, pode mesmo acontecer que se sirvam da inteligência para a prática do mal. O moral e a inteligência são duas forças que só com o tempo chegam a equilibrar-se.⁵

Afirma, ainda, Kardec, que o maior obstáculo ao progresso se encontra no orgulho e no egoísmo⁶ e que o Espiritismo pode contribuir para o progresso. Segundo Kardec,

Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, [o Espiritismo] faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.⁷

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 793.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 780.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 785.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 799.

PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS

Um dos pontos capitais da filosofia proposta por Kardec é o progresso espiritual. Segundo ele, desconhecemos completamente a origem e o modo de criação dos Espíritos, embora saibamos que são criados por Deus, e não uns pelos outros.

Ele considera também que eles são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, porém perfectíveis e com igual aptidão para tudo adquirirem e tudo conhecerem com o tempo. A princípio, os espíritos se encontram numa espécie de infância, carentes de vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência.

Para Kardec, as três “marcas de nascença” do princípio espiritual são: a simplicidade, a ignorância e a perfectibilidade.

- Simplicidade: talvez, Kardec tenha sofrido certa influência de Herbert Spencer, pensador inglês de sua geração que acreditava que tudo no universo evolui do *simples* para o *complexo*. Podemos entender *simples* como algo homogêneo, constituído de poucas partes, que interagem entre si sem sofisticação, sem muitas possibilidades. Diferente de algo *complexo*, ou seja, heterogêneo, formado de muitos elementos diferentes, que podem interagir com certa sofisticação. Uma comparação grosseira: um carrinho de mão seria algo simples, porque relativamente constituído de poucas peças e um automóvel seria algo complexo, pois formado de mais de dez mil peças diferentes, que interagem.
- Ignorância: no pensamento kardequiano, ignorância evoca a ideia de algo sem história, sem conhecimento (portanto, que tudo ignora), sem vivência prévia, que está começando.
- Perfectibilidade: esse termo foi usado por Jean Jaques Rousseau, pensador do século XVIII, para caracterizar a faculdade humana de aperfeiçoamento paulatino. Para Rousseau, a perfectibilidade não deve ser entendida como o poder de se tornar perfeito, pois a perfeição é exclusividade de Deus, mas como o poder de se desenvolver progressivamente, rumo à suposta perfeição.

Esse pensamento está presente na proposta kardequiana: o princípio inteligente “nasceu” com um projeto inato de *ser mais*, com a aptidão para tudo adquirir e tudo conhecer com o tempo. *Perfectível* porque dotado da potencialidade de expandir progressivamente as faculdades intelectuais e morais.

À medida que o Espírito se distancia do ponto de partida, desenvolvem-se-lhe as ideias, como na criança. Com o desenvolvimento das ideias, surge o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir este ou aquele caminho para seu adiantamento, o que é um dos atributos essenciais do Espírito.

É claro que o livre-arbítrio (assim como ocorre nos bebês e na criança) é uma faculdade que vai se desenvolvendo; ela não vem “pronta de fábrica”. Por conseguinte, um espírito recém-criado, portanto ainda ignorante, não tem livre-arbítrio para “escolher” entre o caminho do bem ou do mal, já que escolher significar ponderar riscos e consequências, e isso requer uma boa dose de desenvolvimento intelectual e existencial. Dito isso, o fato é que nem a filosofia espírita e nem as outras filosofias e teologias conseguem dar conta de responder à seguinte pergunta: por que um espírito ainda ignorante, portanto, sem o livre-arbítrio desenvolvido, segue o caminho do bem ou do mal? Essa é, com efeito, talvez a questão mais embaraçosa para a filosofia espírita. Nenhuma resposta que se proponha é satisfatória do ponto de vista lógico e racional. Certamente, ainda como encarnados num planeta em desenvolvimento, não temos luz e esclarecimento para entendermos tais questões.

O objetivo final de todos os Espíritos consiste em alcançar a perfeição de que é suscetível a criatura. O resultado dessa perfeição está no gozo da suprema felicidade que lhe é consequente e a que chegam mais ou menos rapidamente, conforme o uso que fazem do livre-arbítrio, com as devidas ressalvas que colocamos no parágrafo anterior.

A encarnação dos Espíritos está nas Leis da Natureza; é necessária ao adiantamento deles e à execução das obras de Deus. Pelo trabalho, que a existência corpórea lhes impõe, eles aperfeiçoam a inteligência e adquirem, cumprindo a Lei de Deus, os méritos que os conduzirão à felicidade eterna. Daí resulta que, concorrendo para a obra geral da Criação, os Espíritos trabalham pelo seu próprio progresso.

O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu próprio labor; ele avança na razão da sua maior ou menor atividade, ou da sua boa vontade em adquirir as qualidades que lhe falecem.

Não podendo o Espírito, numa só existência, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que hão de conduzi-lo à meta, ele chega a essa aquisição por meio de uma série de existências. Em cada uma dá alguns passos para a frente na senda do progresso e se escoima de algumas imperfeições.

Para cada nova existência, o Espírito traz o que ganhou em inteligência e em moralidade nas suas existências pretéritas, assim como os germens das imperfeições de que ainda se não expungiu.

Quando um Espírito empregou mal uma existência, isto é, quando nenhum progresso realizou na senda do bem, essa existência lhe resulta sem proveito, ele tem que a recommençar em condições mais ou menos penosas, por efeito da sua negligência ou má vontade.

Devendo o Espírito, em cada existência corpórea, adquirir alguma coisa no sentido do bem e despojar-se de alguma coisa no sentido do mal, segue-se que, após certo número de encarnações, ele se acha depurado e alcança o estado de puro Espírito. É indeterminado o número das existências corpóreas (na Terra ou em outros mundos); depende da vontade do Espírito reduzir esse número, trabalhando ativamente pelo seu progresso moral.

No intervalo das existências corpóreas, o Espírito é errante e vive a vida espiritual. A erraticidade carece de duração determinada. O que a filosofia espírita entende por erraticidade é o intervalo entre duas encarnações. Aqui, errático significa aquilo que vagueia, não aquilo que erra.

Quando os Espíritos realizam a soma de progresso que o estado do mundo em que estão lhe faculta efetuar, deixam-no e passam a encarnar noutra mais adiantado. Neste novo mundo, adquirem novos conhecimentos e assim sucessivamente, até que, de nenhuma utilidade mais lhe sendo a encarnação em corpos materiais, entram a viver exclusivamente a vida espiritual, em que também progredem noutra sentido e por outros meios, que nossa inteligência atual é totalmente incapaz de compreender ou imaginar.

Galgando o ponto culminante do progresso, gozam da felicidade suprema. Identificando-se com o pensamento de Deus, eles se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os outros Espíritos ainda em diferentes graus de adiantamento.¹

¹ KARDEC, A. Obras póstumas. Profissão de fé espírita raciocinada.

PROGRESSO SOCIAL

O pensamento de Kardec, apresentado na Introdução do *Livro dos Espíritos*, faz referência a duas dimensões do progresso: o progresso individual e o progresso social.¹ Ao examinar as finalidades da encarnação dos Espíritos, Kardec mostrou que, além do progresso individual, a encarnação tem outra finalidade: colocar o Espírito em condições de fazer sua parte na obra da criação, ou seja, atuar, positivamente, no desenvolvimento dos outros Espíritos, dos seres sencientes, e da natureza na totalidade. Ele escreveu:

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.²

Gustavo Geley, pesquisador espírita morto em 1924, se valeu da expressão *evolução solidária*. Geley se referia à necessidade de entendermos o desenvolvimento espiritual, pensamento central da Doutrina Espírita, como um esforço coletivo em prol do aprimoramento, não unicamente pessoal, mas de toda a coletividade. Geley escreveu:

As suas consequências práticas [da reencarnação] são fáceis de conceber. Antes de tudo, ela impõe o trabalho e o esforço; não o esforço isolado, a luta pela vida egoísta, mas o esforço solidário, porque tudo o que favorece ou retarda a evolução de outrem e a evolução geral favorece ou retarda a evolução de qualquer membro da coletividade.³

Embora a evolução se dê também na intimidade de cada um, na expansão pessoal dos recursos cognitivos e afetivos, o enfoque exclusivista dessa evolução neutraliza a própria dinâmica do processo, pois se cristaliza no egoísmo, a fonte de todas as imperfeições humanas. Além disso, que sentido faz avançarmos quando aqueles que amamos permanecem para trás? Como nos acomodarmos diante das conquistas

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Introdução. Item 17.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 132.

³ GELEY, G. Resumo da Doutrina Espírita. Parte 3.

espirituais quando assistimos a tantos infelizes e atormentados clamando um instante de paz e o alívio de suas dores?

Todas as condições afeitas a corporeidade — provas, expiações e missões — nunca são condições isoladas, únicas, restritas ao indivíduo em si. São eventos coletivos, que relacionam entre si todas as pessoas vinculadas a ele. O Espírito maduro renuncia às expectativas de realização unicamente pessoal para investir no bem-estar coletivo. Por amor, por altruísmo, por compromisso ao belo, ao bom, ao nobre e ao justo, ele assume tarefas, às vezes, de grande renúncia, e sente-se feliz com isso.

Ou evoluímos juntos, ou ninguém avançará sozinho. A paz de espírito jamais será conquista da alma egoísta. Ela se estabelece naqueles que estão fazendo o que lhes compete fazer. Ninguém cai sozinho. Ninguém se ergue sozinho. Nossas interações vitais são tão profundas, que nunca sabemos diante de um ato indigno ou de um ato nobre onde localizar a maior culpa e o maior mérito. Graças a essa solidariedade essencial, os atos individuais têm uma repercussão inevitável sobre as condições vitais de tudo que pensa, de tudo que vive, de tudo que é. Lembra Geley, que na evolução dos seres e dos mundos está assegurada uma espécie de colaboração geral graças à qual todo esforço no sentido indicado pela lei moral ou toda violação dessa lei tem sua reação coletiva além de sua reação individual.

Não há responsabilidade exclusivamente individual a um ato qualquer bom ou mau; como não há para esse ato, sanção exclusivamente individual. Tudo o que se faz, tudo o que se pensa, no bem ou no mal; tudo o que se traduz por uma impressão emotiva, uma alegria ou uma dor, em um indivíduo qualquer, se repercute a todos e se assimilam a todos. Não há decadência ou progresso que não sejam solidários.

Sem dúvida, a solidariedade coletiva se amplia da família à coletividade, desta à pátria, e finalmente à humanidade. É porque os cálculos egoístas, da parte dos indivíduos, das famílias ou das nações, são pura aberração. A grande lei de solidariedade é de todos os tempos, proclamada pelos grandes filósofos como pelos grandes moralistas.

Na conclusão do *Livro dos Espíritos*, Kardec afirmou, enfaticamente:

Quando, porém, conseguir a soma de gozos que o progresso intelectual lhe pode proporcionar, verificará que não está completa a sua felicidade. Reconhecerá ser esta impossível, sem a segurança nas relações sociais, segurança que somente no

progresso moral lhe será dado achar. Logo, pela força mesma das coisas, ele próprio dirigirá o progresso para essa senda e o Espiritismo lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para alcançar tal objetivo.⁴

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Conclusão. Item 4.

PROVA

Na linguagem do dia a dia, o termo *prova* é geralmente entendido como teste ou verificação de conhecimento. Não é esse o sentido espírita da palavra *prova*. Kardec definiu isso ao dizer que:

(...) a prova não tem por fim esclarecer a Deus sobre o mérito do homem, porque Deus sabe perfeitamente o que ele vale.¹

Kardec informa sobre o significado espírita dessa palavra, no *livro Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*. No Vocabulário Espírita, apresentado na introdução da obra, lê-se o seguinte:

Provas – vicissitudes da vida corporal pelas quais os Espíritos se purificam segundo a maneira pela qual as suportam.

O principal conceito de vicissitude, apresentado pelos dicionários, é esse: *sucessão de mudanças ou de alternâncias; sequência de coisas que se sucedem*.

Verificamos então que provas consistem na sucessão de coisas que acontecem na vida do Espírito encarnado e que visa o seu aprendizado. Assim, as provas são as diferentes experiências vivenciadas por ele, através das quais, ele avança na escala evolutiva.

Chamado a diferenciar prova de expiação, o Espírito Emmanuel, por meio de Chico Xavier, assim se manifesta:

A provação é a luta que ensina ao discípulo rebelde e preguiçoso a estrada do trabalho e da edificação espiritual.²

Provas são, portanto, experiências que fazem crescer, lutas que edificam, esforços que promovem o crescimento.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 871.

² EMMANUEL; XAVIER, F.C. O Consolador. Questão 246.

PSICOLOGIA

O vocábulo *psicológico* e o termo *psicologia* possuem hoje uma conotação diferente do que possuíam a época de Kardec. A psicologia era entendida, então, como a ciência da alma — alma como *ser, inteligência* que comanda o corpo, independentemente da crença em sua sobrevivência. A psicologia, então, fazia parte da filosofia e da teologia.

A Psicologia, como o estudo dos fenômenos psíquicos e de comportamento do ser humano por intermédio da análise de suas emoções, suas ideias e seus valores, inexistia àquela época. O primeiro laboratório psicológico foi fundado pelo fisiólogo alemão Wilhelm Wundt em 1879 (dez anos depois da morte de Kardec), tendo publicado seu livro *Principles of physiological psychology* em Leipzig, na Alemanha. Seu interesse se havia transferido do funcionamento do corpo humano para os processos mais elementares de percepção e a velocidade dos processos mentais mais simples. O seu laboratório formou a primeira geração de psicólogos. Alunos de Wundt propagaram a nova ciência e fundaram vários laboratórios similares pela Europa e os Estados Unidos.

No Vocabulário espírita, encontrado no livro *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*, Kardec define Psicologia como “*Dissertação sobre a alma. Ciência que trata da natureza da alma.*”

RAÇA ADÂMICA

No livro *Uma Breve História do Mundo*, o professor Geoffrey Blainey escreveu:

Há cerca de 60 mil anos, surgiram sinais de um despertar da humanidade. Recuando no tempo, os pré-historiadores e arqueólogos colheram evidências de uma lenta sucessão de mudanças que, nos 30 mil anos seguintes, chegaram a merecer descrições como “O Grande Salto” ou “A Explosão Cultural”. Há muita controvérsia sobre quem teria provocado essa explosão. Provavelmente as mudanças estiveram a cargo de um novo grupo humano que surgiu na África e depois migrou para a Ásia e a Europa. O que é digno de nota é a existência da criatividade humana em várias frentes.

O período citado pelo professor Blainey corresponde ao Paleolítico Superior (de 40 a 10 mil anos atrás) e o salto evolutivo descrito por ele recebeu também a denominação de *Revolução Criativa do Paleolítico Superior*.

O *Homo sapiens* já havia deixado a África, após a diáspora africana verificada há cerca de 50 mil anos, e se estabelecera da Ásia e na Europa, quando uma série notável de acontecimentos se deu. Naquele período uma verdadeira revolução tecnológica e cultural, tais como a domesticação do cão. Além do conjunto de ferramentas inventadas à época (lâminas, machados, buris, raspadores), encontram-se também pontas de projéteis, instrumentos musicais e uso frequente de osso, marfim e chifres. Testemunha-se ainda a eclosão de tradições, estilos e estéticas locais. Foi uma mudança rápida e sem precedentes no registro arqueológico.

Encontram-se, nos sítios arqueológicos, muitos objetos de adorno corporal, como contas e pingentes, assim como pigmentos para pintura do corpo (de vivos e mortos), e o surgimento de esculturas, entalhes e pinturas em cavernas. Provavelmente, o material arqueológico encontrado ali indica comportamentos sociais mais complexos, um plano mental mais preciso e mais habilidade de manipulação na produção material. Esses hominídeos primitivos revelavam comportamentos tipicamente humanos, ou seja, eles eram capazes de produzir cultura simbólica: pintura rupestre, ornamentação corporal, escultura, sepultamento elaborado e simbólico, decoração detalhada de objetos, música e compreensão sutil de diversos

materiais. Possuíam, possivelmente, a capacidade de simbolização complexa, uma das marcas centrais da cultura e da própria condição humana, tal como se compreende hoje.

O que poderia justificar tal explosão cultural? Os estudiosos se calam quanto às causas do estranho fenômeno sociológico.

As informações espirituais, todavia, sinalizam para um grande acontecimento que se verificou em algum momento da pré-história: a migração para a Terra de uma falange de Espíritos desenvolvidos do ponto de vista intelectual, mas, ainda limitados sob o aspecto moral.

No livro *A Gênese*, Kardec já se referia a Emigrações e Imigrações de Espíritos entre os diferentes mundos habitados, que podem responder pela introdução na população nativa de elementos inteiramente novos. Kardec faz alusão a uma colônia de Espíritos que chegaram à Terra há alguns milhares de anos, quando o planeta já estava povoado desde tempos imemoriais. Mais adiantada do que as que a precederam neste planeta. Essa coletividade, denominada por ele de *Raça Adâmica*, impeliu ao progresso todas as outras.¹

Tal acontecimento é ainda relatado pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. Emmanuel, examinando o fato, escreve o seguinte:

Com o auxílio desses Espíritos degredados, naquelas eras remotíssimas, as falanges do Cristo operavam ainda as últimas experiências sobre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biológicos das raças humanas. Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleciam-se fatores definitivos na história etnológica dos seres.²

André Luiz escreveu:

Grande massa de Espíritos ilustrados, mas decaídos de outro sistema cósmico, renasceu no tronco genealógico das tribos terrestres, qual enxerto revitalizador, embora isso representasse para eles amarga penitência expiatória. Constitui-se desse modo a raça adâmica, instilando no homem renovadas noções de Deus e da vida.³

¹ KARDEC, A. *A gênese*. Capítulo 11.

² EMMANUEL; XAVIER, F. C. *A caminho da luz*. Capítulo 3.

³ LUIZ, A; XAVIER, F.C.;VIEIRA, W. *Evolução em dois mundos*. Capítulo 20.

Portanto, quando Kardec empregava o termo *Raça Adâmica*, ele estaria se referindo à espécie *Homo sapiens*, da qual “Adão”, no sentido alegórico, seria seu primeiro representante. O que ele chamava de raça, seria o que a ciência atual chama de espécie.

RAÇAS

Ao admitir a existência de raças inferiores e superiores, Kardec reproduz o pensamento da ciência da época. Tal ideia está hoje totalmente superada. Como está superado também o próprio conceito de raça. Os trabalhos científicos que abordaram as diferenciações entre grupos humanos mostraram que, apesar das diferenças fenotípicas (cor dos olhos, da pele, cabelos etc.), as diferenças genéticas que existiam entre grupos de características físicas semelhantes eram praticamente as mesmas quando comparadas com as diferenças genéticas entre grupos de características físicas diferentes. Portanto, em termos biológicos, não existem “raças” com contorno definido, apenas um grande número de variações físicas entre os seres humanos.

REENCARNAÇÃO

A reencarnação vem sendo reconhecida desde as mais antigas civilizações. Texto encontrado no Egito, e provavelmente escrito por volta de 3000 AC, afirma: *antes de nascer a criança viveu, e a morte não é o fim. A vida é um evento que passa como o dia solar que renasce.* Entre os hindus, o princípio da reencarnação era ensinado pela filosofia dos Vedas, e conhecido também com o nome de *metempsicose*. Na Índia, é popular o conceito reencarnacionista de *carma*, que, em sânscrito, pode ser traduzido pela palavra *ação*. O carma relaciona atitudes cometidas em existências passadas com fatos que acontecem na atual existência. Na Grécia antiga, a tese reencarnacionista teve largo curso, tendo sido citada por Pitágoras, Sócrates e Platão. Dessa época distante veio o termo *palingênese* (ou *palingenesis*), referindo-se às vidas sucessivas.

Em nossos dias, a pesquisa científica relacionada à hipótese da reencarnação encontra-se no estudo de relatos de crianças que afirmam lembrar-se de fatos vividos no passado. Pesquisadores examinam os dados fornecidos por essas crianças tentando encontrar evidências de que sejam reais. Muitos livros foram escritos sobre isso. Também filmes e novelas para TV. O precursor das pesquisas sobre supostos casos de reencarnação foi Ian Stevenson (já desencarnado), um médico psiquiatra infantil da Universidade da Virgínia (EUA). Stevenson viajou extensivamente pelo mundo, visitando diferentes países e investigando casos em que crianças afirmavam se lembrar de vidas anteriores. Ele coletou detalhes sobre essas lembranças, muitas vezes verificando informações fornecidas pelas crianças e comparando-as com registros históricos e documentações. Ao longo de sua pesquisa, Stevenson documentou centenas de casos e publicou vários livros sobre o assunto, como “*Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*” e “*Crianças que Lembram Vidas Anteriores*”. Ele adotou uma abordagem científica rigorosa em seu trabalho, entrevistando testemunhas, conduzindo investigações no local e procurando evidências que validassem as alegações das crianças. Seu colega e colaborador, Jim Tucker, também psiquiatra infantil, segue dando continuidade às pesquisas de Stevenson. Um dos livros de Tucker que merece destaque é “*Vida Antes da Vida*”. No Brasil, o ilustre pesquisador espírita (já falecido) Hernani Guimarães Andrade também investigou casos sugestivos de reencarnação no Brasil.

Embora alguns autores espíritas considerem o vocábulo reencarnação como um neologismo cunhado por Allan Kardec, a palavra já era conhecida antes do codificador da Doutrina Espírita. Foi entre os séculos XVI e XVIII que surgiram, no Latim tardio, os termos eruditos e acadêmicos *reincarnatio* e *reincarnationis*, que, em seguida, passaram para as línguas românicas e para o inglês.

O princípio da reencarnação é um dos pilares da Doutrina Espírita. Em seus primeiros contatos com as entidades desencarnadas, Kardec ouviu delas que todos habitamos outros corpos, em experiências prévias na Terra ou em outros planetas, e deveremos habitar outros tantos ainda. Para que o Espírito se identifique com o projeto de perfectibilidade, presente em si, é imperativo que se submeta, durante longo período de sua história, à lei da reencarnação. Esta é uma lei natural, inerente a todos os seres vivos, que tem como finalidade o desenvolvimento do princípio espiritual. Em experiências múltiplas, nas duas dimensões de vida (a física e a espiritual), o princípio inteligente encontra os elementos necessários ao progresso.

Isso é observado na resposta dada pelos Espíritos a duas questões de *O Livro dos Espíritos*, reproduzidas abaixo:

Não se seria mais feliz permanecendo na condição de Espírito?
“Não, não; estacionar-se-ia e o que se quer é caminhar para Deus.”¹

Na erraticidade o Espírito progride?
“Pode melhorar-se muito, tais sejam a vontade e o desejo que tenha de consegui-lo. Todavia, na existência corporal é que põe em prática as ideias que adquiriu.”²

Segundo Kardec:

Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como uma necessidade absoluta, como condição inerente à humanidade; numa palavra: como lei da Natureza.³

E ainda Kardec:

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 175a.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 230.

³ KARDEC, A. O evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 4. Item 17.

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência.⁴

Kardec refutou o pensamento de alguns espiritualistas de língua inglesa, que afirmam que a reencarnação se dá apenas uma única vez em cada mundo.

Seria admissível esta doutrina, se todos os habitantes da Terra estivessem no mesmo nível intelectual e moral. Eles então só poderiam progredir indo de um mundo a outro e nenhuma utilidade lhes adviria da encarnação na Terra. Desde que aí se notam a inteligência e a moralidade em todos os graus, desde a selvajaria que beira o animal até a mais adiantada civilização, é evidente que esse mundo constitui um vasto campo de progresso. Por que haveria o selvagem de ir procurar alhures o grau de progresso logo acima do em que ele está, quando esse grau se lhe acha ao lado e assim sucessivamente? Por que não teria podido o homem adiantado fazer os seus primeiros estágios senão em mundos inferiores, quando ao seu derredor estão seres análogos aos desses mundos?

Se fosse assim, Deus houvera feito coisa inútil, colocando lado a lado a ignorância e o saber, a barbaria e a civilização, o bem e o mal, quando precisamente esse contato é que faz que os retardatários avancem.

Não há, pois, necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa de aperfeiçoamento, como não há de que o estudante mude de colégio para passar de uma classe a outra. Longe de ser isso vantagem para o progresso, ser-lhe-ia um entrave, porquanto o Espírito ficaria privado do exemplo que lhe oferece a observação do que ocorre nos graus mais elevados e da possibilidade de reparar seus erros no mesmo meio e em presença dos a quem ofendeu, possibilidade que é, para ele, o mais poderoso modo de realizar o seu progresso moral.

Após curta coabitação, dispersando-se os Espíritos e tornando-se estranhos uns aos outros, romper-se-iam os laços de família, à falta de tempo para se consolidarem. Ao inconveniente moral se juntaria um inconveniente material. A natureza dos

⁴ KARDEC, A. O evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 4. Item 25.

elementos, as leis orgânicas, as condições de existência variam, de acordo com os mundos; sob esse aspecto, não há dois perfeitamente idênticos. Os tratados de Física, de Química, de Anatomia, de Medicina, de Botânica etc., para nada serviriam nos outros mundos; entretanto, não fica perdido o que neles se aprende; não só isso desenvolve a inteligência, como também as ideias que se colhem de tais obras auxiliam a aquisição de outras. Se apenas uma única vez fizesse o Espírito a sua aparição, frequentemente brevíssima, num mesmo mundo, em cada imigração ele se acharia em condições inteiramente diversas; operaria de cada vez sobre elementos novos, com força e segundo leis que desconheceria, antes de ter tido tempo de elaborar os elementos conhecidos, de os estudar, de os aplicar. Teria de fazer, de cada vez, um novo aprendizado e essas mudanças contínuas representariam um obstáculo ao progresso. O Espírito, portanto, tem que permanecer no mesmo mundo, até que haja adquirido a soma de conhecimentos e o grau de perfeição que esse mundo comporta.

Que os Espíritos deixem, por um mundo mais adiantado, aquele do qual nada mais podem auferir, é como deve ser e é. Tal o princípio. Se alguns há que antecipadamente deixam o mundo em que vinham encarnando, é isso devido a causas individuais que Deus pesa em sua sabedoria.⁵

Por outro lado, é importante considerar que uma vez que existem centenas de bilhões de planetas no Universo, seria ilógico supor que somente a Terra (um planeta periférico numa galáxia periférica) pudesse ser palco das experiências reencarnatórias.

⁵ KARDEC, A. A gênese. Capítulo 11.

REPRODUÇÃO

Na denominada lei de reprodução, Kardec examina muitos tópicos inter-relacionados. Alguns destaques:

- A reprodução dos seres vivos é uma lei da Natureza, pois sem ela o mundo corporal pereceria.¹
- Não se deve temer o aumento progressivo da população, pois Deus a isso provê e mantém sempre o equilíbrio.²
- Não ser visto como contrário à Lei da Natureza o aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência. Tudo se deve fazer para chegar à perfeição e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir seus fins.³
- São contrários à Lei da Natureza as leis e os costumes humanos que têm por fim ou por efeito criar obstáculos à reprodução, pois que tudo o que embaraça a Natureza em sua marcha é contrário à lei geral.⁴
- O casamento, isto é, a união permanente de dois seres, é um progresso na marcha da humanidade. A abolição do casamento seria uma regressão à vida dos animais.⁵ O estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre todos os povos, se bem que em condições diversas. A abolição do casamento seria, pois, regredir à infância da humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes.⁶
- A poligamia é lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, tem que se fundar na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há afeição real: há apenas sensualidade.⁷

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 686.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 687.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 692.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 695.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 695.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 696.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 701.

- A indissolubilidade absoluta do casamento é uma lei humana muito contrária à da Natureza.⁸
- O celibato voluntário não representa um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus, e os que assim vivem, por egoísmo, desagradam a Deus e enganam o mundo. Quando o celibato configura um sacrifício com o fim de se votarem, de modo mais completo, ao serviço da Humanidade é meritório. Quanto maior o sacrifício, tanto maior o mérito.⁹

No século XIX, ou seja, no tempo de Kardec, associação entre casamento e reprodução era quase automática. Atualmente, com a evolução da sociedade, esses dois conceitos deixaram de ser necessariamente inter-relacionados. Uma vez que o próprio Kardec já entendia que o casamento é uma união entre almas, regida pelo afeto mútuo, logo, podemos entender que o conceito kardequiano contempla o casamento entre pessoas, independentemente de seu sexo biológico, portanto, independentemente de reprodução.

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 697.

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questões 698 e 699.

SACRIFÍCIO

A palavra *sacrifício*, etimologicamente, tem o sentido de “*fazer alguma coisa sagrada*”. No sentido primitivo e unicamente religioso, representa uma oferenda feita à divindade, por meio de rituais. A oferenda pode ser representada por uma pessoa ou animal vivo, ou ainda produtos de colheita vegetal, ou outros objetos.

É importante que se faça uma diferença entre o conceito religioso que se tem do termo e a sua concepção social ou popular. O fato de alguém exercer tarefas que certas religiões exigem dos adeptos, como, por exemplo, o pagamento do dízimo, não são sacrifícios, mas regras da prática religiosas. Raramente é usado em ciências sociais no seu significado popular de renúncia de qualquer coisa de valor em favor de qualquer autoridade superior ou objeto de respeito, ou dever.

O propósito declarado do sacrifício varia muito entre as diferentes culturas. Por extensão, o sacrifício pode ser considerado uma renúncia ou privação voluntária de alguma coisa. Neste sentido, Kardec opina que as privações voluntárias meritórias seriam representadas pela

[...] privação dos gozos inúteis, porque desprende da matéria o homem e lhe eleva a alma. Meritório é resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis; é o homem tirar do que lhe é necessário para dar aos que carecem do bastante.¹

Portanto, para Kardec, fazer o bem aos semelhantes é o maior mérito que as privações voluntárias podem proporcionar.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 720.

SEXOS NOS ESPÍRITOS

Em torno da sexualidade dos Espíritos, algumas questões são postas. Se eles mantêm a forma humana, então conservam o gênero masculino ou feminino? Há entre eles relação sexual? E se existe esse tipo de relação, podem reproduzir-se, no além? Allan Kardec ocupou-se dessa temática e teve oportunidade de apresentar suas ideias de forma didática e esclarecedora.

Em *O livro dos Espíritos*, Kardec grafou o seguinte:

Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutra, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles.¹

Kardec coloca que os sexos dependem da constituição orgânica e o Espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher em uma nova existência por serem os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres. Lembra também que quando somos Espíritos preferimos encarnar num corpo de homem ou de mulher dependendo das provas que tivermos de sofrer.²

Pelo dito, fica claro que os Espíritos não possuem polaridade sexual, gênero masculino/feminino, sendo, nesse particular, assexuados. Tal constatação, todavia, pode levantar o seguinte questionamento: como então, nas obras mediúnicas, ou nas sessões de intercâmbio com os desencarnados, eles se apresentam com a forma masculina e feminina?

A explicação é dada por Kardec, em ensaio publicado na *Revista Espírita*. Ele esclarece que sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu caráter se modifica conforme as circunstâncias e se dobra às necessidades e exigências impostas pelo mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do invólucro material, assim como não perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, características mais masculinas ou mais femininas, cujas marcas nele ficaram impressas. Somente quando chegado

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 822a.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questões 200 a 202.

a certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, a característica dos sexos.³

Importa considerar que as descrições do mundo dos Espíritos que recebemos via mediúncia referem-se a regiões muito próximas da crosta terrestre, habitadas por Espíritos ainda muito materializados, segundo refere Kardec, no texto acima. Quase nenhuma referência possuímos da vida dos Espíritos em esferas superiores. Nas esferas próximas da crosta há absoluta prevalência de Espíritos de evolução primária, que, em sua maioria, nem se dão conta da desencarnação, nutrindo apetites e ansiando vivências similares a que possuíam enquanto encarnados.

Kardec esclarece ainda que, nos Espíritos inferiores, seu perispírito aproxima-se mais do estado material e é isso que determina a persistência das ilusões da vida terrena nas entidades de baixa categoria. Eles pensam e agem como se ainda estivessem na vida física, tendo os mesmos desejos e, quase poderíamos dizer, a mesma sensualidade.⁴

Isso poderia explicar os relatos mediúnicos sobre Espíritos atormentados pelas emoções sexuais, verdadeiros vampiros da sexualidade de encarnados. Impossibilitados de saciarem sua libido, se acoplam magneticamente a pessoas com as quais sintonizam, absorvendo as emanções psíquicas liberadas durante o ato sexual.

É curioso observarmos que Kardec, no ensaio citado anteriormente, admite a hipótese de uma inversão da libido desencadeada pela reencarnação em um corpo físico que não corresponde à psicologia do Espírito, que vinha vivenciando muitas existências em apenas uma polaridade sexual (masculina ou feminina). Tal ocorrência poderia explicar alguns casos da homossexualidade.

Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal. Numa nova encarnação trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito. Mudando de sexo, poderá, então, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerente ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes, notadas no caráter de certos homens e de certas mulheres.⁵

³ KARDEC, A. Revista Espírita. Janeiro de 1866.

⁴ KARDEC, A. O livro dos médiuns. Item 74.

⁵ KARDEC, A. Revista Espírita. Janeiro de 1866.

O termo “anomalia” usado por Kardec, talvez se refira somente a uma variação da “norma”, ou seja, um comportamento diferente daquele considerado padrão. Muito provavelmente Kardec não quis dizer que pessoas com orientação sexual diferente de seu sexo biológico tivessem um caráter anômalo ou deformado, como o texto por ele escrito possa sugerir. Atualmente, “anomalia” é um termo infeliz, já que nem a Biologia e nem a Sociologia emitem nenhum tipo de juízo de valor acerca da orientação sexual dos indivíduos, enquanto sujeitos livres.

Mas afinal, os Espíritos desencarnados fazem sexo, ou seja, existem relações sexuais entre eles?

A resposta é não, segundo o pensamento de Allan Kardec. Em duas oportunidades, ambas registradas na *Revista Espírita*, Kardec expõe suas ideias de maneira indiscutível.

Os sexos só são necessários para a reprodução dos corpos; porque os Espíritos não se reproduzem, o sexo lhes seria inútil.⁶

As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isso mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria. Os sexos só existem no organismo. São necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão por que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.⁷

Admite Kardec que há entre eles amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos.⁸

Finalmente, examinando o sofrimento advindo das paixões carnis, Kardec coloca que embora as paixões não existam materialmente, ainda persistem no pensamento dos Espíritos menos adiantados.⁹ Referindo-se à impossibilidade do intercuro sexual entre eles, comenta que esse tipo de paixão causa suplício no espírito devasso, que observa as orgias entre os encarnados, sem poder delas participar.¹⁰

⁶ KARDEC, A. *Revista Espírita*. Junho de 1862.

⁷ KARDEC, A. *Revista Espírita*. Janeiro de 1866.

⁸ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 200.

⁹ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 972.

¹⁰ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*. Questão 972a.

SIMPATIAS E ANTIPATIAS

Os Espíritos cultivam entre si a simpatia geral destinada pelas suas próprias semelhanças. Além desta simpatia de caráter geral, existem, também, as afeições particulares, tal como as há entre os homens. Esta afeição particular decorre do princípio de afinidade, como resultado de uma perfeita concordância de seus pendores e instintos.¹

Assim como há simpatia entre os Espíritos, também há antipatia, alimentada pelo ódio, que geram inimizades e dissensões. Este sentimento, todavia, só existe entre os Espíritos impuros que ainda não venceram o egoísmo e o orgulho. Como exercem influência junto aos homens, acabam estimulando nestes os desentendimentos e as discórdias, muito comuns na vida humana.²

Desde que originada de verdadeira simpatia, a afeição que dois seres se consagram na Terra continua a existir sempre no mundo dos Espíritos.³

Por sua vez, os Espíritos a quem fizemos mal neste mundo poderão perdoar-nos se já forem bons e segundo o nosso próprio arrependimento. Se, porém, ainda forem maus, podem guardar ressentimento e nos perseguirem muitas vezes até em outras existências.⁴

Allan Kardec, estudando a causa das simpatias e antipatias que se manifestam entre pessoas que se avistam pela primeira vez, diz serem criaturas que se conheceram e que muitas vezes se amaram em outra vida e que, ao se encontrarem nesta, atraem-se mutuamente. Também as antipatias instintivas provêm, vez por outra, de relações anteriores.⁵ Lembra Kardec que esses sentimentos podem ter outra causa, relacionada não a vivências anteriores, mas sim a personalidade das pessoas envolvidas, à condição moral, os gestos e tendências, enfim, a própria maneira do indivíduo ser, pensar e agir.⁶

Informa, também, que os encontros, que costumam dar-se, de algumas pessoas e que comumente se atribuem ao acaso, podem ser efeito de uma certa relação de simpatia. Esclarece que entre os seres pensantes

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 291.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 292.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 297.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 295.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 386.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 387.

há ligação que ainda não conhecemos. O magnetismo é o piloto desta ciência, que mais tarde compreenderemos melhor.⁷

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 388.

SOCIEDADE

Ao examinar aquilo que denominou de Lei de Sociedade, Kardec apresentou os seguintes conceitos:

- A vida social está na Natureza. Deus fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.¹
- É contrário a Lei da Natureza o insulamento absoluto, pois que por instinto os homens buscam a sociedade e todos devem concorrer para o progresso, auxiliando-se mutuamente.²
- Procurando a sociedade, não fará o homem mais do que obedecer a um sentimento pessoal. O homem tem que progredir. Insulado, não lhe é isso possível, por não dispor de todas as faculdades. Falta-lhe o contato com os outros homens. No insulamento, ele se embrutece e estiola. Homem nenhum possui faculdades completas. Mediante a união social é que elas umas às outras se completam, para lhe assegurarem o bem-estar e o progresso. Por isso é que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não insulados.³
- Pode considerar-se meritório esse retraimento, quando aqueles que fogem do mundo se dedicam ao mister de socorrer os desgraçados. Esses se elevam, rebaixando-se. Têm o duplo mérito de se colocarem acima dos gozos materiais e de fazerem o bem, obedecendo à lei do trabalho.⁴
- Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família igualmente. Ambos constituem uma lei da Natureza. Quis Deus que, por essa forma, os homens aprendessem a amar-se como irmãos.⁵
- Para a sociedade, o resultado do relaxamento dos laços de família seria a recrudescência do egoísmo.⁶

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questões 766 a 768.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 768.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 768.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 771.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 774.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 775.

SONAMBULISMO

O sonambulismo é um distúrbio de comportamento que se origina durante o sono quando, por uma alteração no funcionamento normal do cérebro, apesar de continuar dormindo, o indivíduo consegue desempenhar algumas atividades motoras próprias do estado de vigília como caminhar, comer e falar.

Não é esse o conceito de sonambulismo encontrado nas obras de Kardec. *Sonambulismo*, para Kardec, era a faculdade que possuíam certos sensitivos, que lhes permitiam se afastar do corpo, e desenvolver as mais diferentes tarefas. Admitia-se dois tipos de sonambulismo: o natural e o provocado. No sonambulismo natural o sensitivo se deslocava do corpo espontaneamente, e no provocado, o afastamento se verificava apenas a partir da influência de um magnetizador.

No Vocabulário Espírita, que consta do livro *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*, Kardec esclarece:

Sonambulismo – do lat. *somnus*, o sono e *ambulare*, andar, passear. Estado de emancipação da alma mais completo do que no sonho. O sonho é um sonambulismo imperfeito. No sonambulismo a lucidez da alma, isto é, a sua faculdade de ver, que é um dos atributos de sua natureza, é mais desenvolvida: ela vê as coisas com mais precisão e clareza; o corpo pode agir sob o impulso da vontade da alma. O esquecimento absoluto no momento de despertar é um dos sinais característicos do verdadeiro sonambulismo, porque a independência da alma e do corpo é mais completa do que no sonho.

Sonambulismo magnético ou artificial é aquele provocado pela ação que uma pessoa exerce sobre outra, por meio do fluido magnético que derrama sobre esta. Sonambulismo natural, o que é espontâneo e se produz sem provocação e sem a influência de um agente exterior. A expressão sonambulismo praticamente desapareceu na literatura mediúnica contemporânea, sendo substituída pela expressão *desdobramento espiritual*.

SONO E SONHOS

Uma propriedade do Espírito encarnado é o seu desprendimento do corpo físico, que lhe permite afastar-se momentaneamente dele. Kardec denominou essa propriedade de *emancipação da alma*. A emancipação da alma é um fenômeno que se relaciona a várias situações ou circunstâncias da vida humana, entre elas, o sono.

De acordo com Kardec, enquanto o corpo repousa, mantendo-se adormecido, não necessitando da presença do Espírito para comunicarlhe atividades físicas ou mentais, este se liberta, afasta-se do corpo, reintegra-se em suas faculdades perceptivas e ativas, passando a agir a distância do instrumento físico.

Nesse sentido, graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Quando o corpo se entorpece, seja qual for a causa, sono natural ou artificialmente provocado pela hipnose, sonambulismo, drogas, medicamentos (narcose) etc., a alma se emancipa, desprende-se parcialmente e pode entrar em relação com o plano espiritual.

Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

- “Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo Espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.”¹

Lembra Kardec que se pode julgar da atividade do Espírito durante o sono pelos sonhos.²

O sonho seria a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Essas lembranças são, geralmente, fragmentárias e tê-las mais nitidamente depende do grau de desenvolvimento das percepções psíquicas. Às lembranças das cenas reais, vivenciadas pelo Espírito emancipado do corpo, somam-se preocupações da vida diária e lembranças do passado, tornando inviável, muitas vezes, a interpretação dos sonhos.

Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que mais independente se torna pela suspensão da vida ativa e de relação.

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 401.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 402.

Daí uma espécie de clarividência indefinida que se alonga até aos mais afastados lugares e até mesmo a outros mundos. Daí também a lembrança que traz à memória acontecimentos da precedente existência ou das existências anteriores. As singulares imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, é que formam esses conjuntos estranhos e confusos, que nenhum sentido ou ligação parecem ter. A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas que apresenta a recordação incompleta que conservamos do que nos apareceu quando sonhávamos. é como se a uma narração se truncassem frases ou trechos ao acaso. Reunidos depois, os fragmentos restantes nenhuma significação racional teriam.³

Conforme o que se sabe na ciência atual, o sono e o sonho permanecem na qualidade de profundos mistérios. Não temos nenhuma evidência científica que dê conta de explicar por que precisamos dormir (e dormir tantas horas por dia). Hoje se sabe que não há repouso nem descanso, nem do corpo e nem do cérebro, durante as várias fases do nosso sono.

Um fato digno de nota é que dormir não é um privilégio humano, não sendo, portanto, privilégio de Espíritos encarnados. Répteis, aves, todos os mamíferos — e talvez até peixes e animais invertebrados — também dormem e sonham, às vezes mais do que os humanos. Há aves migratórias que dormem durante o voo, com um hemisfério cerebral acordado e o outro dormindo. Isso também ocorre em golfinhos.

O sono nada mais é do que um estado de consciência no qual damos menos conta do que ocorre à nossa volta. Entre os extremos da vigília total e do sono profundo, temos vários estágios intermediários, nos quais as ondas cerebrais vão disparando com frequência mais lenta e com maior amplitude. Esse é o chamado sono de ondas lentas, ou sono não REM (abreviado NREM). Ele tem três fases: sonolência inicial (quando começamos a adormecer), sono leve e sono profundo. No sono profundo a atividade cerebral é lenta. O sono NREM predomina na primeira metade do sono.

Na segunda metade do sono, já predomina um tipo de sono muito peculiar, no qual os olhos se movem freneticamente sob as pálpebras, daí o chamarmos de sono REM (sigla em inglês para movimento rápido dos

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 402.

olhos). É nessa fase que os sonhos são registrados (embora não se tenha certeza de que não sonhemos na fase NREM — talvez sonhemos, mas não conseguimos nos lembrar ao acordarmos). Durante o REM ocorre algo insólito: enquanto os músculos do corpo estão paralisados (para que não nos movamos conforme nossos sonhos), o cérebro se encontra em franca atividade (apresentando ondas na mesma frequência que na vigília, ou seja, no REM o corpo dorme enquanto o cérebro está acordado). Sabe-se que os sonhos ocorram no sono REM, pois, se acordarmos alguém nesse momento, ele se recordará — ainda que de forma embaçada — do que estava sonhando, e essa memória vai se dissipando gradualmente.

Um fato interessante é que, nos animais que têm pálpebras (que foi uma conquista tardia do processo evolutivo), acredita-se que ocorram sonhos, como em nós. Entretanto, como os animais não têm uma linguagem como a nossa, não temos como saber o conteúdo desses sonhos.

Durante o sono (NREM e REM), em diversas espécies animais, ocorrem fenômenos importantes para a manutenção da saúde, como: produção de hormônios, fortalecimento da imunidade, remoção de toxinas produzidas pelo metabolismo dos neurônios durante a vigília, consolidação da memória de eventos e da memória motora, esquecimento de memórias que já não são mais úteis para a sobrevivência etc. Mas o fato é que quase nada ainda sabemos sobre o sono e muito menos sobre os sonhos (já que esses envolvem, inclusive, o fenômeno da consciência — que ainda é um dos maiores mistérios da neurociência).

Diferentemente de Kardec, que, à sua época, explicava o sono e os sonhos como manifestações advindas da interação Espírito-corpo, hoje a ciência sabe que tais fenômenos (tanto sono quanto sonhos) ocorrem — e muito — entre os animais, que Kardec não considerava possuidores de Espíritos. Isso, porém, não implica que, especificamente no caso dos seres humanos, a hipótese de Kardec seja, necessariamente, impossível.

SOFRIMENTO

O sentido do sofrimento humano tem sido tema de grande relevância entre os filósofos teístas e os teólogos. Raras vezes entram em acordo quanto as raízes dos dissabores humanos. Kardec examinou o tema e propôs algumas ideias:

- As aflições da vida são muitas vezes a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, tanto menos tormentos. Aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam desses defeitos. Os Espíritos que seguem o caminho do bem, chegam mais depressa ao fim, e, por isso, sofrem menos.¹
- Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós; muito mais vezes, contudo, são devidos à nossa vontade. Remonte cada um à origem deles e verá que a maioria de tais sofrimentos são efeitos de causas que lhe teria sido possível evitar. Quantos males, quantas enfermidades não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? Aquele que sempre vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria.²
- Se não houvesse na Terra gente de maus costumes, o Espírito não encontraria aí meio apropriado ao sofrimento de certas provas? É o que ocorre nos mundos superiores, onde o mal não penetra.³
- Os Espíritos bons mais se afligem pelos nossos males devidos a causas de ordem moral, do que pelos nossos sofrimentos físicos, todos passageiros. Pouco se incomodam com as desgraças que apenas atingem as nossas ideias mundanas, tal qual fazemos com as mágoas pueris das crianças. Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, os Espíritos as consideram como a crise ocasional de que resultará a

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 133.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 257.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 260a.

salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos de um amigo. Porém, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, os apreciam de um modo diverso do nosso.⁴

- A lei natural traça para o homem o limite das suas necessidades. Se ele ultrapassa esse limite, é punido pelo sofrimento. Se atendesse sempre à voz que lhe diz — basta, evitaria a maioria dos males, cuja culpa lança à Natureza.⁵
- Há situações nas quais os meios de subsistência de maneira alguma dependem da vontade do homem, sendo-lhe a privação do de que mais imperiosamente necessita uma consequência da força mesma das coisas? É isso uma prova, muitas vezes cruel, que lhe compete sofrer e à qual sabia ele de antemão que estaria exposto. Seu mérito então consiste em submeter-se à vontade de Deus, desde que a sua inteligência nenhum meio lhe faculte de sair da dificuldade. Se a morte vier colhê-lo, cumpra-lhe recebê-la sem murmurar, ponderando que a hora da verdadeira libertação soou e que o desespero no derradeiro momento pode ocasionar-lhe a perda do fruto de toda a sua resignação.⁶
- Os sofrimentos deste mundo nos elevam, se os suportarmos devidamente. Isso não se dá com os que nós mesmos nos criamos. Os sofrimentos naturais são os únicos que elevam, porque vêm de Deus. Os sofrimentos voluntários de nada servem, quando não concorrem para o bem de outrem. Supões que se adiantam no caminho do progresso os que abreviam a vida, mediante rigores sobre-humanos, como o fazem os bonzos, os faquires e alguns fanáticos de muitas seitas? Por que de preferência não trabalham pelo bem de seus semelhantes? Vistam o indigente; consolem o que chora; trabalhem pelo que está enfermo; sofram privações para alívio dos infelizes e então suas vidas serão úteis e, portanto, agradáveis a Deus. Sofrer alguém voluntariamente, apenas por seu próprio bem, é egoísmo; sofrer pelos outros é caridade: tais os preceitos do Cristo.⁷

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 487.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 633.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 798.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 726.

- Deveremos cuidar de preservar-nos dos sofrimentos que prevejamos ou nos ameacem. Contra os perigos e os sofrimentos é que o instinto de conservação foi dado a todos os seres. Combatendo nossas más faremos muito mais pelo nosso adiantamento do que nos infligindo rigores que já não são deste século.⁸
- Nos flagelos humanos tanto sucumbe o homem de bem como o perverso. Aparentemente não parece justo isso. Importante considerar que durante a vida, o homem tudo refere ao seu corpo; entretanto, de maneira diversa pensa depois da morte. Ora, a vida do corpo bem pouca coisa é. Um século no nosso mundo não passa de um relâmpago na eternidade. Logo, nada são os sofrimentos de alguns dias ou de alguns meses, de que tanto nos queixamos. Representam um ensino que se nos dá e que nos servirá no futuro. Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real.⁹
- Aquele que foi causa do sofrimento para seus semelhantes estará numa condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer. Este o sentido das palavras de Jesus: Quem matou com a espada, pela espada perecerá.¹⁰
- O sofrimento está por toda parte. As classes sofredoras são mais numerosas, por ser a Terra lugar de expiação. Quando a houver transformado em morada do bem e de Espíritos bons, o homem deixará de ser infeliz aí e ela lhe será o paraíso terrestre.¹¹
- Assim como, quase sempre, é o homem o causador de seus sofrimentos materiais, também o será de seus sofrimentos morais. Os sofrimentos materiais algumas vezes independem da vontade; mas o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, numa palavra, são torturas da alma. Com as suas paixões, o homem cria para si suplícios voluntários, tornando-se-lhe a Terra verdadeiro inferno.¹²

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 727.

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 727a.

¹⁰ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 764.

¹¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 931.

¹² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 933.

- De ordinário, o homem só é infeliz pela importância que liga às coisas deste mundo. Fazem-lhe a infelicidade a vaidade, a ambição e a cobiça desiludidas. Se se colocar fora do círculo acanhado da vida material, se elevar seus pensamentos para o infinito, que é seu destino, mesquinhas e pueris lhe parecerão as vicissitudes da humanidade, como o são as tristezas da criança que se aflige pela perda de um brinquedo, que resumia a sua felicidade suprema. Aquele que só vê felicidade na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros é infeliz, desde que não os pode satisfazer, ao passo que aquele que nada pede ao supérfluo é feliz com os que outros consideram calamidades.¹³
- A duração dos sofrimentos do culpado se baseia no tempo necessário a que se melhore. Sendo o estado de sofrimento ou de felicidade proporcionado ao grau de purificação do Espírito, a duração e a natureza de seus sofrimentos dependem do tempo que ele gaste em melhorar-se. À medida que progride e que os sentimentos se lhe depuram, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza.¹⁴

¹³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 933.

¹⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 1004.

SUICÍDIO

Kardec admitiu três tipos de suicídio:

- Suicídio moral, que acontece em pessoas acometidas por paixões que eles sabiam que lhes haviam de apressar o fim, porém a que já não podiam resistir, por havê-las o hábito mudado em verdadeiras necessidades físicas. Segundo Kardec, nesse caso, o homem é duplamente culpado por haver nele e falta de coragem e bestialidade, acrescidas do esquecimento de Deus.¹
- Suicídio inconsciente, ou involuntário, os que se verificam por força da embriaguez e da loucura.²
- Suicídios conscientes, ou voluntários, que, sejam quais forem os motivos particulares, a causa geral é sempre o descontentamento.³

A quase totalidade de suas reflexões em torno do suicídio se limita ao suicídio consciente. Sobre ele, destacam-se, no pensamento de Kardec, os aspectos seguintes:

- O desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos decorre da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade. Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e conforme as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.⁴
- Não tem o homem o direito de dispor da sua vida. Só a Deus assiste esse direito. O suicídio voluntário importa numa transgressão desta lei.⁵

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 952.

² KARDEC, A. O evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 5.

³ KARDEC, A. O evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 5.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 943.

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 944.

- Os que hajam conduzido o desgraçado a esse ato de desespero sofrerão as consequências de tal proceder, pois responderão como por um assassínio.⁶
- Todo sacrifício que o homem faça à custa da sua própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque resulta da prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem terreno a que maior apreço dá o homem, não comete atentado o que a ela renuncia pelo bem de seus semelhantes: cumpre um sacrifício; mas, antes de o cumprir, deve refletir sobre se sua vida não será mais útil do que sua morte.⁷
- Não podem ser consideradas suicidas as mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre os corpos dos maridos. Obedecem a um preconceito e, muitas vezes, mais à força do que por vontade. Julgam cumprir um dever e esse não é o caráter do suicídio. Encontram desculpa na nulidade moral que as caracteriza, na sua maioria, e na ignorância em que se acham. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com o advento da civilização.⁸
- Muito diversas são as consequências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma consequência a que o suicida não pode escapar: é o desapontamento. A sorte, porém, não é a mesma para todos: depende das circunstâncias; alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.⁹
- O homem que se suicida está superexcitado, tem a cabeça transtornada e realiza esse ato sem coragem nem temor e, por assim dizer, sem ter a consciência do que faz. Se pudesse escolher, não verieis tantos suicidas.¹⁰

Esse último pensamento foi apresentado por São Luís, diretor espiritual da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Curiosamente, a

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 946a.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 951.

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 955.

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 957.

¹⁰ KARDEC, A. Revista Espírita. Novembro de 1859.

relação entre transtornos mentais vem sendo cada vez mais relacionada a maioria dos casos de suicídio. Segundo o renomado psiquiatra norte-americano, Jeffrey Lieberman,

a grande maioria dos casos de suicídio se dá em pessoas com transtornos mentais. Mas nem todos se matam. Estudos mostram que os que se matam possuem excesso de receptor de serotonina no núcleo dorsal da rafe, no tronco cerebral.¹¹

Também assim pensa a psiquiatra espírita Tais Moriyama:

O suicídio não é uma escolha. É o resultado de uma mente desequilibrada que não consegue, naquele momento encontrar soluções para os seus problemas. A maior parte dos sobreviventes de uma tentativa de suicídio sentem-se aliviados por não ter conseguido. Se fosse de fato uma escolha sensação seria de frustração e não de alívio. Eles querem fugir de uma situação dolorosa, que, às vezes, nem é tão grave.¹²

Importante lembrar que Kardec não relaciona o suicídio a uma falha moral, considerando como ético ou moral aquilo que atinge diretamente outra pessoa. O suicida não pode ser comparado aos predadores que roubam, estupram ou matam em benefício próprio. Muitos suicidas foram personalidades de alto valor moral e que muito contribuíram em benefício do bem geral. Além do que, é extremamente raro que bandidos comuns e políticos e empresários corruptos se matem.

¹¹ LIEBERMAN, J. *Psiquiatria, uma história não contada*.

¹² MORYAMA, T. Entrevista à revista “O Consolador”

TIPTOLOGIA

Kardec denominou de *tiptologia* às comunicações obtidas por meio de pancadas. Muito limitados eram os recursos que oferecia esse meio primitivo, tudo se reduzindo, nas comunicações, a respostas monossilábicas, por — sim ou não, mediante convencionalizado número de pancadas.

Não tardou que a tiptologia se aperfeiçoasse e enriquecesse com um meio de comunicação mais completo, o da tiptologia alfabética, que consiste em serem as letras do alfabeto indicadas por pancadas. Podia-se obter-se então palavras, frases e até discursos inteiros. Conforme o método adotado, a mesa dará tantas pancadas quantas forem necessárias para indicar cada letra, isto é, uma pancada para o “A”, duas pancadas para o “B”, e assim por diante. Enquanto isto, uma pessoa irá escrevendo as letras à medida que forem sendo designadas. O Espírito faz sentir que terminou, usando de um sinal que se haja convencionalizado. Como se vê, este modo de operar é muito lento e consome longo tempo para as comunicações de certa extensão.

Os próprios Espíritos comunicantes sugeriram formas mais rápidas de comunicação. Inicialmente, a psicografia indireta, onde a escrita se dava por meio de cestas munidas de lápis, e, logo depois, a psicografia direta, obtida diretamente pelas mãos dos médiuns.

TRABALHO

Genericamente, o vocábulo *trabalho* pode ser definido como: ocupação em alguma obra ou ministério; exercício material ou intelectual para fazer ou conseguir alguma coisa.

O trabalho é lei da Natureza mediante a qual o homem forja o próprio progresso desenvolvendo as possibilidades do meio ambiente em que se situa, ampliando os recursos de preservação da vida, por meio das suas necessidades imediatas na comunidade social onde vive.¹

O trabalho, no entanto, não se restringe apenas a esforço de ordem material, física, mas, também intelectual, pelo labor desenvolvido, objetivando as manifestações da Cultura, do Conhecimento, da Arte, da Ciência, por isso foi definido por Allan Kardec como sendo *toda ocupação útil*.²

Mediante o trabalho, numa sociedade justa e equitativa, o homem modifica o meio e cria condições de conforto. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância quanto à inteligência. Por isso que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência em compensação. Mas é sempre um trabalho.³

A natureza do trabalho não é a mesma nos mundos evoluídos e nos inferiores por estar em relação com a natureza das necessidades. Quanto menos materiais são estas, menos material é o trabalho. Mas não devemos deduzir que o homem se conserve inativo e inútil.⁴

Ninguém se acha isento da lei do trabalho, exceto, obviamente, aqueles que incapacitados para o trabalho em decorrência de doenças ou velhice. Mesmo o homem que possua bens suficientes para lhe assegurarem a existência, não está dispensado da obrigação de tornar-se útil, conforme os meios de que disponha, nem de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que também é trabalho. Aquele a quem Deus facultou a posse de bens suficientes a lhe garantirem a existência não está, é certo, constrangido a alimentar-se com o suor do seu rosto, mas tanto maior lhe é a obrigação de ser útil aos seus semelhantes, quanto mais

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 674.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 675.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 676.

⁴ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 678.

ocasiões de praticar o bem lhe proporciona o adiantamento que lhe foi feito.⁵

Assim como o trabalho, o repouso também é uma Lei da Natureza. Segundo Kardec, o repouso possibilita reparar as forças do corpo e é também necessário para deixar um pouco mais de liberdade à inteligência que deve elevar-se acima da matéria.⁶

Lembra ainda Kardec, que o limite do trabalho é o limite das forças, portanto, deve o homem, sempre que possível, mobilizar recursos no sentido de tornar-se útil à comunidade em que está inserido. Assim, o conceito de aposentadoria, segundo Kardec, é uma condição puramente legal. O homem só estará dispensado da necessidade do trabalho quando não mais possuir forças para isto em função da idade ou de enfermidades.⁷

Examinando aqueles que abusam de sua autoridade, impondo a seus inferiores excessivo trabalho, Kardec coloca que isso é uma das piores ações. Todo aquele que pode mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porquanto, assim fazendo, transgredir a lei de Deus.⁸

Em uma reflexão sociológica em torno do trabalho, Kardec, afirma que não basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, tal qual a miséria.

A ciência econômica procura remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Esse equilíbrio, porém, dado seja possível estabelecer-se, sofrerá sempre intermitências, durante as quais não deixa o trabalhador de ter que viver. Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a *educação*, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres*, a que *incute hábitos*, porquanto *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*.

Considerando-se a aluvião de indivíduos, diariamente lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues

⁵ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 679.

⁶ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 682.

⁷ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 683.

⁸ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 684.

a seus próprios instintos, serão de espantar as consequências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de *ordem* e de *previdência* para consigo mesmo e para com os seus, *de respeito a tudo o que é respeitável*, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.⁹

⁹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 685a.

VOCAÇÃO

Kardec relaciona as vocações profissionais ao progresso efetuado em existência anterior e à escolha das provas.¹ Complementando o pensamento de Kardec, a obra mediúmica de Chico Xavier mostra que a escolha das diferentes atividades profissionais é assinalada por alguns Espíritos, previamente à experiência corpórea. Preparando-se para tal desiderato, as entidades reencarnantes se inserem em treinamentos e estudos específicos.

Lembra Kardec que por meio da especialidade das aptidões naturais Deus indica a nossa vocação neste mundo. Muitos dos nossos males, acrescenta ele, advirão de não seguirmos essa vocação. Adverte, também, que muitas vezes são os pais que, por orgulho ou avareza, desviam seus filhos da senda que a natureza lhes traçou, comprometendo-lhes a felicidade, por efeito desse desvio.²

No afastarem-se os homens da sua esfera intelectual reside indubitavelmente uma das mais frequentes causas de decepção. A inaptidão para a carreira abraçada constitui fonte inesgotável de reveses. Depois, o amor--próprio, sobrevindo a tudo isso, impede que o que fracassou recorra a uma profissão mais humilde e lhe mostra o suicídio como remédio para escapar ao que se lhe afigura humilhação. *Se uma educação moral o houvesse colocado acima dos tolos preconceitos do orgulho, jamais se teria deixado apanhar desprevenido.*³

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 270.

² KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 928.

³ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 928a.

VONTADE

Kardec admite ser a *vontade* o mais eficaz instrumento no combate às más inclinações.¹ Coloca, também, que devemos resistir com toda a nossa energia aos arrastamentos que podem enfraquecer a vontade.²

Mas, para Kardec, o que significa *vontade*? Kardec vai defini-la em um discurso pronunciado na Sociedade Espírita de Paris, e reproduzido na *Revista Espírita*:

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento, o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito; é o próprio pensamento chegado a certo grau de energia; é o pensamento transformado em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas se tem a força de agir sobre os órgãos materiais, quanto maior não deve ser essa força sobre os elementos fluídicos que nos rodeiam!³

Da conceituação de Kardec extraímos algumas lições:

- Não se deve considerar a vontade como um atributo isolado e autônomo do Espírito, diferenciando-a da inteligência, das propensões artísticas, da religiosidade etc.
- Deve ser considerada um pensamento em ação, que se move no sentido de uma realização, da concretização de algo, que existiu inicialmente apenas no campo mental.
- A vontade se consuma quando faz acontecer: *força motriz*, ou seja, uma energia que move, que age, que gera alguma coisa, que produz, que tem consequências.
- Devemos diferenciá-la do *desejo*, porque o *desejo* é um querer adiado, postergado, que ainda não se deu; enquanto a *vontade* é um querer se materializando, acontecendo. Ilustrando com dois exemplos: O fumante que *deseja* parar de fumar, mas ainda não o fez. Está na dimensão do desejo, programado apenas, mas

¹ KARDEC, A. O livro dos Espíritos. Questão 900.

² KARDEC, A. O evangelho segundo o Espiritismo. Capítulo 5. Item 25.

³ KARDEC, A. Revista Espírita. Dezembro de 1864.

não concretizado. Uma pessoa obesa que, usando a *vontade*, perdeu dez quilos. Trata-se de vontade, porque fez acontecer.

A distinção acima, entre desejo e vontade, é meramente ilustrativa e didática. Em verdade, na prática, tanto desejo quanto vontade estão no campo da intenção, ou seja, do pensamento. A diferença está na intensidade. O desejo seria uma vontade “morna”, ou seja, uma intenção em processo de elaboração mental. Já a vontade seria um desejo mais “pulsante”, algo já se transformando em ação, em ato.

BIBLIOGRAFIA

- Bozzano, Ernesto. *Fenômenos premonitórios*. 1a. edição. Editora CELD. 2016.
- Campos, Humberto de; Xavier, Francisco Cândido. *Crônicas de além-túmulo*. 17a. edição. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.
- Chaves, Chrystian; Matos, Ely; Baesso, Ricardo. *Personalidades Enfermas*. Editora Virtual O Consolador. 2022.
- Comte-Sponville, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. 2a. edição. Editora Positivo. 2009.
- Denis, Leon. *Depois da morte*. 28a. edição. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.
- Emmanuel; Xavier, Francisco Cândido. *O Consolador*. Federação Espírita Brasileira (FEB). 1985.
- Fodor, Nandor. *Encyclopedia of Psychic Science*. University Books. 1974.
- Geley, Gustave. *Do inconsciente ao consciente*. Tradução: Abílio Ferreira Filho. Autores Espíritas Clássicos. 2013.
- Geley, Gustave. *Resumo da doutrina espírita*. Editora LAKE. 1975.
- Kardec, Allan. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. 53a. edição. Tradução: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*. Tradução: Júlio Abreu Filho. Editora Pensamento. 1995.
- *O Espiritismo na sua expressão mais simples*. Tradução: Evandro Noletto Bezerra. Brasília: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2006.
- *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 131a. edição. Tradução: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *O Livro dos Espíritos*. 93a. edição. Tradução: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *O céu e o inferno ou a justiça divina segundo o Espiritismo*. 61a. edição. Tradução: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.

- *O livro dos médiuns*. 81a. edição. Tradução: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *O que é o Espiritismo*. 56a. edição. Tradução da Redação de Reformador em 1884. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *Obras póstumas*. 41a. edição. Tradução: Guillon Ribeiro. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos*. 4a. edição. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Brasília: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- *Viagem espírita em 1862*. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Brasília: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2005.
- Lieberman, Jeffrey. *Psiquiatria, uma história não contada*. 1a. edição. Editora WMF Martins. 2016.
- Luiz, André; Xavier, Francisco Cândido Xavier. *Ação e reação*. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.
- Luiz, André; Xavier, Francisco Cândido Xavier; Vieira, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2020.
- Luiz, André; Xavier, Francisco Cândido; Vieira, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.
- Moriyama, Tais. “Entrevista.” *Revista Eletrônica “O consolador”*. 10 de setembro 2017. <http://www.oconsolador.com.br/ano11/533/entrevista.html>. Acesso em 14 de outubro de 2023.
- Pascal, Blaise. *Pensamentos*. Montecristo Editora. 2021.
- Perandrea, Carlos A. *A Psicografia à Luz da Grafoscopia*. Editora Fé. 1991.
- Sheldrake, Rupert. *Ciência sem dogmas*. Editora Cultrix. 2014.
- Vásquez, Adolfo Sanchez. *Ética*. 36a. edição. Editora Civilização Brasileira. 2014.
- Wantuil, Zêus. *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. 6a. edição. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.
- Weil, Simone. *Espera de Deus*. Editora Vozes. 2019.
- Yamamoto, Maria Emília; Valentova, Jaroslava Varella (Org.). *Manual de psicologia evolucionista*. Editora UFRN. 2018.

AUTORES

Carlos Alberto Mourão Jr.

Professor titular de Fisiologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, médico, bacharel em Direito, licenciado em Filosofia, licenciado em História, licenciado em Matemática. Autor dos livros *Curso de Biofísica*, *Biofísica Essencial*, *Fisiologia Essencial*, *Neuroanatomia Essencial*, *Genética Essencial*, *Histologia Essencial*, *Farmacologia Essencial*, *Fisiologia Humana* e *Biofísica Conceitual*. Coautor do livro *Que Somos Nós*.

Ely Edison Matos

Membro do movimento espírita de Juiz de Fora/MG há aproximadamente 30 anos. Membro da coordenação do Projeto Allan Kardec (projetokardec.ufjf.br). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Analista de Tecnologia da Informação da UFJF. Fundador da comunidade espírita virtual espirita.info. Coautor dos livros *Jesus segundo o Espiritismo*, *Entre o bem e o mal* e *Personalidades enfermas*.

Ricardo Baesso de Oliveira

Médico, membro do Conselho Editorial da revista *O Consolador*, é autor do e-book *O sentido da reencarnação*, publicado pela EVOC e coautor dos livros *Breve história de todos nós*, *Que somos nós*, *Jesus segundo o Espiritismo*, *Personalidades enfermas* e *Entre o bem e o mal*.